

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

GLAUCY RAMOS FIGUEIREDO

**O GÊNERO PROVERBIAL NA IMPRENSA: USOS E FUNÇÕES
RETÓRICAS**

Recife-PE

2012

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

**O GÊNERO PROVERBIAL NA IMPRENSA: USOS E FUNÇÕES
RETÓRICAS**

GLAUCY RAMOS FIGUEIREDO

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em Linguística.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Angela Paiva Dionisio

Recife-PE

2012

Catálogo na fonte
Bibliotecária Gláucia Cândida da Silva, CRB4-1662

F475g Figueiredo, Glaucy Ramos.
O gênero proverbial na imprensa: usos e funções retóricas / Glaucy Ramos Figueiredo. – Recife: O autor, 2012.
161 f. : il.

Orientador: Angela Paiva Dionísio.
Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Pernambuco, CAC.
Letras, 2012.
Inclui bibliografia e anexos.

1. Linguística. 2. Provérbios. 3. Retórica. 4. Jornais. I. Dionísio, Angela Paiva (Orientador). II. Título.

410 CDD (22.ed.) UFPE (CAC2012-57)

GLAUCY RAMOS FIGUEIREDO

**O GÊNERO PROVERBIAL NA IMPRENSA: USOS E FUNÇÕES
RETÓRICAS**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em Letras, da Universidade Federal de
Pernambuco, como requisito parcial para a
obtenção do título de Doutora em Linguística.

Banca Examinadora

Prof^a. Dr^a. Ângela Paiva Dionisio – Orientadora

Linguística - UFPE

Prof^a. Dr^a. Judith Chambliss Hoffnagel – Membro

Linguística - UFPE

Prof^a. Dr^a. Fabiele Stockmans De Nardi – Membro

Linguística - UFPE

Prof^a. Dr^a. Normanda da Silva Beserra – Membro

IFPE

Prof^a. Dr^a. Valéria Severina Gomes – Membro

UFRPE

Julgado em: ____ / ____ / ____

Conceito: _____

Provérbios

*Muita verdade se esconde
Entre o céu e a terra
Cão que ladra não morde
Bom cabrito não berra*

*Minha terra tem curintias
Onde canta o curió
Não tem nada mais gostoso
Que o pastel da minha vó*

*Pergunte ao velho colombo
Que também usava franja
Se galinha velha é boa
Ou é melhor sua canja*

*Muito trabalho ele teve
Você sabe como é
Botar um ovo é fácil
Difícil é botar ele em pé*

*Tire o cavalo da chuva
Que depois o sol esquenta
Para curar um mau feito
Use chá e água benta*

*Mosca com boca fechada
E rato que roi a roupa
Sexta-feira dia 13
Panela velha dá sopa*

*Um gato que é escaldado
De água fria tem um medo*

*Ensinar o pulo do gato
Nem mais tarde e nem mais cedo*

*Teimoso como uma mula
É o canguru saltador
Aquilo que não tem cura
Só pode ser mal de amor*

*Não olhe os dentes do bicho
Se for um cavalo dado
Falar mal, bater no peito
Isso também é pecado*

*Pão de ló não deve dar
Pra quem dentes não tiver
Não discuta futebol
E nem bata em sua mulher*

*O macaco no seu galho
É preguiça o dia inteiro
Barata que é esperta
Não cruza o galinheiro*

*Periquito leva a fama
Papagaio come milho
O bolo não quer galocha
E o trem só anda no trilho*

*A galinha do vizinho
Fez isso a final de contas
Bota ovo amarelinho
Minhas quebradas são contas.*

(Adoniran Barbosa)

SUMÁRIO

RESUMO.....	i
ABSTRACT.....	ii
RÉSUMÉ.....	iii
LISTA DE ABREVIATURAS.....	iv
LISTA DE TABELAS E EXEMPLOS.....	v
INTRODUÇÃO.....	12
1.0 – A ORIGEM DOS PROVÉRBIOS.....	23
1.1 – Breve Histórico.....	24
1.2 – Definições Tradicionais de Provérbios.....	25
1.3 – Provérbio e Clichê.....	32
1.4 – O Aforismo, O Fragmento e a Máxima.....	33
1.5 – Definição Linguística de Provérbio.....	36
1.6 – Definição Supercultural de Provérbio.....	43
2.0 – A CONSTITUIÇÃO DO GÊNERO PROVERBIAL.....	45
2.1 – Gênero como Ação Retórica.....	45
2.2 – Definindo o Gênero Proverbial.....	47
2.3 – Gênero e Cultura.....	50
3.0 – OS PROVERBIOS NA CULTURA.....	60
3.1 – Provérbio e Contexto Sociocultural.....	60
3.2 – As Origens da Cultura Popular.....	62
3.3 – Provérbio e Cultura Popular.....	65
3.4 – Provérbios na Bíblia	67
3.5 – Os Provérbios na Inglaterra, França e Itália.....	71
3.6 – A Relação dos Provérbios com as Classes Denominadas “Eruditas”	73
3.7 – O Interesse pelo Estudo dos Provérbios nas Diversas Culturas.....	75
3.8 – As Diversas Fontes dos Provérbios na Europa.....	77
3.9 – Um Sistema Internacional de Tipos de Provérbios.....	82
3.10 – A Linguagem Popular Invade os Primeiros Periódicos Impressos no Brasil.....	86
4.0 – A RETÓRICA DOS PROVERBIOS NA IMPRENSA PARAENSE.....	89
4.1 – Marcas Estilosas nos Primórdios da Imprensa Paraense: Os Provérbios nos Periódicos de 1822-1860.....	89
4.2 – Provérbios Valem Argumentos: Os Provérbios no Período de Transição Império-República de 1876 – 1920	107
4.3 – A Desproverbialização na Imprensa Jornalística.....	127
4.4 – Provérbio e Interdiscursividade: O Discurso do Outro	129
4.5 – Os Usos dos Provérbios nos Jornais da Atualidade.....	136
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	149
REFERÊNCIAS.....	154
ANEXOS.....	162

RESUMO

O estudo investiga os usos e funções retóricas dos provérbios na Imprensa jornalística escrita, observando de que modo a escolha do provérbio se relaciona aos propósitos do sujeito que escreve para o jornal. A perspectiva teórica adotada associa os estudos sobre gêneros advindos da Sociorretórica, contribuições da Análise do Discurso, estudo de provérbios e conhecimentos da História Social da Linguagem. O editorial, a coluna política, a carta e a notícia são exemplos de gêneros que usam o saber proverbial recorrentemente no texto da imprensa jornalística. O *corpus* é constituído de uma amostra dos jornais que circularam na imprensa paraense no decorrer dos séculos XIX a XXI. Integram esse *corpus* os seguintes jornais: *O Paraense*, *A Província do Pará*, *Folha do Norte* e *Diário do Pará*. A pesquisa identificou como o posicionamento político, ideológico e social dos indivíduos que assinam os textos (pessoas/instituição) revela aspectos relacionados à fonte e à linguagem usada nos provérbios. Os dados coletados nos jornais pesquisados indicam que os articulistas usavam os provérbios para expressar pontos de vista, dar conselhos, ensinar, persuadir, coagir os leitores, dentre outras funções. Para verificar como os atores sociais se comportaram em relação ao uso desse tipo de *enunciado comum*, foram investigadas as informações deixadas na história, nos fatos e, principalmente, nos impressos. Como os jornais selecionados representam períodos distintos, é possível observar: a) como as pessoas que escreviam para o jornal usavam os provérbios; b) a relação entre a fonte e a época de circulação do provérbio; c) o perfil dos modos típicos de organização da linguagem, dos costumes e das regras sociais dos nossos escritores/leitores. A análise do material coletado permite concluir também que os provérbios assumem diferentes funções retóricas, as quais são reguladas pela relação intrínseca entre o contexto de uso, a época de circulação dos provérbios e os seus usuários.

Palavras-chave: gênero; provérbio; situação retórica; jornal impresso.

ABSTRACT

The study aims at investigating the rhetorical uses and functions of sayings in journalistic writing press, observing how their choice relates to the purposes of the person who writes to the newspaper. The theoretical perspective adopted associates the studies on genre from Social Rethoric, the contributions of Discourse Analysis, the study on sayings and the Social History of Language knowledge. The editorial, the political column, the letter and the news are examples of genre that recurrently use proverbial knowledge in the text of journalistic press. The *corpus* consists of a sample from newspapers which circulated in Pará press during the nineteenth to twenty first centuries. The following newspapers integrate this corpus: *O Paraense*, *A Província do Pará*, *Folha do Norte* and *Diário do Pará*. The research identified how the political, ideological and social positioning of the individuals who sign the texts (people/institution) reveals aspects related to the source and the language used in sayings. The data collected in the searched newspapers indicate that the newspaper writers used sayings to express views, to give advice, to teach, to give opinions, to persuade and to coerce reader, among other functions. In order to verify how social actors have behaved in relation to the use of this *common statement*, it was investigated the information left in the history, in the facts, and, especially, in the printed texts. As the selected newspapers represent different periods, it was possible to notice: a) how people who wrote to the newspaper used *sayings*; b) the relationship between the source and the period of the saying circulation; c) the profile of the typical ways of language organization, customs and social rules of the writers/readers. The analysis of the collected material also allowed to conclude that sayings have different rhetorical functions, which are governed by the intrinsic relationship between their context of use, the time of circulation and their users.

Keywords: genre; saying; rhetorical situation; newspaper.

L'étude vise à étudier les usages et les fonctions rhétoriques des proverbes dans la presse journalistique écrite, en notant par quelle façon le choix du proverbe se rend aux intentions du sujet qui a écrit pour le journal. La perspective théorique adoptée combine les études sur les genres provenus de la Socio-rhétorique, des contributions de l'analyse du discours, l'étude des proverbes et des connaissances de l'histoire sociale de la langue. L'éditorial, une chronique politique, la lettre et les nouvelles sont des exemples des genres de l'utilisation récurrente de la connaissance proverbiale trouvée dans le texte de la presse. Le corpus est constitué d'une preuve des journaux qui ont circulé dans la presse de l'état du Pará au cours du XIXe XXI siècle. Intègrent-ils ce corpus les journaux suivants : *O Paraense*, *A Província do Pará*, *Folha do Norte* et *Diário do Pará*. La recherche a tenté de déterminer comment le positionnement politique, idéologique et social des individus qui signent les textes (personne ou institution) révèle des aspects liés à la source et la langue utilisée dans les proverbes. Les données recueillies dans les journaux interrogés indiquent que les écrivains ont utilisé des proverbes pour exprimer ses opinions, donner des conseils, donner des avis, appuyer leurs arguments ou persuader les lecteurs. Pour voir comment les acteurs sociaux se comportent par rapport à l'utilisation de l'énonciation ordinaires, nous avons étudié les informations laissées dans l'histoire, des faits et surtout les journaux imprimées. Puisque les journaux recherchés sont à des périodes différentes, on peut voir : a) comment les gens qui écrivaient pour le journal ont utilisé les proverbes ; b) la relation entre la source et l'époque de circulation du proverbe ; c) le profil des manières typiques de l'organisation de la langue, des habits et des règles sociales de nos écrivains et lecteurs. L'analyse des données nous permet également de conclure que les proverbe ont différentes fonctions rhétoriques, lesquelles sont régies par la relation intrinsèque entre le contexte d'utilisation, le temps de circulation de proverbes et de leurs utilisateurs.

Mots-clés: genre; proverbe; situation rhétorique; journal imprimé.

LISTA DE ABREVIATURAS, SIGLAS E SÍMBOLOS

a.C. –	ANTES DE CRISTO
Cap. –	CAPÍTULO
CENTUR –	FUNDAÇÃO CULTURAL DO PARÁ TANCREDO NEVES
Deut –	DEUTERÔNIMO
Gen. –	GÊNESIS
Gl. –	GÁLATAS
Gr. –	GREGO
Lat. –	LATIM
(–) –	MENOS
(+) –	MAIS
(0) –	OPCIONAL
Mat. –	MATEUS
Pv. –	PROVÉRPIO
TOH –	TEORIA DA ORGANIZAÇÃO HUMANA
Ts. –	TESSALONICENSES
Vers. –	VERSÍCULO

LISTA DE QUADROS E EXEMPLOS

Quadro 1 –	Matriz de Aspectos.....	40
Exemplo 1 –	Coluna Miscellanea.....	52
Exemplo 2 –	Feitos para Inglês Ver.....	59
Exemplo 3 –	Jornal Diário do Gram-Pará.....	61
Exemplo 4 –	Jornal O Paraense.....	96
Exemplo 5 –	Jornal Diário do Gram-Pará.....	99
Exemplo 6 –	Jornal Diário do Gram-Pará.....	100
Exemplo 7 –	Jornal Diário do Gram-Pará.....	101
Exemplo 8 –	Carta de Abraão Lincoln.....	102
Exemplo 9 –	Jornal O Paraense.....	104
Exemplo 10 –	Jornal A Província do Pará.....	110-111
Exemplo 11 –	Jornal A Província do Pará.....	112
Exemplo 12 –	Jornal A Província do Pará.....	112
Exemplo 13 –	Jornal A Província do Pará.....	115
Exemplo 14 –	Jornal A Província do Pará.....	117-118
Exemplo 15 –	Jornal Folha do Norte.....	120-121
Exemplo 16 –	Jornal Folha do Norte.....	123 a 126
Exemplo 17 –	Os Provérbios do Planalto.....	133
Exemplo 18 –	<i>Slogan</i> Proverbial.....	135
Exemplo 19 –	“Um dia da pesca, outro do pescador”.....	137
Exemplo 20 –	“As aparências Enganam ”.....	140
Exemplo 21 –	“Longe dos olhos, longe do coração”.....	141
Exemplo 22 –	“Lágrimas de Crocodilo”.....	144
Exemplo 23 –	“Vivendo e aprendendo”.....	145
Exemplo 24 –	“Primeiro a devoção, depois a obrigação”.....	146
Exemplo 25 –	“A pressa é a inimiga da perfeição”.....	147

AGRADECIMENTOS

À profa. Dra. Angela Dionisio, pela confiança e apoio dedicados em todas as etapas da pesquisa, e também pela orientação realizada em lugares ‘pouco convencionais’ que tornaram os meus solitários fins de semana em Recife, em produtivas orientações acadêmicas.

Aos professores Marlos Pessoa e Judith Hoffnagel, pela prestimosa contribuição na qualificação deste trabalho e, sobretudo, no papel fundamental desempenhado por cada um respectivamente, nas etapas de ‘nascimento’ e ‘amadurecimento’ desta Tese.

À Pós-graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco, pela acolhedora receptividade em minha chegada ao curso do doutorado, nas pessoas de Diva e Jozaías.

Aos professores do curso de doutorado: Charles Bazerman, Dominique Maingueneau, Dóris Arruda, Gilda Lins, Sírio Possenti, Cristina Sampaio, Carolyn Miller e José Meurer, pelos ensinamentos recebidos e, principalmente, pela oportunidade de dialogar com diferentes teorias.

Aos meus colegas do curso de Letras e Pedagogia do Campus de Cametá da UFPA, Doriedson, Gilmar, Nonato, Odete e outros, pelo apoio na liberação imediata para a realização do doutorado na UFPE.

À Fundação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela concessão de Bolsa de estudo.

Aos meus pais, Luzia e Adevaldo, pela presença física e emocional em todas as etapas da minha vida. Aos irmãos, Junior, Glaucely, Nega e Gal, pelo auxílio prestado de diferentes maneiras na realização desta caminhada.

Ao meu esposo querido, Riba, pelo verdadeiro sentimento de companheirismo prestado a mim nos momentos difíceis desta longa jornada, por retirar as pedras que de vez em quando surgiam pelo caminho.

Às amigas, Aliete e Eliete, pelas contribuições de leituras críticas, sugestões e garimpos em sebos buscando relíquias proverbiais.

À minha inesquecível Dara, pela sua existência em minha vida.

INTRODUÇÃO

Quem não reconheceria os enunciados introduzidos pela fórmula: - *Como diz o ditado.... já dizia um antigo ditado...* ou *como diz a sabedoria popular*- ora desde criança vivenciamos situações em nosso próprio convívio familiar (mãe, pai, avó, etc.) de exposição aos mais variados tipos de *provérbios* e *frases feitas*. É na fase adulta que tomamos conhecimento dos contextos de uso dos provérbios e seus significados, o que permite saber em qual situação comunicativa deve-se empregar ou não o provérbio. Tal argumento reforça a ideia de que os provérbios são enunciados que sempre fizeram parte do nosso cotidiano, além de que eles estão presentes na fala midiática dirigida ao grande público como, por exemplo, programas televisivos, propagandas, *outdoor*, poesias, música popular, caricaturas, quadrinhos, slogans publicitários, discursos políticos, etc.

Esta tese tem por objetivo estudar não somente o gênero proverbial, a partir do texto do jornal impresso pela necessidade de compreender a trajetória realizada pelo próprio gênero em si, mas também verificar qual a função social do provérbio, observando, por exemplo, que tipo de conhecimento se espera do leitor do jornal ao se deparar com a presença do provérbio. O *autor* do texto usa o provérbio como forma de argumento? Para que tipo de argumento e para que tipo de público? Que tipo de ação é desencadeada quando o provérbio é usado? O que ele faz, quando aparece no texto? Ele argumenta, interroga, ensina, aconselha etc.

Sabemos que não é possível compreender o sentido dos provérbios retirando-os de compilações e dicionários, pois os significados dos provérbios mudam com o passar do tempo. Por isso o interesse de nossa pesquisa é relacionar o provérbio ao seu contexto sócio-histórico, discutindo e, algumas vezes, interpretando fatos históricos, acontecimentos políticos e particularidades do comportamento da sociedade já distanciadas do nosso tempo, mas que deixaram registros nos jornais impressos. Na intenção de verificar como os provérbios sofrem

‘o reflexo das mudanças que ocorrem na sociedade, é preciso considerar o seu funcionamento nas práticas sociais para verificar como o provérbio incorporou essas mudanças.

Ressaltamos que o período escolhido para investigar os usos dos provérbios foi orientado no sentido de buscar uma linha de continuidade em relação a esse uso. De modo que escolhemos para constituir o *corpus* da pesquisa 04 (quatro) importantes jornais que circularam ao longo dos séculos XIX e XXI no Estado do Pará: **O Paraense**: 1ª fase: (1822-1823); 2ª Fase: (1840-1842), **A Província do Pará** (1876-1985) e **Folha do Norte** (1896-1966). Para comparar com o uso dos provérbios na imprensa jornalística paraense da atualidade, analisamos ao final deste trabalho, algumas ocorrências de provérbios coletados no Jornal **Diário do Pará** (1982- atual), que circula atualmente no estado do Pará.

O *Paraense* foi o primeiro jornal impresso em Belém-PA, ao registrar a falta de intimidade com as letras impressas, o periódico significou uma ruptura no modelo de organização da vida pública da sociedade paraense. O segundo jornal escolhido foi *A Província do Pará*, que coincide com uma nova configuração da imprensa no Brasil, o momento é marcado pela valorização do papel social da imprensa na sociedade. O jornal surge na fase de consolidação da imprensa brasileira, quando as notícias publicadas no jornal interferem inclusive nas decisões sobre os rumos políticos do país. O terceiro jornal escolhido foi *Folha do Norte*, que representa simbolicamente o jornal da virada do século XIX, com as mudanças vividas no regime político, nos costumes e na linguagem. Este Jornal também desempenhou um papel importante na história política e cultural do Pará. Sobre a escolha dos jornais para a realização desta pesquisa cumpre destacar que cada um deles representa, em seu respectivo período de atuação, o jornal local de maior importância. O jornal *A Província do Pará* merece comentário a respeito de seu longo período de vigência, sendo o jornal que mais tempo durou no Estado do Pará, pois o seu período de atuação ultrapassou os cem anos de vida.

A coleta do material da pesquisa foi realizada na seção de jornais microfilmados e impressos disponíveis na Fundação Cultural Tancredo Neves, Arquivo do Grêmio Literário Português do Pará e *site* da Biblioteca Nacional. Isto vem preencher uma lacuna na pesquisa com esse tipo de fonte, já que são raros os estudos dessa natureza e, no caso dos jornais do Pará, é a primeira pesquisa com este propósito.

Por que o interesse em estudar provérbios?

O interesse pelo estudo dos provérbios não é novo, pelo contrário, desde os gregos o tema já exercia o fascínio dos oradores, dos filósofos ou simplesmente das pessoas que falavam em público. No século XVI, Erasmo de Roterdã e Martinho Lutero escreveram obras gigantescas sobre os provérbios em seus idiomas de berço. Nas escolas do século XVI, os provérbios eram ensinados e cumpriam com sua função didática. Os clássicos da Literatura também fizeram uso de provérbios. Obelkevich (1997: 60) assinala os registros de Rabelais e Cervantes que enchiam capítulos inteiros com eles, além de algumas peças de Shakespeare e outras obras literárias surgidas no século XVI.

Mas o diferencial de nossa abordagem reside na forma de ‘olhar’ o provérbio. Os enunciados proverbiais serão analisados a partir de sua constituição sócio-histórica, vislumbrando um olhar para o lugar social de origem do provérbio. É nesse enquadre que propomos observar como essas pequenas porções de enunciados constituem elementos de uma cadeia maior constituída de textos, autores, leitores, o meio onde os provérbios circulam e o jornal que lhe serve de suporte. Nessa perspectiva é necessário que o olhar para o gênero considere também os aspectos que estão nas interfaces entre o discurso e a sociedade.

Portanto a noção comum de provérbio como ‘tipo de enunciado cristalizado’ deve ser pensada com cautela já que partimos da discussão de que os provérbios não carregam um significado único e acabado, o que os coloca como entidades dinâmicas e ligadas às necessidades da vida social.

Para justificar nosso interesse pelo instigante tema ressaltamos que o foco da pesquisa reside fundamentalmente na compreensão e funcionamento dos *modos de dizer* dos enunciados proverbiais. O que significa identificar as funções argumentativas dos provérbios nos textos do jornal de diferentes épocas, verificando como a escolha do provérbio se relaciona aos propósitos daquele que escreve para o jornal. Salienta-se, contudo que a pesquisa considera o provérbio ora em sua forma cristalizada, ora através dos enunciados que foram reconstruídos ou recriados pelo produtor do texto, os *détournements*, como diz Maingueneau (2008), com o intuito de atender às novas imposições sociais e comunicativas.

Mieder (2004) assegura que os provérbios constituem peça importante do patrimônio cultural de um povo, assim como os mitos, as lendas, as histórias fantásticas, e os contos

populares fazem parte do repertório cultural, folclórico e histórico de uma comunidade. Conhecer e valorizar os elementos que constituem o repertório cultural de cada comunidade específica é dever de todos os indivíduos que dividem as mesmas regras e estão irmanados pela mesma herança cultural e histórica. Por isso a importância de resgatar através desta pesquisa o valor cultural e linguístico dos provérbios em nossa sociedade.

Outro aspecto importante diz respeito à sua forte vinculação com a cultura oral, já que o provérbio representa um importante legado das tradições e costumes que foram sendo repassados oralmente entre as sucessivas gerações. Essa preocupação com a origem e disseminação dos provérbios levou os paremiologistas ao levantamento dos provérbios em diferentes culturas, e isso resultou na produção de vários dicionários e listas exaustivas de frases proverbiais, desde o seu emprego pelos povos antigos até a contemporaneidade.

Na ausência dos argumentos acima levantados para justificar a necessidade de se estudar os provérbios em nosso idioma, ainda assim podemos levantar aquele que realmente se encontra na base de sustentação de todo e qualquer estudo sobre o tema- o uso de provérbios é uma realidade das línguas naturais-, logo temos que procurar entender essa tal realidade.

Perguntas de Pesquisa:

A pesquisa segue as orientações teóricas da Sociorretórica, História social da linguagem, vertentes da Análise do discurso (Maingueneau) e Estudos sobre Provérbios. De posse da discussão teórica advinda dessa escolha e dos aspectos levantados acima, pretendemos responder às seguintes perguntas:

1. De um ponto de vista histórico, como se constitui o gênero proverbial?
2. Sabe-se que são diversas as fontes dos provérbios: religiosa, educacional, folclórica, literária, jurídica, etc. Qual a (s) relação(s) que existe(m) entre a fonte e a época de circulação do provérbio?
3. Qual a atitude do autor do texto com respeito ao uso do provérbio? Que tipo de relação existe entre a autoridade proverbial e a autoridade política?

4. Que tipo de ação é desencadeada quando o provérbio é usado? Ele argumenta, ensina, aconselha, consola, adverte, repreende ou persuade? O autor do texto usa o provérbio como forma de argumento? Para que tipo de argumento e para que tipo de público?

Estando ciente da amplitude da proposta de pesquisa, é preciso, então, enquadrar melhor o foco da investigação, por isso, sintetizamos as perguntas apresentadas acima na pergunta *mater* que deve direcionar a discussão teórica e os objetivos da pesquisa, qual seja: *Qual a(s) relação(s) que há entre a variação de fonte, o tipo de linguagem e o contexto de uso dos provérbios? O que esses três aspectos sinalizam para a constituição do gênero?*

OBJETIVOS:

a) Geral:

- Identificar as funções argumentativas dos provérbios na imprensa jornalística escrita, observando de que modo a escolha do provérbio se relaciona aos propósitos do sujeito que escreve para o jornal.

b) Específicos:

- Verificar como o posicionamento político, ideológico e social dos indivíduos que assinam os textos (pessoas/instituição) revela aspectos relacionados à fonte e linguagem usada nos provérbios;
- Identificar que tipo de ação é desencadeada quando o provérbio é usado no jornal. Ele argumenta, ensina, aconselha, adverte, repreende ou persuade?
- Observar se a posição do provérbio no texto é condicionante ou não na determinação de sua força argumentativa.

Da necessidade de uma linha teórica multidisciplinar

Tão logo se iniciou a pesquisa pelo tema foi necessário ampliar o quadro teórico inicialmente escolhido para dar conta da rede de conhecimentos exigidos por uma pesquisa desta natureza. A inquietação inicial, configurada nas dificuldades em encontrar trabalhos sobre provérbios na área da Linguística, logo foi substituída pela ação de ‘garimpar’ obras que apresentassem alguma contribuição para entender a linguagem e os atores sociais envolvidos com ela, nos jornais impressos do século XIX.

Porém, estamos tratando da imprensa em seus primórdios, já que a atividade jornalística teve início no Brasil com a instalação da impressão régia na colônia, em 1808 (Lustosa, 2004). No entanto, é preciso considerar que o jornal daquela época apresentava uma configuração bem distinta de nosso jornal contemporâneo, mas já desempenhava um importante papel social, como ressaltam Martins & Luca (2008:41), ao mostrarem como os periódicos se multiplicaram rapidamente pelas principais províncias, a exemplo da Aurora Pernambucana (1821); O conciliador do Maranhão (1821); O Paraense (1822); O compilador Mineiro (1823) em Vila Rica, (Ouro Preto); Diário do governo do Ceará, (1824); Gazeta do governo da Paraíba do Norte, (1826); Farol Paulistano (1827) e Diário de Porto Alegre (1827). Parece razoável, então, imaginar que os impressos que circularam naquela época demonstravam os anseios e as contradições de uma sociedade que estava construindo ainda o embrião de sua nacionalidade.

Para compreendermos o que estamos designando *gênero proverbial*, lembramos que estamos entendendo os gêneros como “fenômenos históricos, profundamente vinculados à vida cultural e social”, tal como entende Bakhtin (2003). Isto quer dizer que é preciso observar como o provérbio se insere na vida das pessoas e o que ele significa, a situação ou contexto em que ele foi gerado. Como os provérbios atravessaram o tempo, eles carregam consigo os vestígios culturais de seu uso em diferentes momentos históricos.

De acordo com Kenneth Burke, os provérbios *são estratégias para lidar com certas situações. Quando as situações se tornam típicas e recorrentes em uma dada estrutura social, as pessoas desenvolvem nomes e estratégias para lidar com elas. Outro nome para estratégias pode ser atitudes.* (Burke, 1941: 256 *apud* Mieder: 2004). Em nossa pesquisa estas estratégias envolvem a situação social, a atividade, o conteúdo e o que eles representam em nossa vida prática. É seguindo esta orientação que acreditamos que os provérbios possam nos

dar uma visão ampla das linhas comportamentais, da maneira de enxergar as coisas e o mundo, da ética que vigorou em cada época e lugar onde a observação atenta do homem deixou suas marcas linguísticas e culturais.

Sobre o uso que se faz do provérbio, pode-se dizer que existe um provérbio para cada contexto. No entanto, alguns enunciados se apresentam em situações realmente contraditórias, o que fez Mieder (2004:1) afirmar que os provérbios não representam um sistema lógico-filosófico, mas, quando a expressão adequada é escolhida para uma situação particular, este é obrigado a se encaixar nela perfeitamente, tornando-se uma eficaz estratégia de comunicação, é o que acontece neste exemplo: *‘Quem não tem cão, caça com mouse’* (citado como tema do episódio no programa *A grande família*, da Tv Globo), em que o elemento ‘estranho’ inserido no provérbio, ou seja, o ‘mouse’, entra no enquadre por uma necessidade específica. Neste caso, o provérbio usado remete ao contexto em que a personagem Marilda sai a ‘caça’ de um namorado em tempos atuais, através dos sites de relacionamentos.

As fórmulas cristalizadas veiculadas pelos provérbios possuem um alto poder estilístico quando empregadas com adequação. Ao tratar do tema das fontes diversas dos provérbios, Alter & Kermode (1997: 290), em estudo realizado com os textos *bíblicos*, vão dizer que nem todos os provérbios são considerados como obras-primas da Literatura, mas admitem que eles tenham uma configuração especial, assim como as composições poéticas. Isso pode ser visto, segundo os autores, através dos recursos estilísticos encontrados nos provérbios bíblicos, como a composição binária, o paralelismo, a rima, a antítese, o enigma, a metáfora, etc. Desse modo, é possível dizer que o texto bíblico se utiliza de elementos literários combinados aos ‘poemas de sabedoria’ para partilhar ensinamentos de boa conduta e valores sociais.

Embora reconheçamos a importância de sua forma interna, o que define o provérbio, conforme sugere Obelkevich (1997: 45), é sua *função externa*, e esta, normalmente está ligada ao seu cunho didático e moralizante. Portanto quando se lança mão de um provérbio, ele vem acompanhado de valores sociais, morais, éticos e religiosos. Observa-se assim, como a sociedade dita padrões de comportamento, a maneira correta de agir, como conviver em sociedade, e isso aparece sob a forma de enunciados proverbiais, com seus diversos níveis de implícitos que o leitor precisa necessariamente buscar para completar as ‘lacunas’ deixadas tanto na fala como no texto escrito.

Outra questão importante é verificar como a enunciação proverbial se insere no sistema de “participação” de que fala Maingueneau. A participação é diferente do modelo que conhecemos através da “citação padrão”, isto é, aquela que se realiza através do discurso citado. No momento de enunciação do provérbio dá-se o apagamento da voz enunciativa, é o que diz Maingueneau (2008: 96), verificando-se, assim, “um deslocamento entre aquele que profere o provérbio e aquele que garante sua veracidade”. Neste sentido, o sujeito que cita o provérbio, segundo Ducrot (1984 *apud* Maingueneau, 2008: 96), não é o seu locutor, já que a instância que valida o provérbio é a “sabedoria das nações”, o que num quadro polifônico teríamos um enunciado produzido por duas vozes, em que um sujeito falante se apresenta garantido por um sujeito universal. Resumindo, o sujeito individual que se encontra inserido na comunidade onde circulam os provérbios e compartilha desse ‘tesouro’ cultural e lingüístico, confere a si e aos outros o título de participante de um provérbio e de membro dessa mesma comunidade (Maingueneau, 2008).

Procedimentos metodológicos

A pesquisa sofreu algumas mudanças no decorrer de seu percurso. Inicialmente a coleta de dados seguiu um recorte temporal dividido por décadas, começando em 1822 até a década atual, o que resultou no quantitativo de 130 provérbios. Constatando-se a inviabilidade desse recorte pela sua amplitude, acabamos definindo um período mais curto representando os anos de 1820-1920. Os provérbios catalogados nesta fase da pesquisa estão apresentados nos Anexos I e II, classificados por ano, jornal, gênero, fonte e posição no texto do jornal. O critério de seleção dos textos analisados considerou a função argumentativa dos provérbios como arma retórica eficiente no discurso da imprensa jornalística. Quanto à escolha dos jornais, embora tenhamos coletado dados de outros jornais do período delimitado para a pesquisa, o *corpus* será constituído prioritariamente de (04) jornais de circulação no Estado do Pará: *O Paraense*, *A Província do Pará*, *Folha do Norte* e *Diário do Pará*.

A coleta de dados realizou-se mediante um cronograma que foi dividido em três etapas. A pesquisa no jornal teve início no mês de junho do ano de 2009, com uma seção de busca e levantamento dos jornais existentes no Centro Cultural Tancredo Neves, Arquivo público e biblioteca do Grêmio Literário Português. A intenção era saber da viabilidade do acervo do jornal micro-filmado e do material impresso. Sobre este aspecto é importante

informar que somente tivemos acesso aos jornais através da pesquisa no Setor de Microfilmagem do CENTUR, já que estão disponibilizados ao público somente os jornais impressos a partir de 1950 em diante.

A segunda etapa ocorreu no mês de março de 2010. Nesta fase o foco da pesquisa já se encontrava melhor definido, e por isso os dados foram coletados somente nos jornais citados acima. A terceira etapa ocorreu no mês de novembro de 2010, o objetivo da coleta foi sanar as falhas apresentadas nas fases anteriores, principalmente no sentido de viabilizar uma nova cópia do material que apresentava falhas e rasuras, texto incompleto e outros problemas. Nesta última etapa buscamos também material no *site* da Biblioteca Nacional.

Categorias de análise e variáveis metodológicas:

Considerando que os gêneros materializam as relações entre as pessoas na sociedade, e sabendo que tais relações ocorrem via linguagem, a pesquisa será guiada pelos procedimentos descritos a seguir.

- **Fonte do provérbio:** O corpus será analisado quanto à relação do provérbio e sua fonte que pode ser religiosa, literária, jurídica, folclórica, etc. O objetivo é verificar como o posicionamento político, ideológico e social dos indivíduos que assinam os textos (pessoas/instituição) revela aspectos relacionados à fonte e a linguagem usada nos provérbios; Para cumprir esta primeira meta e verificar como isto funciona identificaremos quem escreve os textos do jornal, ou melhor, de onde vem o discurso proverbial? São os religiosos (padres, bispos), figuras públicas (políticos, governadores, intendentess, etc.), intelectuais (advogados, professores, artistas), etc. Este aspecto será analisado seguindo o aporte teórico da Análise do discurso, particularmente, Maingueneau (2008), que nos oferece os conceitos: *hiperenunciador*, *détournement* e *ethos*. Tais instrumentos servirão para compreendermos a dimensão político-ideológica que irradia das diferentes vozes que circulam no ‘tesouro de enunciados’ que compõem o conjunto de provérbios de uma coletividade.

- **Função argumentativa:** os provérbios podem agir na função de aconselhar, criticar, ironizar, ensinar, advertir, repreender ou persuadir o leitor do jornal. O processo consiste em identificar a função dos provérbios no texto do jornal apontando quais as motivações de seu uso pelo articulista. Neste segundo momento os provérbios serão

analisados em relação às práticas argumentativas específicas de seus usos na sociedade. Assim observaremos em que tipo de texto o provérbio aparece no jornal, como o argumento é construído, quem o utiliza e com que finalidade. Lembrando que normalmente os provérbios são reconhecidos por carregarem consigo algum tipo de ensinamento que aparece sob a forma de conselhos e regras sociais.

- **Posição do provérbio no texto:** No plano textual os provérbios ocupam posições diversas no jornal, eles aparecem no início, no meio e final do texto. Neste aspecto serão considerados para efeito de análise a posição do provérbio em relação ao texto e ao gênero. Tal procedimento objetiva verificar se a variação do lugar do provérbio no texto é condicionante ou não na determinação da força argumentativa. Para tratar dessa questão nos reportamos ao fato de que o provérbio se apresenta no *corpus* pesquisado em alguns gêneros bem específicos como a notícia, o editorial, a carta e a coluna de opinião.

Por fim, esperamos que o interesse pelo estudo dos provérbios se justifique e as perguntas da pesquisa sejam respondidas dentro dos objetivos traçados por uma linha teórica multidisciplinar. Os procedimentos metodológicos aplicados ao corpus e as suas variáveis nos levaram a definir os usos e as funções retóricas do gênero proverbial.

Para orientar a leitura deste trabalho apresentamos um esquema dos assuntos e tópicos abordados na pesquisa. Assim esta tese está organizada em quatro capítulos que descrevemos a seguir.

No primeiro capítulo, *A origem dos provérbios*, apresentamos os aspectos conceituais, as definições tradicionais e algumas questões sobre como se deu a difusão dos provérbios pelo mundo. No segundo capítulo, *A constituição do gênero proverbial*, tratamos do fundamento teórico da definição de gênero com base nos estudos da Nova retórica e estudos de provérbios. Para isto expomos a caracterização do provérbio, destacando-se a noção de contexto social e cultural.

No terceiro capítulo, *Os provérbios na cultura*, inserimos o provérbio nas origens da cultura popular na intenção de verificar de que forma a cultura de cada comunidade se reflete no conjunto de seus provérbios. Como os provérbios expressam pressupostos culturais e valores vigentes em uma determinada sociedade, partimos da identificação do contexto sociocultural para verificar como diferentes grupos sociais se relacionam com o conhecimento

proverbial. Neste capítulo, oferecemos um panorama das diversas fases da história de seus usos e de seus usuários, refletindo-se sobre o papel moralizador dos provérbios na mentalidade medieval, o seu valor pedagógico nas atividades de ensino no século XVI e XVII, até o livre acesso da linguagem proverbial na imprensa escrita no século XIX, a qual constitui o *corpus* de investigação da presente tese.

No quarto capítulo, *A retórica dos provérbios na imprensa paraense*, analisamos como os usos dos provérbios caracterizam diferentes posturas do jornalista/articulista/leitor do jornal, e de como os acervos da memória popular constroem significados em cada tempo e lugar. Para verificar como isto se dá serão analisados diversos fatores como a época de uso do provérbio, o usuário, a fonte, a linguagem, dentre outros aspectos que constituem o complexo mundo dos provérbios.

No final desta exposição, apresentamos as considerações finais desta pesquisa sobre os usos e funções retóricas do gênero proverbial na imprensa escrita.

CAPÍTULO 1 – A ORIGEM DOS PROVÉRBIOS

Neste capítulo abordaremos aspectos conceituais e tradicionais dos provérbios e discutiremos algumas questões sobre como se deu a sua difusão pelo mundo. Apenas por necessidade didática, separamos o conceito dentro das áreas do conhecimento na qual o tema foi pesquisado, neste caso, a Linguística, a Literatura e o Folclore. O conceito de provérbio varia de acordo com a área estudada, pois as pesquisas mostram que na Literatura predominam as questões estéticas e de estilo dos provérbios. No Folclore o interesse recai sobre a relação que se estabelece entre provérbio, cultura e comunidade de falantes, na Linguística prevalece o interesse pela descrição detalhada dos usos linguísticos e das possibilidades de sentidos criados pelas expressões proverbiais que são o alvo dos estudos sobre a semântica dos provérbios.

Sobre a importância de refletir sobre o tema controverso da origem dos provérbios, não se pode deixar de mostrar as mudanças de sentido e as contínuas reformulações em sua definição, as quais acompanharam o longo percurso de sua existência. Para isso propomos uma espécie de revisão ao conceito de provérbio com base em alguns estudos da Paremiologia¹.

Assim para compreender melhor o provérbio resgatamos informações em outras áreas do conhecimento. Sendo assim visando dar conta dos objetivos desta pesquisa adotamos uma linha teórica multidisciplinar, sendo orientada pelos conhecimentos sobre provérbios oriundos da Linguística, História Social, Folclore e Literatura.

¹ Área do conhecimento dedicada ao estudo e compilação dos Provérbios.

1.1– Breve Histórico

A origem dos provérbios é difícil de ser comprovada. Principalmente porque esses enunciados não possuem autoria e o anonimato constitui uma de suas características definidoras. Sabe-se, entretanto, da sua existência porque eles foram registrados por diversos povos da Antiguidade. Na China e na Índia antigas, eles foram usados para expressar os preceitos morais e divulgar ideias filosóficas (Lacerda *et al.*, 2005:19).

Os autores gregos e romanos também contribuíram na difusão dos provérbios pelo mundo como comprovam as inúmeras coletâneas de frases e expressões proverbiais clássicas que chegaram até os nossos dias. Porém, é a Bíblia que é considerada como a grande fonte disseminadora de provérbios nas diversas nações. Os livros do Antigo Testamento – Provérbios e Eclesiastes, ambos atribuídos a Salomão – e os Evangelhos também apresentam um considerável repositório de máximas de cunho moral ou religioso.

Na Idade Média o conhecimento proverbial esteve inserido nos rituais religiosos, especialmente na fala dos pregadores nas missas; e no Renascimento, os grandes escritores compilaram provérbios em diversas culturas. A literatura certamente desempenhou uma função importante na disseminação dos provérbios entre as várias nações do mundo, principalmente, através da inserção de pensamentos e valores que se encontram embutidos nos enunciados proverbiais veiculados nas obras literárias de qualquer época.

A história dos provérbios demonstra que sempre existiu o problema de querer vincular a definição do provérbio relacionando-o às suas fontes. Em cada época ele foi sendo definido de maneira peculiar, e ao longo de sua existência tem sido insistentemente interpretado por meio de significados variáveis e até mesmo sua definição foi sofrendo transformações. São essas inquietações e as diversificadas fontes desse conhecimento que justificam a necessidade de rever o percurso tão longínquo e complexo que essas porções de enunciados percorreram, desde o mundo antigo até a contemporaneidade. Traremos informações mais detalhadas sobre a origem dos provérbios quando discutirmos as diversas fontes do conhecimento proverbial.

1.2 – Definições Tradicionais de Provérbios

Ao longo dos anos os provérbios têm sido definidos a partir de suas características particulares como enunciados: *independentes, concisos e expressões tradicionais com conteúdo didático*. Seiler (1922: 2, *apud* Norrick, 1985: 32) defende que os provérbios devem ser formas independentes, isto é, suas unidades gramaticais essenciais não podem ser substituídas por outras unidades. Já as frases proverbiais do tipo: *aceitar as consequências* (*To face the music*) e *Bronzeado como uma baga* (*brown as a berry*), segundo o autor, não seriam dotadas de unidades gramaticais essenciais, já que permitem a substituição de unidades no seu todo ou em algumas de suas partes.

A definição de provérbio de Seiler é discutida no livro *Formas Simples* de André Jolles que analisa o ditado, a adivinha, a piada, a lenda, a saga, o mito, o caso, o memorável, o conto e o chiste, todos como legítimas formas de manifestação da linguagem verbal enraizadas nas necessidades básicas do homem frente à natureza e à vida. Jolles que examinou o ditado como uma forma simples pesquisou a obra pioneira de Seiler intitulada *Deutschen Sprichworterkunde* (Estudo sobre o provérbio Alemão). Nela o autor apresenta a seguinte definição para o provérbio: *uma locução corrente na linguagem popular, fechada sobre si mesma e com uma tendência para o didatismo e a forma elevada* (Seiler, *apud* Jolles, 1976:128).

Ao examinar a definição de provérbio proposta por Seiler (1922) Jolles (1976: 128) afirma que o *caráter popular* da definição de provérbio de Seiler causou-lhe certo embaraço. Jolles (1976) diz que não se deve interpretar a expressão “*corrente na linguagem popular*” de forma absoluta, pois é comum a existência de provérbios específicos a determinados meios, regiões, e também menciona os provérbios que se originam em meios profissionais bastante específicos, como por exemplo, as máximas militares, anexins do artesanato, frases surgidas no meio do campesinato e provérbios estudantis. O embaraço de Seiler talvez pudesse ser resolvido definindo-se o que significa “popular”. No entanto não foi esta a alternativa do autor, que afirma posteriormente que a formação intelectual ou moral também contribui para as diferenças nos usos dos provérbios.

Segundo Seiler (*apud* Jolles p. 129-130) “*Existem os que preponderam nas camadas superiores de uma população e outros nas camadas inferiores*”. Por esta divisão, pode-se imaginar a confusa relação proposta pelo autor que divide as várias camadas da população e

os respectivos provérbios usados em cada uma delas, e a consequente subdivisão que deu origem a duas categorias de provérbios: os literários e os populares.

Norrick (1985: 34) cita paremiologistas que recorreram a *noção sintática da oração* para definir o provérbio. Tal definição se ancora na ideia de que todo provérbio deve ser expresso através de uma oração gramatical completa. O problema desta definição, segundo o autor, é o fato de existirem muitos provérbios que apresentam estruturas especiais que nenhuma gramática tradicional conceberia como “oração gramatical completa”. Neste caso estão incluídas as *fórmulas proverbiais*: *Tal pai, tal filho* (*Like father, like son*); *Antes tarde do que nunca* (*Better late than never*); *Um homem prevenido vale por dois* (*Forewarned, forearmed*); *Não há rosa sem espinhos* (*No rose without a thorn*). Ora, todos os ditos sentenciosos aqui elencados dificilmente se enquadrariam na noção de oração gramatical completa, pelo menos em termos da noção mais comumente conhecida, ou seja, a oração que exhibe sujeito, predicado e complemento.

Outra questão é saber como ficam os provérbios que não se enquadram nem nas regras gramaticais nem nas fórmulas especiais. Neste grupo Norrick (1985: 34) dá exemplos de alguns provérbios arcaicos como: *Nem tudo que balança cai* (*All that shakes falls not*); *Quem vende faz o preço*; *Em todo amor se encontra um sangramento* (*All love lies a-bleeding*); *Procure o médico antes de precisar dele* (*Honour a physician before thou hast need of him*). Assim como os outros critérios já citados, este também oferece muitas dificuldades, e a conclusão a que se chega é que a imposição da *estrutura da oração* como modelo de definição do provérbio implica na ampla restrição da aplicação do conceito proposto.

Os paremiologistas costumam apontar características que separam os provérbios dos clichês². O caráter da independência é citado por Norrick (1985: 35) como a marca indelével

²O clichê é o termo francês que significa literalmente uma chapa metálica onde está gravada, em relevo, uma imagem destinada a ser reproduzida por impressão. Na linguagem literária, tornou-se sinônimo de lugar-comum, estereótipo, frase feita, ideia feita, chavão, chapa, cassete, nariz de cera. Por norma, chamamos clichê ou lugar-comum a uma expressão que o uso corrente banalizou, esbatendo-se o seu sentido e poder diferenciador. Se não existir uma tentativa deliberada de estilizar o discurso, o uso de clichês é considerado hoje um vício de linguagem. Caso contrário, apresenta-se como um instrumento de ironia que muitos escritores não desprezam”. Ceia, Carlos. “Verbete: Lugar Comum”. E-Dicionário de Termos Literários. disponível em: <<http://www.fcsh.unl.pt/edtl>> (capturado em 26/05/2011).

que separa um termo de outro. O clichê faz uso de expressões indexicais que requerem referência concreta ao contexto de uso imediato, já os provérbios expressam um significado didático e avaliativo que não aparece nas formas de clichês. Os provérbios possuem um caráter geral, e os clichês são eminentemente particulares. Nos provérbios, os referentes são interpretados de forma geral. Assim a frase imperativa *ataque enquanto o ferro ainda está quente* (*Strike while the iron is hot*) conta como provérbio porque é normalmente interpretado como ‘alguém deve agir enquanto está em condições propícias’ e não como referência ao ouvinte.

Os provérbios caracterizam-se segundo Norrick (1985: 36) como *concisos* e ricos em significado. A concisão é interpretada aqui como o alto grau de significado por palavra numa construção. O aspecto conciso dos provérbios se expressa na sua tendência natural à elipse. Desse modo são exemplos de provérbios elípticos: *Quanto mais, melhor* (*The more, the merrier*); *Caluniada, arruinada* (*Slandered, ruined*). São exemplos de provérbios classificados como não-elípticos e que foram rotulados como concisos: *Dinheiro é a resposta para tudo* (*Money answers all things*), *O amor é cego* (*Love is blind*) e *Todos os gansos são cisnes* (*All geese are swans*).

Norrick propõe associar o tamanho reduzido da sentença ao *status* de provérbio. Logo, enquanto *Não se apresse* (*Don't hurry*) não conta como conciso, *A pressa é inimiga da perfeição* (*Haste makes waste*), numa combinação de *status* de provérbio com tamanho reduzido, conta. Deve-se, no entanto, ter cuidado porque provérbios curtos são, frequentemente, elípticos, figurativos ou ambos. *A pressa é inimiga da perfeição* (*Haste makes waste*)³, por exemplo, tende a ser interpretado como uma personificação ou animação de *pressa* e concretização de *desperdício*.

O quadro teórico proposto por Norrick (1985: 36), em relação à *concisão* pode ser resumido nas seguintes formulações: **a)** a concisão implica relativo tamanho reduzido dos provérbios; **b)** os provérbios elípticos podem ser redundantemente caracterizados como concisos; **c)** a combinação de tamanho reduzido e *status* de provérbio é condição suficiente para configurar a concisão.

³ Tradução literal de *Haste makes waste*: *A pressa provoca desperdícios*.

De acordo com Norrick (1985: 40), é possível analisar qualquer provérbio como tradicional ou não, apenas considerando o seu conteúdo. Para isso deve-se observar o que ele potencialmente descreve ou projeta, ou seja, se a cena revela alguma imagem rústica ou se apresenta modos de vida antigos, arcaísmos, etc. Assim o conhecido provérbio *Tempo é dinheiro* (*Time is Money*) retrocede tão longe quanto o antigo grego Theophrastus (372-187 a. C.) sendo atestado pela língua inglesa desde 1659, logo, conta como tradicional no antigo senso de uso comum através do tempo. Entretanto, o exemplo mostra que não existe nada de arcaico em seu vocabulário ou imagem que revele a sua antiguidade. Em contraste, provérbios como *ataque enquanto o ferro ainda está quente* (*Strike while the iron is hot*), *Fogo suave faz malte doce* (*Soft fire makes sweet malt*) e *O cavalo ao lado do moinho carrega todos os grãos* (*The horse next to mill carries all the grist*) são denunciados pelas imagens rústicas que lhes dão uma coroa tradicional, quer eles tenham sido usados através do tempo ou não. Outros provérbios são revestidos de marcas arcaicas, em sua composição lexical, Melo (2002: 34) que estuda provérbios portugueses apresenta as seguintes composições arcaizantes do idioma: *Só se vêem os argueiros nos olhos dos outros*; *A cãs honradas não há portas fechadas*; *Quem com doidos tem de se entender muito siso há mister*. O caráter arcaizante desses provérbios reforça a tendência de tradição secular que confere autoridade a essas relíquias da língua que operam como verdadeiras obras da tradição dos nosos antepassados. A *tradicionalidade* é apontada como característica fundamental na definição do provérbio. A natureza rústica dos provérbios e o seu uso comum são elementos que apontam a motivação do tema ter sido primeiramente estudado na lista de itens do Folclore.

O *Conteúdo didático* tem sido citado pelos paremiologistas como característica importante na identificação dos provérbios. Seiler (1922: 2-4 *apud* Norrick, 1985: 41) menciona a função avaliativa e o tom didático como critério fundamental na definição de provérbio. Esse compromisso com a função didática dos provérbios pode assumir a forma direta através de regras prescritivas ou avisos como, por exemplo, *Viva e deixe viver* (*Live and let live*); *Pense duas vezes antes de agir* (*Look before you leap*), *Nunca desista* (*Never say die*), bem como a observação indireta ou afirmação sobre a experiência que são colocados nos exemplos: *Quem não arrisca, não petisca* (*Nothing ventured, nothing gained*); *Rápido veio, rápido se foi* (*Soon gotten, soon spent*); *Deus ajuda quem cedo madruga* (*The early bird catches the worm*); *Você colhe o que você planta* (*Harvest follows seed time*). A natureza didática dos provérbios se expressa através das normas contidas no senso comum de que os provérbios transmitem fatos da experiência e atuam na capacidade do agir dos indivíduos

direcionando as formas do comportamento social. O funcionamento do provérbio como instrumento didático se manifesta no modo como esses provérbios são revestidos de ensinamentos e regras de condutas morais que circulam na sociedade.

O termo experiência adquire um sentido bastante peculiar na visão de Jolles (1976: 134), para quem não se trata somente de adquirir e guardar o conhecimento obtido de outros indivíduos no passado para uma ocasião de uso especial no futuro. Assim na locução proverbial, a experiência não é uma categoria fechada sobre si mesma, ela constitui uma categoria plural. Sobre isto diz o autor: *Isolamos um fato ou realidade e enfiamo-lo no colar da experiência, que tem uma quantidade enorme de pérolas semelhantes*. Na verdade essa linguagem metafórica expressa a posição do autor que coloca a experiência dentro de um amplo universo na intenção de retratar exatamente o caráter diferenciado da *experiência* em cada meio e classe social, evidenciando que a natureza multifacetada das práticas sociais traduz-se em universos distintos.

Assim ao interpretar a locução proverbial “*É preciso malhar o ferro enquanto ele ainda está quente*” Jolles (1976) argumenta que a experiência não é única, ela se adéqua ao meio social que a modifica. E o sentido da locução adverte baseando-se na experiência do ferreiro que não podemos perder a oportunidade, pois devemos aproveitar a ocasião na hora em que ela se apresentar. Então, neste caso, o sentido da experiência retirada da prática do ferreiro ancora o significado do provérbio que expressa uma orientação sobre o momento propício para o indivíduo agir em determinada situação. A locução se reveste de um tipo de sabedoria secular sob a forma de um texto sentencioso que foi sendo moldado pelo meio social e funciona como uma espécie de conselho ou orientação para os indivíduos em nossa sociedade.

Os ensinamentos são apontados como a mais forte característica dos provérbios. Melo (2002) em trabalho intitulado - *Os textos Tradicionais na aula de Português: Os provérbios*- verificou que os provérbios representam as atitudes em relação ao código de conduta que tem guiado os princípios éticos, morais e sociais de todos os tempos. O trabalho que tem o foco no ensino dos provérbios apresenta a escola como veículo que tem a importante função de manter esse legado da nossa memória coletiva. Assim a inclusão dos provérbios no ensino permite compreender a diferente realidade dos alunos através do conhecimento da cultura familiar presente nas formas proverbiais encontradas no texto escolar.

Melo (2002: 87) fez um levantamento dos provérbios e constatou como a natureza didática se manifesta nos ensinamentos contidos nas fórmulas aparentemente simples do texto proverbial. Os valores positivos da prudência, da moderação e da perseverança são elementos exaltáveis nos provérbios listados: “*Grão a grão enche a galinha o papo*”; “*devagar se vai ao longe*” e “*Quem te avisa teu amigo é*”. Por outro lado as atitudes de cooperação e empenho estão representadas nos provérbios: “*Deus ajuda quem cedo madruga*”; “*Não guardes para amanhã o que podes fazer hoje*”. O sentimento de gratidão e a reciprocidade aparecem nos ditos: “*A cavalo dado não se olha o dente*” e “*Não faças aos outros o que não queres que te façam a ti*”. Assim sendo constatamos que a essência educativa e moral dos provérbios são demonstradas nesses pequenos enunciados que mostram como a natureza humana é relativamente constante em determinados aspectos da vida, pois alguns valores permanecem imutáveis. Nesta linha de raciocínio, os textos dos alunos servem como prova de que o legado cultural de nossos antepassados sobrevive nas formas usadas pelos alunos de nosso tempo, revelando que os provérbios podem contribuir na veiculação de ensinamentos e regras de condutas sociais que circulam em todos os tempos.

Do mesmo modo como se glorificam os valores positivos dos provérbios, em forma de “bons conselhos”, também são condenados e reprovados atitudes e valores negativos como a ganância que aparece no provérbio: “*Quem tudo quer, tudo perde*”. Alerta-se para os efeitos maléficos de andar em más companhias no provérbio “*Tão ladrão é o que vai à horta como o que fica à porta*” (Melo, 2002: 88). É interessante a atitude da autora ao analisar não somente os aspectos positivos, mas também quando mostra exemplos de provérbios que condenam o comportamento nocivo dos indivíduos, alertando para o fato de que os provérbios funcionam no agir social revelando as contradições da própria natureza humana.

A forma estável é atributo constitutivo na maioria dos provérbios. Pode-se dizer que algumas particularidades contribuem no processo de constituição da estabilidade como a brevidade do texto proverbial, o caráter de texto autônomo, a forma sentenciosa e elíptica da maioria dos provérbios. Essa *estabilidade* na forma dos provérbios decorre da necessidade que essas formas sejam facilmente reconhecidas pelos falantes da língua. Deste modo quando um orador em seu discurso faz uso de um provérbio, ele presume que o seu ouvinte também será capaz de reconhecê-lo como uma unidade de significado. Contudo Norrick (1985: 43) aponta duas situações possíveis de acontecer quando o interlocutor não reconhece o provérbio: *Se o ouvinte falha no reconhecimento do provérbio, ou é porque ele pertence à*

outra comunidade linguística ou porque o provérbio foi distorcido. Em ambos os casos o provérbio será visto como uma *estrutura livremente formada com um padrão de interpretação semântico composicional*.

Embora admitamos que o provérbio apresenta-se regularmente sob a forma estável, o seu reconhecimento não exige necessariamente o congelamento de sua forma com o decorrer dos anos. As pessoas continuam a reconhecer o provérbio ainda que ele venha a sofrer mudanças lexicais e/ou gramaticais desde que o provérbio lhes seja familiar. Seiler (1922: 7 *apud* Norrick) assegura que a constância não pode impedir a variabilidade com o passar do tempo. Essa variabilidade pode levar a existência simultânea de variantes para um único provérbio, em alguns casos.

Talvez a mais interessante forma de reconhecimento de um provérbio aconteça através do que se denominou a *semente do provérbio*. É muito comum que o interlocutor reconheça o provérbio através de um de seus elementos potencialmente conhecidos. Então, como os provérbios se revestem de estruturas já codificadas na língua, a breve alusão a uma de suas partes pode descortinar todo o seu conjunto de significados, como nestes exemplos cujas sementes: *madrugador*, *pedra que rola* e *um ponto a tempo* identificam, respectivamente, os provérbios *O madrugador captura vermes*, *Pedra que muito rola não cria limo* e *Um ponto a tempo economiza nove*. Assim, uma pessoa poderia alertar o ouvinte sobre chegar a algum lugar atrasado, simplesmente dizendo: Lembre-se do madrugador. A noção de semente do provérbio pode funcionar melhor para o reconhecimento daqueles provérbios muito conhecidos, onde a menção de uma frase crucial reconhecida serve para chamar todo o provérbio. A *semente* do provérbio representa a unidade de reconhecimento mínimo pelos falantes da língua (Norrick, 1985:45).

Segundo Norrick (1985: 46) a estabilidade dos provérbios se resume em três aspectos: **a)** a condição de reconhecimento não requer o total congelamento dos provérbios, apenas limita sua capacidade de variabilidade; **b)** o reconhecimento é dado baseado na semente do provérbio sozinha; **c)** os provérbios familiares exibem uma gama bastante sábia de variação. Logo, a constância nos provérbios é relativa, permitindo simultâneos padrões variantes e algumas alterações estruturais e lexicais no padrão das formas armazenadas. Por fim, para Norrick, o conjunto desses aspectos permite concluir que os provérbios nunca são completamente imutáveis.

1.3 – Provérbio e Clichê

O percurso e a história do conceito de clichê encontram-se no dicionário de Análise do Discurso de Charaudeau & Maingueneau (2008: 213-14) que registra vários exemplos que funcionam como clichês: *formigueiro humano*, *morte jurídica*, *inquietações mortais* e outros. Segundo os autores, os clichês são estereótipos. O termo estereótipo⁴ é derivado da expressão *estereotipia* usado na imprensa do século XIX para significar a reprodução em massa de um modelo fixo. Depois foi levado para o sentido figurado passando a designar ‘frase feita’ ou ‘clichê’ que significa sentença que expressa um pensamento banal.

Nos usos pragmáticos da língua, o clichê se materializa através de uma sequência verbal cristalizada pelo uso de formas repetitivas que apresentam efeito de estilo. O clichê se afirma pela repetição ou uso contínuo de uma expressão não fixa na língua que foi sujeita a um processo de estilização através do uso de figuras de estilo para servir a um dado contexto discursivo. No cotidiano essas fórmulas surgem de forma quase espontânea para dar sentido às nossas intenções discursivas.

Retornando aos aspectos tradicionais no estudo de provérbios e comparando o provérbio e o clichê, observamos que a função didática e avaliativa, tão importante no provérbio, não se faz representativa no clichê. Norrick (1985:42) corrobora esta tese apresentando a discussão sobre o sentido do provérbio: ‘*Os dedos foram feitos antes dos garfos*’ (*Fingers were made before forks*), em que justifica que é a situação de uso que vai definir se o sentido do provérbio assumirá ou não sua inclinação didática. A interpretação do autor apóia-se na seguinte situação: “se o provérbio claramente expressar uma verdade que vale a pena ser conhecida até que conclusões sejam extraídas da situação em questão, o caráter didático será marcado positivamente. Se o locutor utilizá-lo de maneira usual, ele está simplesmente valendo-se de uma justificativa banal para comer com os dedos, neste caso não caberia o caráter didático. Do mesmo modo o dito *Pequenos jarros tem orelhas largas* (*Little pitchers have wide ears*) é costumeiramente usado para alertar as crianças a ouvirem sem a função didática, apesar de poder funcionar como um comentário de avaliação didática em outra situação diferente. Portando a racionalidade dos fatos nos permite dizer que os dois

⁴Nas Ciências Sociais o termo estereótipo designa uma *representação coletiva cristalizada* que é responsável por uma leitura enviesada e preconceituosa das coisas e dos seres que o indivíduo faz sob a influência do meio social.

exemplos não possuem função didática no sentido convencional, porém ainda apresentam um significado valorativo que pode assumir um tom didático em outras circunstâncias.

Os clichês formam um conjunto diferente dos provérbios. Os provérbios representam as atitudes em relação ao código de conduta que expressam os princípios éticos, morais e sociais. Já os clichês são estruturas cristalizadas na língua que apresentam efeito de estilo. O autor aponta como casos de clichês na língua inglesa: *The fat is in the fire* (A gordura está no fogo) que sinaliza para o perigo iminente, já que o contato da gordura com o fogo pode causar danos ou *Your father was no glazier* (O Seu pai não era vidraceiro) usado no contexto de solicitação para que alguém saia de sua frente, pois está impedindo que algo seja visto. Os dois exemplos servem para marcar o caráter *não-avaliativo* e didático dos clichês. O primeiro exemplo foi usado para expressar um aviso e o segundo uma solicitação. Norrick (1985: 43) por fim conclui: “Os provérbios devem ter um significado de valor que permitam a função didática em certas circunstâncias. Ditados que não têm potencial didático são inteiramente clichês ao invés de provérbios”.

1.4 – O Aforismo, o Fragmento e a Máxima

O uso do aforismo ocorre quando o dito sentencioso procede das ciências ou das artes (Souza, 1999). O aforismo está ligado basicamente à escrita, característica que o coloca em franca oposição aos provérbios, já que estes se constituíram como gêneros predominantemente orais. Ele ainda é muito usado no campo jurídico como mostra o exemplo: “*A ignorância da lei não escusa ninguém*”. Os aforismos também aparecem na Literatura, um exemplo bastante conhecido de Machado de Assis diz: “*matamos o tempo, o tempo nos enterra*” do romance *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Os aforismos podem ser literários ou filosóficos, o primeiro se faz reconhecer pela beleza estética e o segundo faz uma afirmação política, filosófica ou moral. Lacerda *et al* (2004: 21) tratam como provérbios os adágios, os aforismos, os anexins, os apotegmas, os ditados, as gnomas, as máximas e os pensamentos. Porém, as frases feitas do tipo: *prendre des vessies pour des lanternes*, ‘confundir alhos com bugalhos’ (inglês: *to believe that the moon is made of green cheese*) ou *c’est Blanc bonnet et bonnet Blanc*, ‘tanto faz dar na cabeça como na cabeça dar’ (inglês: *it’s six of one and half a dozen of the other* ou *it is tweedle-dum and tweedle-dee*), não poderiam integrar o estoque de provérbios da cultura francesa e inglesa respectivamente, pois em sua

interpretação, estas constituem mais propriamente idiomatismos de cunho metafórico, sem nenhuma conotação proverbial.

De acordo com Obelkevich (1997: 64), o aforismo foi conquistando espaços à medida que o provérbio deixava a cena, na segunda metade do século XVII, o seu apogeu é o século XVIII quando o provérbio estava desacreditado. Obelkevich (1997: 66-67) observa que além do aforismo surge no século XIX o fragmento, gênero bastante usado entre os literatos românticos ingleses e alemães, o fragmento podia conter uma parábola, um paradoxo ou até mesmo um aforismo. Essa mudança de postura na valorização dos aforismos é apontada por Davis (1990:190) que afirma que os provérbios medievais *Qui veut le roi, si va la loi* (Para que o rei, se temos a lei) e *Oignez vilain, Il vous poindra: poignez vilain, il vous oindra* (Alisai o camponês e ele vos agredirá: agredi o camponês e ele vos alisará) foram usados pelos senhores e servos até adquirirem o estatuto de verdadeiros *aforismos legais* no século XVII.

A máxima também se apresenta como um tipo de sentença ou doutrina moral que provém das ciências ou das artes, é uma regra de conduta. As máximas impõem-se à razão como regras de ação imperativas. Mioranza (2010: 50) afirma que a máxima é uma regra de ação subjetiva que o indivíduo estabelece para si próprio, o autor cita *Fac, quod faciendum est* (Faz o que deve ser feito) como exemplo de uma máxima de autoria de Sêneca.

Embora a delimitação em termos de semelhanças e diferenças entre o provérbio e a máxima seja uma discussão bastante complexa e de limites tênues, alguns especialistas no assunto tem apontado como o cerne da questão, a ‘paternidade’ do enunciado, que ora deve ser reconhecida, no caso da máxima, ora deve ser negada, no caso dos provérbios. Vejamos o que diz Ribeiro (2007: 58),

(...) Desde a Antiguidade, os filósofos gregos já pautavam a diferença entre a *paroimia* (ou provérbio) e a máxima, no anonimato do primeiro e na assinatura dada ao segundo. Assim sendo, o provérbio, a respeito mesmo de seu valor etimológico, representa “uma forma de criação popular” e a máxima, uma reflexão atribuída a um sujeito específico, geralmente culto ou sábio. Em outros termos, fica evidente que, ao provérbio, reserva-se a impessoalidade da *vox populi* em contraposição ao ponto de vista culto enunciado pela máxima.

Para entender um pouco mais a distinção entre máxima e provérbio, apontamos dois aspectos importantes: um diz respeito à forma e o outro ao significado. Em termos formais,

diz Schapira (1997 *apud* Ribeiro, 2007: 59), a máxima, embora possa apresentar a mesma estrutura do provérbio, pode-se utilizar de amplos aspectos estilísticos, enquanto o provérbio se constitui a partir de uma estrutura mais recorrente e já cristalizada. Outro traço que os distingue, conforme ressalta é que, em geral, o provérbio é mais metafórico em seu significado, enquanto a máxima é mais literal.

Lacerda (2004:21-22), nas páginas iniciais de seu Dicionário de Provérbios, propõe uma classificação como referência teórica para estabelecer a distinção entre esses termos, o que nem sempre é muito fácil de ser entendido. Segue abaixo a sugestão do dicionarista:

- Adágio: (< lat. *adagium*, ii ou adagio, onis, do v. defectivo aio, ‘afirmar, dizer’, derivado de ag-yô, a despeito de Festo, gramático latino do século II d.C., tê-lo tirado de *ad agendum*, ‘o que induz a agir’) é um dito sentencioso, de característica mais popular que o provérbio;
- Aforismo: originária do grego é uma sentença que exprime de maneira concisa uma regra, uma verdade ou um preceito;
- Anexim (< *an-nashid*, ‘coplas recitadas’) é sinônimo de adágio;
- Apotegma (< gr. ἀποφθεγμα ‘enunciar uma sentença, falar com concisão’) é um dito breve e incisivo, semelhante ao aforismo; é também uma frase memorável de uma personagem ilustre;
- Ditado (< lat. *dictatum*, i, depreendido do *pluralia tantum dictata, orum*, forma substantivada do part. pass. do verbo *dictare*, ‘dizer repetindo, ditar, prescrever, recomendar, aconselhar’), é sinônimo de adágio ou rifão;
- Gnoma ou gnome (< γνῶμη, ‘pensamento, projeto, desígnio, máxima moral), é uma sentença de intenção moral ou doutrinal;
- Máxima (< lat. med. máxima [*sententia*], literalmente, ‘a maior sentença’) é uma sentença expressa com nobreza e que encerra uma reflexão moral, uma regra de conduta; em outras palavras, é um provérbio de cunho erudito;

- Refrão e sua forma dissimilada *rifão* são vocábulos tomados ao espanhol *refrán*, oriundo do provençal antigo *refranh*, ‘estribilho’; designam sobretudo provérbios de origem popular, geralmente rimados e de tom por vezes jocoso.

Essa proposta classificatória é realmente pouco prática, pois o provérbio se confunde com o adágio, o refrão, o aforismo e o ditado; a máxima é definida como um provérbio de cunho erudito. Por outro lado as frases feitas mereceram do autor um lugar específico, não devendo se misturar com o provérbio por se tratar apenas de idiomatismos que integram o estoque de uma língua. Segundo esse raciocínio, a frase “*ficar a ver navios*” é uma sequência de palavras que funciona como uma unidade da língua, de uso metafórico, mas sem nenhum valor proverbial. No entanto é bom lembrar que a diferença entre provérbio e frase feita nem sempre é tão clara e definitiva, e o tal valor proverbial às vezes é interpretado de modo subjetivo e variável. Assim observamos no âmbito de outras áreas do conhecimento e nos estudos da paremiologia identificamos aspectos importantes para a definição tradicional do provérbio, assim como também propiciou entendimento acerca da definição linguística do provérbio, assunto que será tratado no tópico seguinte.

1.5 – Definição Linguística de Provérbio

– Uma definição pela matriz de aspectos:

Norrick (1985: 65-79) elencou algumas propriedades dos provérbios e propôs um modelo para fundamentar uma definição linguística de provérbio. O autor apontou as características essenciais dos provérbios comparando-as a outros gêneros literários e folclóricos que estabelecem com ele algum tipo de relação de semelhança e/ou diferença, considerando que:

- a) A *tradicionalidade* é uma propriedade que serve para distinguir o provérbio de outras expressões livremente formadas e itens autorais, tais como frases e aforismos.
- b) Os provérbios apresentam uma *tendência didática* direta e indireta, e por isso, eles servem como função didática em alguns contextos. De modo geral, o conteúdo

didático ou tendência didática é uma propriedade importante na definição de provérbio.

- c) A *forma constante* é entendida como uma limitação na variação das formas proverbiais a fim de garantir o seu reconhecimento. Essa propriedade diferencia o provérbio de outros gêneros como a adivinhação e a piada.
- d) A *prosódia* tem sido considerada uma propriedade comum, mas não uma propriedade de definição dos provérbios. No modelo proposto a prosódia figura como um traço opcional.

Finalmente apontamos as propriedades que foram incluídas no modelo criado por Norrick denominado *Matriz de aspectos*. O modelo estabelece uma classificação que inclui um sistema de gêneros já previamente delimitados na matriz (10 gêneros). Assim o referido modelo apresenta gêneros que se distinguem de outros gêneros em algumas propriedades e gêneros que compartilham propriedades em comum.

As propriedades destacadas por Norrick (1985: 65-79) para fundamentar a definição de provérbio pelo método da Matriz são:

- 1) **Turno Conversacional Potencial Livre:** O provérbio não interrompe o fluxo natural da conversação, ao contrário de outros gêneros como a piada, a adivinha, a canção e o conto que interrompem o curso livre da conversação ou ocorrem em rituais específicos. Quando adivinhas, brincadeiras, contos e canções ocorrem no decorrer da conversação, eles são anunciados e partem dela de modo especial. É neste sentido que o provérbio é um gênero que ocorre na conversação livre.
- 2) **Tradição:** O aspecto da tradicionalidade é visto como o uso comum por um longo período de tempo. Esta característica deve ser tomada como uma propriedade de definição básica do provérbio. A tradicionalidade deve funcionar como um traço distintivo porque separa o provérbio tanto de enunciados livremente formados quanto de itens como frases e aforismos.

- 3) **Forma falada:** A propriedade de ser falado ao invés de cantado, entoado ou dançado é relevante para a definição do provérbio. Ele distingue a letra da canção, também dos gêneros que são mais comumente escritos, por exemplo, o aforismo e o epigrama⁵.
- 4) **Forma fixa:** A forma fixa distingue o provérbio de gêneros de frase livre como a piada e o conto. Esta propriedade não é necessária na definição de provérbio.
- 5) **Didática:** A função didática deve ser tomada como propriedade do provérbio se for entendida em termos avaliativos. O caráter didático dos provérbios o distingue da frase proverbial e outros gêneros da conversação como o clichê, a maldição, a adivinhação e a piada etc. Por exemplo, *Tal pai, tal filho* é didático em sugerir que se deve esperar dos filhos que eles sejam como os pais. Ao contrário os enunciados: *Tão rápido quanto um cão pode trotar*, *Bajular como um spaniel*, *A gordura está no fogo* e *Seu sugador de seiva covarde*, não são didáticos pois não podem ser entendidos em termos avaliativos.
- 6) **Generalidade e impessoalidade:** O provérbio é tipicamente geral e impessoal no significado. A maldição, o insulto e o orgulho, ao contrário, são fundamentalmente pessoais, direcionados a algum ouvinte em particular. A piada e o conto caracteristicamente falam de pessoas específicas e, portanto, contam como (-geral). Então o provérbio se distingue desses e de outros gêneros conversacionais pelo aspecto (+ geral).
- 7) **Sentido Figurado:** o sentido figurado distingue a frase proverbial de todos os outros gêneros não necessariamente figurativos. Essa propriedade é opcional na maioria dos gêneros relacionados com os provérbios na matriz de aspectos.
- 8) **Prosódia:** Enquanto a prosódia é opcional e não uma propriedade de definição do provérbio, ela pode, contudo, ser incluída no aspecto da matriz desde que funcione como uma propriedade distintiva separando a canção do conto, da piada, etc.

⁵ Gênero literário que contém um dito mordaz e picante, criado na Grécia, consiste em poesias curtas, conteúdo concentrado e fácil memorização. Exemplo típico de epigrama é: *O caminho por onde se sobe / é o mesmo por onde se desce* (Héraclito).

9) **Entretenimento:** Certos gêneros como a piada, o conto e a canção são parcialmente definidos pela sua intenção de entreter além de qualquer outra coisa que podem fazer. O provérbio entretém somente incidentalmente ou sabiamente como instrumento didático, por isso deve ser rotulado como menos entretenimento. Porém as propriedades +/-entretenimento e +/-didática não são simples opostos. O clichê não é tipicamente entretenimento nem didático, enquanto que o aforismo e o epigrama são opcionalmente didáticos, além de, necessariamente, entreter, como o enigma, a piada, o conto etc.

10) **Humor:** A presença obrigatória do humor é o único aspecto que distingue a piada do conto e um dos aspectos que distingue o *Wellerism*⁶ (Sam Weller) do provérbio e do clichê. Contudo o conto e o provérbio são opcionalmente classificados como humor. Todos os gêneros literários tradicionais opcionalmente fazem uso do humor.

Norrick (1985) classifica as propriedades: sentido figurado, prosódia e humor como elementos opcionais para a definição de provérbio. Na função entretenimento revela que o provérbio pode incidentalmente possuir essa função, enquanto a piada, o conto e a canção são parcialmente definidos pelo entretenimento. A presença do humor é traço marcado positivamente no *wellerism*, aliás, o elemento humorístico é característica fundamental nesse gênero.

O quadro-1 mostra quais são as propriedades importantes na definição do provérbio pelo método proposto na matriz de aspectos e traça um perfil comparativo da representação

⁶ O *Wellerism* é formado de uma tríplice estrutura: (1) Uma frase (muitas vezes um provérbio), (2) a identificação de um orador (uma pessoa ou um animal), e (3) uma outra frase que dá à frase inicial um sentido inesperado. Nos casos nos quais os provérbios são a primeira parte, suas pretensas verdades ou sabedoria são questionados pelo trocadilho resultante. O termo “wellerism” é uma designação acadêmica, e vem tendo espaço em alguns dicionários. É baseado na personagem de Sam Weller no romance de Charles Dickens “*The Pickwick Papers*” (1837), devido à satisfação de Weller em usar trípliques estruturas. Seguindo o sucesso do romance no século XIX, surgiu uma moda de publicarem *wellerisms* inventados na imprensa inglesa e americana. São exemplos de *wellerisms*: “*Há males que vem para bem*” como diz o homem quando sua mulher morre no dia depois de ele se tornar um falido; “*Cada pouquinho já ajuda*”, como diz a velhinha quando urina no oceano para ajudar a afundar seu marido; “*Quem cala consente*” diz o homem quando beija uma mulher muda. (MIEDER, 2004:15)

do sistema de gêneros comparados. Nos aspectos elencados no Quadro 1 (+) indica a presença típica da propriedade em questão, (-) indica ausência desta característica e o (0) a presença opcional da propriedade marcada.

Quadro 1 – MATRIZ DE ASPECTOS

	turno conversacional	potencialmente livre	conversacional	tradicional	forma falada	forma fixa	didático	geral	Figurativo	prosódico	entretenimento	humor
Sistema de gênero	1		2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
Provérbio	+		+	+	+	+	+	+	0	0	-	0
Clichê	+		+	+	+	+	-	0	0	0	-	0
Wellerismo	+		+	+	+	+	-	-	0	0	+	+
Maldição	0		+	+	+	+	-	-	0	0	-	0
Frase proverbial	-		+	+	+	+	-	-	+	0	-	0
Adivinhação	-		-	+	+	0	0	-	0	0	+	0
Piada	-		-	+	+	-	-	-	0	-	+	+
Conto	-		-	+	+	-	0	-	0	-	+	0
Canção	-		-	+	-	+	0	-	0	+	+	0
Slogan	+		-	-	0	+	0	-	0	0	-	0
Aforismo	0		-	-	-	+	0	+	0	0	+	0

Fonte: adaptado de Norrick (1985: 73)

Os dados apresentados no Quadro-1 sinalizam para algumas observações sobre as propriedades de definição dos provérbios e sua relação com outros gêneros semelhantes

(folclóricos e literários). A interpretação desses elementos, em relação aos aspectos importantes para o provérbio, evidencia que:

- a) O provérbio é marcado como opcionalmente figurativo (0) e à exceção da frase proverbial (+), todos os demais gêneros são assinalados como opcionais em relação à propriedade figurativa.
- b) O provérbio se diferencia do clichê em relação ao aspecto didático. O provérbio recebe marca (+) positiva no aspecto didático e o clichê é marcado (-) negativamente. Outro contraste é que o provérbio possui caráter *geral* e o clichê se caracteriza pela ausência de generalidade. A distinção entre provérbio e frase proverbial se manifesta na obrigatoriedade do aspecto didático para o provérbio, o que reforça a distinção expressa no quadro da matriz. A propriedade +/-didático distingue o provérbio de todos os outros gêneros e desempenha uma função importante neste modelo.
- c) Os aspectos figurativo, prosódico e humorístico são opcionais para a maioria dos gêneros listados no quadro. Eles contrastam perfeitamente com +/-conversacional, +/-tradicional, +/-geral. As propriedades que apresentam valores distintos são +/-falado e +/-forma fixa, que dividem a matriz em casos (+) e (-) com não mais que um caso opcional em cada. A prosódia é mencionada como uma característica definidora ou no mínimo típica do provérbio. Ela contribui para tornar um provérbio mais memorável e mais retoricamente efetivo, assim provérbios +prosódicos deveriam ser mais valorizados que os -prosódicos.
- d) Algumas combinações de dois aspectos são suficientes para distinguir o provérbio de todos os outros gêneros, por exemplo, (+conversacional, +didático) e (+tradicional, +geral).
- e) O humor funciona como uma propriedade mais ou menos neutra, sem um significado especial para o provérbio. O humor é apropriado para algumas situações (retóricas) e temas de provérbios, mas não para outros.

A partir das informações do quadro elaborado por Norrick identificamos três propriedades opcionais para o provérbio: sentido *figurativo*, *prosódia* e *humor*. Ao colocar

estas propriedades como opcionais o autor as considera sem importância para o gênero, já que o provérbio prototípico poderia ter um valor (+) ou (–) para cada uma destas propriedades. Sabemos entretanto que a associação do provérbio com o sentido figurado existe desde a retórica de Aristóteles, que já interpretava os provérbios + figurados como mais prototípicos que os - figurados. Em termos puramente práticos, provérbios (+figurativos) deveriam ser mais altamente valorizados que os (-figurativos), porque seu significado figurativo torna-os aplicáveis em uma gama maior de situações que exemplos de provérbios literais.

Em termos de conclusão observamos que a matriz de aspectos funciona como um sistema de orientação na definição do provérbio e a classificação distintiva em relação a outros gêneros deve ocorrer com base nas semelhanças e diferenças encontradas entre o provérbio e o gênero comparado. A grande contribuição da definição de provérbio por aspectos da matriz reside na sua representação do sistema de gênero⁷ com as propriedades relevantes como um todo em relação ao gênero individual. O ponto fraco se encontra na falta de habilidade para controlar as diferenças escalares que existem entre itens de uma classe única e entre as próprias propriedades.

Deste modo o aspecto da matriz apropriado para definir o provérbio conterá algo como os aspectos + tradicional, + conversacional e + forma fixa, dentre outros. Sendo assim a definição de provérbio pelo aspecto da matriz acaba sendo um meio útil de representação e comparação de gêneros literários e folclóricos, e um método que serve para analisar algumas características linguísticas dos provérbios, mas não todo o conjunto, apresentando inúmeras lacunas explicativas. Portanto o sistema de gêneros da matriz de aspectos funciona para comparar, classificar e ordenar gêneros, mas está longe da real capacidade para definir qualquer gênero em particular, até mesmo o provérbio.

⁷ O sistema de gênero referido aqui consiste na representação do modelo proposto em (Norrick, 1985: 73), em que o autor compara o provérbio a gêneros como clichê, *wellerismo*, maldição, frase proverbial, adivinhação, piada, conto, canção, *slogan* e aforismo. Portanto, o sistema de gênero em Norrick é diferente da definição elaborada por Bazerman (2006:32).

1.6 – Definição Supercultural⁸ do Provérbio

A definição supercultural de provérbio segundo Norrick (1985: 78) deve servir para distinguir o provérbio dos outros gêneros, independentemente de serem tradicionais ou não. A noção expressa no termo supercultural se afasta do aspecto estrutural e de estilo e orienta-se pelas características *funcionais e temáticas* de um dado conjunto de gêneros. O autor demonstra o significado da noção supercultural do provérbio comparando-o ao slogan e o aforismo.

O *provérbio* se difere do slogan por caracterizar-se como tipicamente conversacional, falado e tradicional. O *slogan* é caracterizado como tipicamente conversacional, mas opcionalmente falado, podendo ocorrer no curso de uma conversa cotidiana dada a sua estrutura, apesar de seu caráter fundamentalmente monólogo, dada a sua função; ao contrário do provérbio, o slogan tipicamente ocorre em contextos especiais como discursos políticos e advertências orais ou escritas. O *slogan* é sempre associado a uma fonte ou grupo, enquanto o provérbio pertence à comunidade linguística como um todo. Essas características distintas são funcionais e temáticas. Do ponto de vista da estrutura ou do estilo, *slogans* podem se assemelhar a provérbios e podem até ser modelados pelos provérbios. A propaganda da *PizzaHut* serviu-se do modelo proverbial de “*mas vale só do que mal acompanhado*” para criar a invenção do *slogan*: “*Tanto vale só como bem acompanhado*”.

O aforismo de acordo com Norrick (1985: 79) se diferencia do provérbio porque não é tipicamente conversacional e nem mesmo falado. O aforismo surge e torna-se popular através do meio escrito. Quando ocorre na conversação é imediatamente associado a algum autor específico. De modo semelhante como acontece com o *slogan* que é logo relacionado a algum grupo ou causa específica. Outra característica importante que separa o aforismo do provérbio é o seu caráter literário. Assim Norrick (1985: 79) chega a esta definição: o *provérbio é uma forma tipicamente falada, conversacional, com função didática e não associada a nenhuma fonte específica*.

⁸ Usamos o termo *supercultural* na definição proposta em Norrick (1985) ao relacionar o provérbio e outros gêneros independente de serem (+) ou (-) tradicionais conforme Quadro-1.

Depois de fazer um breve histórico sobre as definições de provérbios nos estudos tradicionais e mostrar as implicações de sua definição nos estudos linguísticos, apresentamos a definição de provérbio que deverá guiar nossas reflexões futuras. No capítulo seguinte discutiremos o estatuto teórico da definição aqui proposta, quando tratarmos da questão da constituição do gênero proverbial e de suas relações culturais e históricas.

Por ora diremos que os provérbios são: *Enunciados tipificados que servem de identificação cultural e direcionam as atitudes e o comportamento social no tempo e no espaço. Os provérbios irradiam saberes e funcionam como respostas para situações diversas do cotidiano das pessoas.*

CAPÍTULO 2 - A CONSTITUIÇÃO DO GÊNERO PROVERBIAL

Neste capítulo trataremos dos fundamentos teóricos da definição do gênero proverbial com base na Teoria de Gênero e Estudos de Provérbios. Para tal abordaremos a caracterização do provérbio, adotando uma visão dos gêneros integrados na sociedade, com destaque para a noção de contexto social e cultural. Com tal perspectiva, a abordagem associará a caracterização formal do provérbio à sua ação social no discurso. Serão abordados, também, os fenômenos decorrentes do uso dos provérbios no discurso jornalístico. Por fim, serão apresentadas algumas reflexões sobre gênero e cultura, considerando a forma como a cultura se manifesta no gênero proverbial e vice-versa.

2.1 – Gênero como Ação Retórica

O fundamento teórico da definição de gênero engloba as noções de *recorrência* e *ação social* advindas das Teorias de Gênero que tomam por base os preceitos da nova retórica americana. A primeira noção determina que os gêneros surjam na recorrência de atos ou situações. Em tal perspectiva, a recorrência é a fonte de criação dos gêneros, os quais emergem de situações que se configuram no enquadre constituído pelas relações sociais vivenciadas no cotidiano dos indivíduos.

A vida em sociedade determina que as pessoas devem interagir umas com as outras. O convívio social origina as relações afetivas, o conhecimento, o pensamento, a cultura e as várias formas de inserção do homem na natureza. Por isso Bazerman (2006:31) afirma que os gêneros criam fatos sociais, eles emergem nas atividades sociais quando as pessoas interagem com as outras para coordenar suas atividades e compartilhar significados.

As *formas tipificadas* ou *gêneros* surgem quando seguimos certos padrões comunicativos já familiarizados e reconhecidos pelas pessoas. Sobre a tipificação das formas textuais e a ação dos gêneros, diz o autor: “quando seguimos padrões comunicativos com os quais as outras pessoas já estão familiarizadas, elas podem reconhecer mais facilmente o que estamos dizendo e o que pretendemos realizar” (Bazerman, 2006, p. 31).

Para Bazerman a vida social se organiza em gêneros, isto é, as formas comunicativas são criadas obedecendo a regras e necessidades da própria dinâmica social. Assim o indivíduo reconhece mais facilmente o propósito de um texto que lhe é dado na rua, se ele for capaz de compará-lo com outra situação semelhante. Sabemos que a distribuição de variados tipos de textos faz parte da rotina diária nas ruas das grandes cidades. Logo, algumas possibilidades podem ser previstas em relação à circulação de gêneros neste local: uma propaganda de determinado produto, um pedido de ajuda financeira, um apelo religioso, um texto de autoajuda, um panfleto de divulgação de um *show*, etc., e outras podem ser excluídas: um bilhete premiado, um contrato de aluguel, são gêneros que normalmente circulam com outras exigências retóricas, não sendo, portanto, possibilidades previstas neste enquadre social.

As pesquisas na área de gêneros têm chegado a importantes descobertas sobre o funcionamento deles na sociedade. Os estudos de hoje estão preocupados em saber como ocorrem a conexão do gênero na construção da vida diária das pessoas. Assim o interesse dos pesquisadores incide na questão de saber o que as pessoas fazem quando utilizam os gêneros e o que eles significam.

Segundo essa linha de estudos, Bazerman (2006) assegura que os enunciados funcionam como pistas de como agir em determinadas situações sociais. Para ele, os gêneros direcionam as ações das pessoas nas interações humanas, ou seja, os gêneros atuam como formas verbais de *ação social*, estabilizadas e recorrentes, que organizam as práticas rotineiras da sociedade e viabilizam a comunicação entre as pessoas.

Na visão de Miller (2009: 30-31), os gêneros direcionam as ações que as pessoas realizam por meio de discursos reconhecidos ou compartilhados socialmente. É através da tipificação que as pessoas organizam o seu estoque de conhecimentos. Esse conhecimento somente torna-se útil se for usado em novas experiências, tal como afirma Miller (2009:31) *Se uma nova tipificação evidencia ser continuamente útil para o controle do estado de coisas, ela entra no estoque de conhecimentos e sua aplicação se torna rotineira*. Os gêneros servem para guiar a ação das pessoas quando estas interagem com outras em suas atividades diárias. Ou seja, à medida que as pessoas se deparam com situações comunicativas já vivenciadas, elas tendem a agir de modo típico. Os gêneros operam para dar significado às ações que os indivíduos de uma comunidade reconhecem como convenções criadas e reconhecidas socialmente. Cada forma comunicativa é criada obedecendo a certas exigências retóricas da

situação que a gerou. Ao mesmo tempo formas antigas se associam a formas novas para criar outras formas.

A partir de tais afirmações podemos inferir que os discursos organizam as atividades comunicativas em gêneros, e estes últimos direcionam as ações que as pessoas pretendem realizar nas situações interativas que compõe a rotina dos indivíduos. Portanto a função social do gênero é definida pela *ação de linguagem* e pela *situação retórica* de produção do discurso.

2.2 – Definindo o Gênero Proverbial

Na introdução de seu dicionário de sentenças gregas e latinas Renzo Tozi (2000: 13) propõe a seguinte definição para o gênero: *“o provérbio é uma frase feita que contém uma formulação padronizada (mesmo que não absolutamente rígida), que se tornou tradicional e à qual se atribui autoridade de verdade inconteste, fruto da sabedoria antiga e popular”*. Assim como em outras definições o autor ressalta o caráter popular, o caráter tradicional, o caráter formulaico e o suposto valor de verdade que emana dos provérbios, o que confere autoridade àquele que o utiliza. O que podemos observar dessa definição é que existe uma aparente contradição ao dizermos que todos os provérbios se originam nas curiosidades do povo. Tal afirmação simplificaria bastante a relação complexa existente entre provérbio e sabedoria popular, já que sabemos que muitos deles têm origem erudita, portanto bem afastados da sabedoria popular.

Melo (2002: 24-25) aponta vários autores que já tiveram a preocupação com a tarefa de definir o provérbio. Apresentando-se como verdades gerais e universais, os provérbios materializam-se sob a forma de enunciados condensados que exprimem um saber secular. Assim, concretizando este intento, Diniz (*apud* Melo, 2002: 25) afirma que o provérbio é *uma forma condensada da experiência e da vivência de determinado grupo, transmitindo conhecimentos adquiridos ao longo dos séculos*. Já Funk (*apud* Melo, 2002: 25) afirma que o *texto proverbial representa um tipo de construção reguladora arquetípica que permite não só analisar a estrutura mental de um povo particular, mas também os mecanismos cognitivos da espécie humana em geral*. Nesta perspectiva o provérbio tanto pode expressar um modo de representar o ser individual (provérbios que retratam um costume local, por exemplo) como

uma forma universal de conceber o mundo (provérbios que funcionam como guia para a prática da virtude são relativamente semelhantes em diferentes povos). Para Antonio Moreira (apud Melo, 2002:25) o provérbio sintetiza a sabedoria acumulada ao longo dos anos, mas em sua aparente simplicidade constitui “*um sistema de respostas a situações concretas, centrado na maioria das vezes num conteúdo pedagógico de ordem moral e prática*”.

O caráter didático assume uma função importante nos usos dos provérbios, pois frequentemente aduzem ensinamentos, conselhos, regras de boa conduta, e não sendo à toa a designação deles pelas expressões “voz da experiência”, “saber secular” e “regra universal”. Outra característica latente nos provérbios é o caráter de “autoridade” que reveste esse saber, pois o conteúdo expresso neles não é questionável pelos membros da sociedade, tanto que supostas “verdades” oriundas da mensagem proverbial são colocadas como regras que direcionam as atitudes dos indivíduos e orientam as ações concebidas como socialmente corretas.

Dentre os autores que estudaram os provérbios agrupando-os por temas, encontramos Steinberg *et all* (2005) que discorrendo sobre o tema *Mulher, morte e dinheiro na sabedoria popular*, além de abranger três aspectos da vivência humana, apontam indícios de como diferentes nações se comportam em relação aos provérbios que falam sobre os respectivos temas. O interesse da pesquisa incidiu na abordagem do universo constituído por esses temas ressaltando como os provérbios podem revelar diferentes aspectos da cultura de um povo. Para além de uma simples definição de provérbio, as autoras chamam a atenção para sua funcionalidade no discurso, ao mencionar a diversidade de situações em que o provérbio pode surgir, pois, *os provérbios servem para advertir, aconselhar, justificar ou explicar um acontecido (...). Eles podem ajudar a resolver um conflito, uma contradição e agem como desculpa, cortesia, produzem bom humor* (Steinberg *et all*, 2005: 9). Com base nesta afirmação, podemos dizer que o que define o provérbio é aquilo que se faz com ele no discurso. Isso quer dizer que o seu funcionamento é orientado pelas condições de produção e intenções daquele que se apropria do dizer proverbial em proveito de suas manobras discursivas.

Mesmo considerando que a definição de provérbio não se apresenta de forma unânime entre os estudiosos, é comum encontrar determinados aspectos que se repetem na maioria das definições conhecidas tais como: 1. os provérbios são textos curtos; 2. Eles trazem algum tipo de sabedoria ou ensinamento; 3. São facilmente reconhecíveis. Mieder (2004:4) declara:

Provérbios são concisas e tradicionais afirmações de verdades aparentes que têm grande ocorrência entre a população. De uma forma mais elaborada, provérbios são frases curtas, geralmente conhecidas pelas pessoas, que contêm sabedoria, verdades, moral e uma visão tradicional, em uma forma metafórica, fixa e fácil de memorizar, a qual foi perpetuada de geração para geração.

A definição proverbial de Mieder contém os aspectos mencionados como bastante conhecidos, os quais são também, frequentemente, citados pelos paremiologistas. Ela destaca o valor de verdade que o provérbio deve ter entre as pessoas, como também, ressalta a necessidade de possuir estrutura simples para facilitar a memorização e tamanho reduzido expresso nas frases curtas. Entretanto, a definição é bastante geral em termos conceituais, tanto que não menciona usos, funções e significados dos provérbios nos variados contextos.

Para Maingueneau (2010: 172), o provérbio é o discurso relatado por excelência. Isto significa que na enunciação proverbial o locutor retoma não as palavras de *outro* especificado, mas aquelas de todos os outros, fundidas na “impessoalidade” característica da forma proverbial. Na polifonia comum atribui-se a responsabilidade da asserção de um provérbio a uma personagem distinta do locutor, mas segundo o autor “assiste-se na polifonia proverbial a mistura da voz do locutor com todas as vozes que antes dele proferiram o mesmo diálogo”.

O fenômeno da enunciação proverbial é constituído na forma de uma “enunciação-eco”, pois aquele que cita o provérbio o faz na forma de imitação ou ressonância de inúmeras vozes que são retomadas pelo mesmo provérbio, e como ressalta Maingueneau (2010) tal fenômeno permite ao locutor proferir falas sobre as quais não se responsabiliza, daí a eficácia do provérbio, para dizer coisas, sem revelar a sua autoria.

O provérbio nunca evoca um ser individual, mas a coletividade representada na sabedoria das nações, como diz Maingueneau (2008: 96). Nessa perspectiva, o provérbio é um enunciado que pertence a todos e a ninguém ao mesmo tempo. Primeiramente porque se encontra no seio de uma coletividade, e depois, porque não se sabe exatamente a sua paternidade, ou seja, não é possível identificar quem foi o indivíduo que proferiu o enunciado

proverbial pela primeira vez. Maingueneau (2008: 94-95) ainda complementa afirmando que o enunciado proverbial é uma voz anônima cujo reconhecimento se assenta na noção de ‘pertencimento’ do ser individual em uma determinada cultura e no partilhar do ‘tesouro’ de conhecimentos de uma coletividade.

2.3 – Gênero e Cultura

Miller (2009: 78), em estudo sobre o *blog*, afirma que não se pode definir gênero pelos seus exemplos malsucedidos, ainda que eles sejam a maioria, no entanto, não podemos esquecer que podem existir várias formas de sucesso para um gênero. Desse modo a autora apresenta o *blog* como um gênero em evolução, ou melhor, em busca de novas exigências retóricas. O gênero proverbial também constitui uma prática retórica que mobiliza saberes sobre comportamentos, refletem atitudes por parte de quem os usa, veiculam valores sociais e morais de um grupo de pessoas, além de demandarem uma função especial na sociedade, seja para aconselhar, criticar, julgar, orientar ou condenar.

Portanto, nossa análise não privilegia o padrão formal para definir o provérbio enquanto gênero, mas padrões de ações. Segundo Devitt (2006: 5-6) para entender essas ações, é preciso que seja compreendido o contexto no qual elas ocorrem. Dizer que gêneros são ações é, em parte, dizer que não são classificações nem formas. Gêneros ajudam pessoas a fazer coisas no mundo, são tanto ações sociais como retóricas, operando quando as pessoas interagem com outras de modo intencional. Falar que são ações tipificadas é dizer que são classificações, porém feitas por pessoas quando agem simbolicamente.

Defendendo a postura de que os gêneros são constructos sociais, Bazerman (2006: 84) explica que eles estão intrinsecamente conectados à vida social, pois o reconhecimento de uma espécie de texto implica em acionar um conjunto de conhecimentos sobre a situação social, as atividades envolvidas e as pessoas que interagem umas com as outras por meio de formas que se materializam em gêneros. Para Bazerman (2006: 31), os gêneros são *formas tipificadas de enunciados* que organizam a sociedade e direcionam a maneira de agir diante de situações sociais.

Da mesma forma em nossa comunicação cotidiana costumamos agir de modo típico, coordenando nossas atividades comunicativas de modo que nossas ações e intenções possam

ser reconhecidas, é aí, então, que começam a emergir formas padronizadas ou estabilizadoras que são os gêneros textuais (Bazerman, 2006: 29). Então, os gêneros ultrapassam a noção de constructos formais para abarcarem a ação e a situação, ou seja, as pessoas produzem enunciados *típicos* que adquirem sentido e importância à medida que se tornam regulares em suas atividades comunicativas rotineiras.

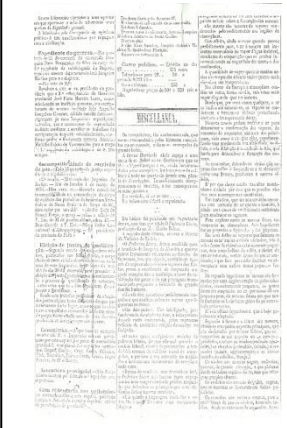
Bazerman (2006a), no artigo intitulado *Cartas e a base social de gêneros diferenciados*, argumenta que o artigo científico se originou do gênero carta. O autor observa que a configuração deste gênero atualmente difere do modelo usado nos primeiros artigos e que a mudança no tom e a abstração tão comuns nos atuais exemplos do gênero têm explicações na própria reorientação do qual necessita do rápido compartilhamento dos novos resultados científicos. Isto demonstra que o gênero *artigo científico* e os modos de vida se modificaram ao longo dos tempos.

Bazerman (2006a: 93) acredita que o gênero *carta* seja uma forma transitória que permitiu a emergência de gêneros com uma função comunicativa definida e com amarras sociais. Com esse pensamento ele admite que o jornal, a revista científica e o romance são tipos de escrita cuja base social se encontra no gênero carta. Do mesmo modo, Hellman (1999: 64) estudioso da história das ciências assinala a importância da carta como meio de divulgação das descobertas científicas, já que foi por meio dela que os cientistas tornaram públicas as descobertas e experimentos da ciência na segunda metade do século XVII. O autor menciona ainda o fato de que muitos cientistas trocavam correspondências entre si como também endereçavam cartas para a academia de ciências. Tais informes reforçam o que já foi dito sobre como os gêneros estão completamente imersos nas atividades sociais.

Esse argumento mostra que não é possível compreender um gênero ignorando o seu percurso histórico, ou seja, a compreensão de um determinado gênero implica na observação de suas formas antecedentes, pois como diz Bazerman (2006), os gêneros atuais têm suas bases em gêneros antigos. É preciso atentar para a percepção de que não podemos olhar os gêneros presentes nos jornais do início do século XIX com as mesmas lentes que usamos para a análise dos gêneros nos jornais de hoje. Assim constatamos que o jornal em suas origens abrigou em seu interior uma diversidade de gêneros, dentre os quais alguns se modificaram ao longo do tempo. Outros permanecem estáveis. Alguns simplesmente desapareceram.

Observando a coluna intitulada *Miscellanea* do Jornal A Província do Pará (Exemplo 1), a qual interpretamos como um *gênero antecedente*⁹ da coluna presente nos jornais contemporâneos, por apresentar um conjunto de aspectos semelhantes às do tipo *Repórter 70*, coluna presente no jornal O Liberal e *Repórter Diário*, do Jornal Diário do Pará e outros do cenário nacional. A configuração formal do gênero sofreu algumas mudanças sim, mas a sua ação social permanece a mesma, ou seja, noticiar de forma breve temas variados relacionados à política, negócios, economia, entretenimento, etc. Portanto, o gênero se define pela sua função comunicativa e pelas amarras sociais e não pela forma.

Exemplo 1 – COLUNA MISCELLANEA



MISCELLANEA.

Os mosquiteiros, tão usados entre nós, que somos atormentados pelos birrentos mosquitos ou carapanãs, acham-se ameaçados de grande baixa.

A *Revue Horrticole* abriu espaço a uma carta do sr. Ballet ao sr. Carriere em que se lê: “Alguns amigos e eu, sendo incommodados pelos mosquitos, lembramo-nos á noite de colocar no quarto de dormir uma planta de Eucalyptus. Immediatamente desapareceram os insetos, e por consequencia as suas picadas.”

Em verdade, *si no es vero*

Em todo caso é fácil a experiência.

..

Em Lisboa foi publicado um importante drama, que tem por título *O Pedreiro Livre*, producção do sr. dr. Cunha Belem.

A respeito deste drama, escreve o *Diário de Notícias de Lisbôa*:

“*O Pedreiro Livre*, drama escolhido para o benefício de Joaquim de Almeida e vae entrar brevemente em ensaios do theatro do Gymnasio, tem por objecto, servindo-se apenas do argumento potente e vigoroso dos factos, prova a excellencia da maçonaria e a parte enérgica dessa instituição a favor dessa civilização dos povos e do seu propugnar incessante pelo progresso e felicidade da grande família humana.

“Ha alli dois caracteres perfeitamente traçados e que avultam sobre os outros que figuraram no drama.

“São dois padres. Um intelligente, profundamente devotado ao bem, e interpretado pela razão esclarecida, pelos supremos reflexos da caridade a religião martyr do Golgolha...

Fonte: Setor de Microfilmagem do CENTUR - Jornal A Província do Pará, 29 de março de 1876.

Em seu artigo intitulado *Comunidade retórica: a base cultural dos gêneros*, Miller (2009) propõe o estudo dos gêneros inseridos no universo cultural, com base na concepção de que pensar em gênero significa situá-lo em relação aos grupos sociais, a um tempo e lugar específicos. Para a autora, cada comunidade retórica possui seu repertório de gêneros próprios. Mas como o gênero é um artefato cultural, ele mantém relações individuais dentro

⁹ termo que tomamos emprestado de Devitt (2006).

de uma comunidade específica e com outras culturas como um todo. É desse modo que os gêneros atuam como padrões de uso recorrente da linguagem que ajudam a constituir a substância da nossa vida cultural (Miller, 2009:47).

A respeito do funcionamento dos gêneros, é importante que seja considerada a dinamicidade como fator essencial para o entendimento de como eles funcionam na sociedade. Para isso, Miller com apoio em Bazerman (1988) demonstra, como a natureza do artigo de pesquisa científica experimental mudou nos últimos 300 anos. Isso comprova que cada gênero opera com as suas devidas amarras sociais. Miller (2009:48) discorrendo sobre como essas mudanças são compreendidas, considera:

(...) sua função no empreendimento científico ou sua forma de vida evolui assim como os seus modos de representação característicos, seu topoi, seu apelo. Não é exatamente o mesmo gênero que foi um dia: o gênero e a forma de vida científica evoluíram juntos dentro das mudanças na cultura ocidental.

Essa dinamicidade das formas comunicativas é acompanhada das mudanças operadas no próprio gênero. Os gêneros são formas de cultura enraizadas no seio das organizações sociais. E a compreensão desses ‘artefatos culturais’, como disse Miller, perpassa reflexivamente o entendimento do mundo de formas culturais que constituem uma comunidade retórica. Dizer que os gêneros são artefatos culturais implica em reconhecê-los como ‘portadores de cultura’ (Miller, 2009:49). Isto significa incluir como formas de cultura os vários modos de incorporação dos conhecimentos sobre estética, economia, política, crenças religiosas e todas as outras possíveis dimensões daquilo que denominamos por cultura humana.

O papel dos indivíduos é saber reconhecer os padrões que emergem das situações recorrentes, é ser capaz de construir inferências a partir de artefatos e ações específicos de uma dada cultura, isto inclui o conhecimento do conjunto de gêneros que circulam naquele ambiente social. Esse conjunto de gêneros que habitam uma determinada cultura representa um sistema de ações e interações com funções e lugares sociais específicos cujo valor ou função apresenta-se como recorrente. Com tais afirmações Miller (2009: 49) assume que existe uma relação complexa instituída entre *particularidades materiais, instanciações de um gênero em atos individuais e sistemas de valor e significação*.

Com base nas afirmações de Devitt (2006) podemos inferir que o gênero e a cultura representam ao mesmo tempo o geral e o específico, isto é, não é possível separar o coletivo do individual, pois o caráter individual do gênero está contemplado no coletivo (sociedade). Do mesmo modo, um gênero carrega consigo o significado cumulativo de seus antecedentes, de modo que ele só adquire valor e significado, se colocado em relação a todas as outras formas que com ele estabelece algum tipo de relação, seja através da cultura, sociedade ou instituição.

Nos estudos atuais sobre gênero é sustentada a ideia de que o gênero precisa ser redefinido retoricamente de acordo com o uso que as pessoas fazem dos gêneros. Devitt (2006:2) que assume uma posição essencialmente retórica de gêneros amplia a noção da recorrência de Miller definindo a relação entre gênero e situação como interativa e recíproca; rejeitando o elemento denominado *situação* como singularmente definidor do gênero. Para a autora, a situação inclui a interação do contexto que engloba o impacto dos gêneros pré-existentes bem como o contexto situacional e cultural.

Esse novo olhar para o gênero representa a visão dinâmica e interativa dos gêneros nos processos de interação do indivíduo com o meio social e cultural. Pois não se ignora a parte formal do gênero, mas ele não se define somente pela forma. Os gêneros são forma e conteúdo, produto e processo, tal como disse Bakhtin (2003:281):

Todo enunciado apresenta um projeto discursivo, desde a réplica monovocal até as obras mais complexas da ciência ou da literatura é possível apreender o querer dizer do falante. E o seu projeto discursivo vai orientar tanto a escolha do objeto quanto a forma do gênero na qual será construído o enunciado.

Com base nas afirmações de Bakhtin (2003), podemos inferir que o projeto discursivo do falante se realiza antes de tudo na escolha de um determinado gênero do discurso. Essa escolha é determinada por fatores como: a especificidade de um determinado campo discursivo, a escolha temática, a situação concreta da comunicação discursiva e a composição dos participantes. Os discursos se realizam nos gêneros, assim como as formas gramaticais organizam-se através de enunciados.

Ao falar sobre a aprendizagem de uma língua materna, Bakhtin (2003:282-83) comenta que o aprendizado da língua materna desenvolvido na fase infantil do ser humano

não ocorre por meio de manuais de ensino de língua, de gramáticas ou de dicionários, mas com o uso constante da comunicação discursiva realizada entre pessoas do nosso convívio social, assim,

Aprender a falar significa aprender a construir enunciados porque falamos por enunciados e não por orações isoladas. (...) Se os gêneros não existissem, e nós não os dominássemos, se tivéssemos de criá-los a cada vez no processo do discurso, de construir pela primeira vez cada enunciado, a comunicação discursiva seria quase impossível.

Os gêneros são definidos pelo que as pessoas fazem ao utilizar símbolos para se inserirem no mundo. Quando as pessoas criam rótulos para os gêneros, elas também criam um tipo de classificação para ações simbólicas ao invés de somente criarem tipos de texto. Os indivíduos não aprendem gêneros sendo ensinados na escola, aliás, ao entrarem na escola, as pessoas já possuem um razoável conhecimento sobre os gêneros que circulam no seu universo social e cultural. Devitt (2006: 3-4) afirma que não se ensinam gêneros. As pessoas classificam ações únicas sob rótulos comuns, os estudiosos(a)s chamam de gênero. Então, estudar gênero significa saber como as pessoas usam a língua para se inserirem no mundo.

Alguns gêneros são facilmente identificados pelos seus traços formais. Por exemplo, as cartas de negócios possuem algumas particularidades que a individualizam enquanto gênero, tais como cabeçalho, endereços e envelopes; o gênero ‘mala direta’ também apresenta características particulares como o papel, a assinatura do remetente, o tipo de linguagem e a função social de oferecer a venda de algum tipo de produto ou serviço. Em outros gêneros já não é tão fácil a identificação pelos traços formais porque são mais instáveis. É o caso dos gêneros que se encontram no domínio da publicidade como anúncios, propagandas e outros.

Já sabemos que a forma identifica alguns gêneros, porém, é importante reconhecer que gênero cria significados. De acordo com Martin (*apud* Devitt, 2006: 4) o gênero não é definido como um conjunto formal de estrutura na qual os significados são colocados. Pois ao invés de identificação da forma do gênero, deve haver a percepção do ato retórico no qual o gênero se insere e o que ele representa na situação comunicativa. Logo, não é a forma que define o gênero, mas a função social e sua organização retórica.

Compreender gênero implica na compreensão da situação retórica e do contexto social. A noção de contexto social é essencial na teoria de gênero proposta por Devitt. Segundo essa autora ela deve englobar os participantes do evento comunicativo, o tema e o contexto mais amplo onde o evento se insere. Nessa abordagem o interesse está em saber

como as pessoas que dividem um universo social comum interagem com as outras e como coordenam suas ações de modo organizado para construir sentidos e viabilizar a comunicação cotidiana entre elas. Nesse sentido Devitt (2006: 5) afirma que gênero é ação, ação tipificada, cuja tipificação vem das situações recorrentes e das condições que envolvem o contexto social.

Conhecer gênero não é só conhecer como se conforma em situações genéricas, mas o modo de responder apropriadamente a uma dada situação. Segundo Devitt (2006:6) os gêneros ajudam pessoas a fazer coisas no mundo, ou seja, são ações sociais como também retóricas, operando no momento em que as pessoas interagem umas com outras de modo intencional. Assim, falar que são ações tipificadas é dizer que são classificações, porém feitas por pessoas quando agem simbolicamente, ao invés de analistas examinando o produto.

Os gêneros se baseiam na recorrência de atos ou situações. Mas como se pode compreender a recorrência? Ela é um fenômeno individual ou social? Miller e Devitt em seus estudos argumentam que as pessoas constroem situações recorrentes por meio de seus conhecimentos e do uso de gênero. Para Devitt (2006:7-8) as coisas e os textos não foram criados num vazio absoluto, o reconhecimento da similaridade de um discurso com outro ocorre porque existe um conjunto de gêneros tipificados ou criados socialmente. A percepção individual encontra-se na fonte da recorrência porque o discurso existe somente através de atos individuais. Todo discurso está situado em experiências únicas, mudando de momento para momento, de pessoa para pessoa.

Na perspectiva de Bazerman (2006: 21-22) cada texto está imerso em uma realidade social, essa realidade é construída pelos atos comunicativos realizados pelas pessoas quando interagem umas com as outras. Sobre esta relação o autor observa que determinados tipos de textos circulam em ambientes institucionais bastante específicos, o que mostra que existe uma relação entre textos e sistemas de atividades. O uso adequado de um texto requer um plano de ação que se estabelece dentro de estruturas de relações e atividades que ocorrem dentro de um modo de vida organizado. Assim, afirma Bazerman:

Cada texto bem-sucedido cria para seus leitores um fato social. Os fatos sociais consistem em ações sociais significativas realizadas pela linguagem, ou atos de fala. Esses atos são realizados através de formas textuais padronizadas, típicas e, portanto inteligíveis, ou gêneros, que estão relacionados a outros textos e gêneros que ocorrem em circunstâncias relacionadas.

Bazerman (2006: 31) critica a definição de gêneros como ‘conjunto de traços textuais’ porque esta definição enquadra os gêneros como categorias fixas e atemporais, ignorando o papel ativo dos indivíduos no uso e na construção dos sentidos, ignorando que as pessoas podem receber cada texto de formas diferentes, além de não reconhecerem o gênero como uma categoria essencialmente sócio-histórica sempre em mudança.

Após apresentar os problemas de uma definição de gêneros textuais baseada em características fixas ou sinalizadoras de alguns traços textuais de fácil identificação, Bazerman (2006:31) propõe uma definição de gêneros que os considere como “fenômenos de reconhecimento psicossocial que são parte de processos de atividades socialmente organizadas”. Para ele:

Gêneros são tão somente os tipos que as pessoas reconhecem como sendo usados por elas próprias e pelos outros. Gêneros são o que nós acreditamos que eles sejam, Isto é, são fatos sociais sobre os tipos de atos de fala que as pessoas podem realizar e sobre os modos como elas os realizam. Gêneros emergem nos processos sociais em que as pessoas tentam compreender umas às outras suficientemente bem para coordenar atividades e compartilhar significados com vistas a seus propósitos práticos.

Bazerman (2006:31-32) afirma que os gêneros tipificam muitas coisas além da forma textual, eles se configuram e se enquadram em organizações, papéis e atividades mais amplas, “são formas de vida, modos de ser, eles são *frames* (...) são os lugares onde o sentido é construído”. Ao construir sua definição, o autor salienta que a noção de gêneros deve ser acrescida de outros conceitos que se sobrepõem cada um envolvendo um aspecto diferente dessa configuração: *conjunto de gêneros, sistema de gêneros e sistema de atividades*.

Um conjunto de gêneros é formado pelo conjunto de textos que uma pessoa ao desempenhar uma determinada função social tende a produzir, por exemplo, um professor, para desempenhar seu papel necessita elaborar planos de aula, resumos, fichas de leitura, apostilas, programas, etc. Enquanto o sistema de gêneros compreende os diversos conjuntos de gêneros utilizados por um grupo de pessoas que trabalham juntas de forma organizada, como também as relações padronizadas estabelecidas na produção, circulação e uso desses documentos. Podemos dizer que os textos escritos produzidos pelos alunos de uma disciplina, em forma de rascunhos de trabalhos, levantamento bibliográfico, perguntas e anotações, certamente formam um conjunto de gêneros que não coincide com o conjunto de gêneros do

professor da disciplina, mas eles pertencem a um mesmo sistema de gêneros configurado pelas relações acadêmicas de uma determinada instituição de ensino.

Segundo Bazerman (2006:32), “um sistema de gêneros captura as sequências regulares com que um gênero segue outro gênero, dentro de um fluxo comunicativo típico de um grupo de pessoas.” Seguindo essa linha de raciocínio, é importante salientar que o indivíduo ao inserir em seu texto, no jornal do século XIX, um enunciado do tipo “*Era cousa para inglez ver*”, ele não só está fazendo uso de um modo de expressão típico, como também revela o seu modo particular de pensar e as suas crenças.

O *status* de proverbialidade deste enunciado está relacionado ao seu significado, ou seja, “a ideia de não cumprimento de uma lei ou dever”. O provérbio que manteve a sua escrita original teria surgido durante o período Regencial do Brasil, quando atendendo aos interesses dos ingleses, o governo brasileiro promulgou uma lei que proibia a importação de escravos. Mas, como todos acreditavam que a lei não seria cumprida, começou a circular o comentário de que o ministro criara “uma lei só para inglês ver”. Como o provérbio traduz um sentimento de “permissividade”, tem ampla circulação ainda hoje no país. O exemplo de seu uso na escrita contemporânea é a notícia publicada em 27/08/2010, no caderno *Vida Urbana*, do Jornal *Diário de Pernambuco*, conforme Exemplo 2.

Exemplo 2 – FEITOS PARA INGLÊS VER

As pulseirinhas dos bebês ingleses

Alguns projetos de lei saídos das casas legislativas do Recife não levam em conta a realidade e o resultado é que parecem ***feitos para inglês ver***. Alguns, inclusive, nem são fruto da criatividade do parlamentar, mas da interpretação moderna da Lei de Lavoisier: na natureza nada se perde, nada se cria, tudo se "copia". No caso do PL do deputado Ângelo Ferreira (PSB), que obriga o uso das pulseirinhas antissequestro em recém-nascidos vindos ao mundo nas maternidades públicas e privadas de Pernambuco, a ideia não tem nada de original. Em São Paulo, o projeto produziu a maior polêmica, antes de ser votado, e ainda aguarda sanção do governador. Na Inglaterra, Irlanda e Austrália, não: há muito tempo elas viraram símbolo de segurança para pais de qualquer classe social, todos convictos de que surrupiar bebezinho de uma maternidade de lá é mais difícil do que subir o Everest de costas. Mas, convenhamos, há abismos e oceanos separando Inglaterra, Irlanda e Austrália de Pernambuco. Mesmo em relação aos paulistas, a distância entre a realidade econômica e social tem, no mínimo, os mais de quatro mil quilômetros que separam, geograficamente, os dois estados. Aqui, os grandes hospitais particulares reúnem todas as condições de utilizar o equipamento, porque a saúde financeira deles é colossal e segue matando de inveja o mais capitalista dos cristãos, mas na rede pública de saúde, onde o miserê se estende à oferta de itens básicos de sobrevivência, é risível. Imaginam-se as pulseirinhas reinando em lugares onde até equipamentos de extrema necessidade vivem "no prego", onde falta quase tudo e onde gestantes prometem a Nossa Senhora do Bom Parto colocar os nomes mais esquisitos nos filhos, se ambos saírem vivos da empreitada. Não vale não rir, porque, honestamente, essa é muito melhor do que aquela do português.

Fonte: http://www.diariodepernambuco.com.br/2010/08/27/urbana2_0.asp

Neste capítulo constatamos como os gêneros estão intrinsecamente conectados à vida social, o que nos levou a algumas reflexões sobre como o contexto cultural e social de uma época modela e dá sentido às várias formas de manifestação da linguagem na sociedade. Seguindo essa linha de raciocínio, nossa proposta é analisar os provérbios integrados na cultura, assunto que trataremos no capítulo seguinte, pois isto nos permitirá observar de que forma os provérbios operam na sociedade, além de verificar que os mesmos podem revelar aspectos da organização social e dos modos de linguagem típicos de um grupo de pessoas.

CAPÍTULO 3 - OS PROVÉRBIOS NA CULTURA

Neste capítulo, buscamos resgatar o provérbio na gênese da cultura popular na intenção de verificar de que forma a cultura de cada comunidade é representada pelo conjunto de seus provérbios. Como os provérbios expressam pressupostos culturais e valores vigentes em uma determinada sociedade, partimos da identificação do contexto sociocultural para verificar como diferentes grupos sociais se relacionam com a cultura proverbial. Este percurso será realizado através de uma breve exposição das diversas fases da história de seus usos e de seus usuários, refletindo-se sobre o papel moralizador dos provérbios na sociedade que antecedeu a modernidade, até o livre acesso da linguagem proverbial na imprensa escrita no século XIX, a qual constitui o *corpus* de investigação da presente tese.

3.1 – Provérbio e Contexto Sociocultural

Devitt (2006: 10-11) propõe que gênero seja visto, não só como uma resposta a situação recorrente, mas como um nexos entre uma ação individual e um contexto socialmente definido. *Gênero é uma dinâmica recíproca dentro da qual as ações individuais constroem e são construídas pelo contexto recorrente da situação, da cultura e de gênero.* Esses três contextos interagem e o produto disso tudo na interação recai no gênero. Deste modo a autora afirma:

[...] Um gênero constrói e é construído pela noção de situação recorrente, propicia papéis dos participantes, propósitos e usos da língua. Um gênero constrói e é construído pelo valor cultural, crenças e normas. Um gênero constrói e é construído pelo conjunto de gêneros existentes que os circundam, gêneros usados e não usados pelos participantes de uma sociedade [...]

Essa forma de pensar o gênero mostra o seu aspecto dinâmico em que a situação atua para dar forma ao gênero através de relações e padrões que se desenvolvem quando os usuários da língua identificam diferentes tarefas como sendo semelhantes. Mas o gênero é também constituído no conjunto de ações retóricas já construídas pelos participantes em uma sociedade. O gênero é forma tipificada que se estabelece e ganha sentido dentro de uma certa

cultura. As pessoas reconhecem gênero quando partilham regras e crenças coletivas originárias do mesmo universo cultural.

Alguns gêneros são bastante dependentes do contexto cultural. Os provérbios são ditos populares tradicionais de conselho e sabedoria que apresentam pressupostos culturais e valores vigentes em uma determinada sociedade. A conexão que se estabelece entre o provérbio e o conhecimento compartilhado pelo outro é decisiva no processo de reconhecimento do sentido evocado pelo dizer proverbial. Um exemplo de como o aspecto sociocultural é importante nessa troca verbal se observa na notícia publicada no jornal Diário do Grã-Pará, em 24/01/1861 (Exemplo 3), onde se diz:

Exemplo 3 – JORNAL DIÁRIO DO GRAM-PARÁ

“O senhor Francisco Ferreira da Silva Vianna poderá informar-nos que fim levou a sua queixa contra Antonio Domingues Pessegueiro pelas injurias que esse lhe arrogou por escripto? *Ficaria em agua de bacalhau* ou *permanecerá ad perpetuam rei memoriam*? Aguardamos a resposta.”

Fonte: Setor de Microfilmagem do CENTUR - Jornal Diário do Grã-Pará, 26 de janeiro de 1861.

Esse fragmento de texto mostra como o sentido do provérbio está imerso na cultura, e é ela que vai moldar o gênero. Os significados somente tomam forma quando se sabe o contexto social e cultural do provérbio em questão e a situação que lhe deu origem. Neste caso o texto retrata a cobrança em resposta a uma nota publicada no jornal, possivelmente relacionada a algum tipo de agressão moral, e o sentido do provérbio aparece associado à ideia de ‘ficar em espera’ ou ‘não ter solução’. Quanto à escolha lexical da expressão usada no provérbio *ficar de molho em água de bacalhau*, primeiro é preciso estabelecer que o termo ‘bacalhau’ configura-se como símbolo que marca a herança legítima dos portugueses. Depois, a expressão se encaixa perfeitamente no contexto social de uma época em que a sociedade brasileira, e principalmente nortista, era marcada pela forte influência dos portugueses, já que a província do Pará era um território recém-saído do Império Português. Além do fato de que as pessoas que escreviam para o jornal, naquela época, ou eram portugueses ou seus descendentes.

Sobre as origens do provérbio, é lícito dizer que ele remete ao modo de preparo do ilustre peixe, que vinha salgado da Europa, e para retirar o excesso do sal, era necessário deixá-lo em ‘molho’ ou ‘espera’ por vários dias. Por outro lado, interpretando o significado da locução latina - *permanecerá ad perpetuam rei memoriam?* - escolhida para o desfecho do texto, logo chegamos à associação com a ideia de ‘longa demora’ pois ela significa, *para a lembrança perpétua do fato* (Tosi, 2000. Dicionário de sentenças latinas e gregas). Segundo o dicionarista esta locução foi bastante usada nas epígrafes do período clássico. Por fim, o entendimento do gênero proverbial realiza-se no contexto sociocultural do seu tempo.

3.2 – As Origens da Cultura Popular

No final do século XVIII, acontece na Europa um movimento que ficou conhecido como *descoberta da cultura popular*. As raízes desse movimento podem ser encontradas nas coletâneas de canções populares nacionais, livro de baladas, contos, modinhas e poesias que ficaram famosos na Inglaterra, Escócia, Itália, Espanha, Alemanha e outras regiões européias.

De acordo com Burke (2010: 28), o interesse pela cultura popular empolga os intelectuais que passam a valorizar os costumes e as antigas tradições do povo. Essa valorização se mostra através das obras que passaram a ser editadas: as histórias dos irmãos Grimm (1812), a coletânea de baladas suecas recolhida da tradição oral em 1808, as baladas sérvias editadas por Vuk Stefanovic Karádizc (publicadas pela primeira vez em 1814) e as canções finlandesas também coletadas da tradição oral (publicadas em 1835). A Noruega e a Rússia também coletaram contos populares. Os autos sacramentais espanhóis foram descobertos e os mistérios ingleses foram publicados por Wiliam Hone e os alemães de F. J. Mone.

A amplitude desse movimento de valorização da cultura popular se fez sentir em toda a Europa. Mas, o que esse movimento trazia como novidade? Na visão de Burke (2010:32), os intelectuais escolheram o *povo* como tema principal, por acreditarem na crença de que, segundo o autor, os *usos, costumes, cerimônias, superstições, baladas, provérbios representam cada um deles, parte de um todo, expressam o espírito de uma nação*. Na aproximação com a simplicidade do povo buscavam distanciar-se do artificialismo que dominava as artes e a cultura. Defendiam o primitivismo cultural igualando o antigo, o

distante e o popular. Mas a descoberta da cultura popular é a contraparte de um movimento que traz em seu bojo uma nova reconfiguração política e social representada pela constituição das nações da Europa Moderna.

A história de uso dos provérbios, no início da Itália moderna, apresenta estreita relação com os estudos sobre a alfabetização no período em que a grande maioria da população vivia às margens da cultura letrada, quando os homens e, principalmente, as mulheres não tinham acesso à escrita e às práticas de leitura, quase sempre estavam restritas à leitura oral. Nessa época era muito comum a leitura do texto em voz alta por um membro da família, pois a grande maioria das pessoas eram analfabeta. Tratava-se de uma sociedade em que a escrita estava pouco presente e a cultura oral tinha grande importância, pois a difusão do conhecimento se transmitia através da palavra oralizada. É a época em que se acreditava que a sabedoria de um indivíduo poderia ser medida pela quantidade de frases e máximas que o mesmo possuía. Nesse contexto, afirma Burke (1997: 37) que o provérbio surge como sinônimo de erudição e cultura servindo para distinguir os homens letrados daqueles que viviam na mais profunda ignorância.

Entre os povos antigos, a transmissão de conhecimentos dava-se pela palavra oralizada e não escrita. A literatura de origem popular preservava ainda os vestígios dos vínculos que unem conhecimento e oralidade. A tradição reservou aos indivíduos mais velhos a responsabilidade pelo repasse do conhecimento às novas gerações através da reunião dos grupos para ouvir a ‘contação’ das histórias. A literatura apresenta exemplos de obras que resultaram de produções orais como a Bíblia, a Odisséia, a Ilíada.

Melo (2002: 20) afirma que, desde o período medieval, os contos populares têm sido usados como formas de distração, assim como também as lendas, os relatos de viagens cujo interesse residia na descrição de ambientes maravilhosos e inesperados, as fábulas com o seu cunho moralizante representado na figura dos animais e a literatura de cordel que transformou as narrativas populares de transmissão oral em escrita. Nos hábitos e costumes modernos o espaço destinado à prática de transmissão da cultura oral foi modificado pelas mudanças nas relações sociais que deram lugar ao isolamento do indivíduo. Hoje cabe à escola, e não mais à família, o prazer de ensinar a literatura de expressão oral de que fazem parte os contos, as fábulas, as adivinhas, as cantigas, os provérbios, as anedotas, etc.

O vínculo do provérbio com a cultura oral foi mencionado por Obelkevich (1997: 44) que o define como: *gênero originariamente oral, de complexa definição, porém de fácil identificação*. Embora os provérbios sejam difíceis de definir, são muito fáceis de serem reconhecidos. Compacto e fácil de ser memorizado, o provérbio serve como veículo não só do conhecimento moral, mas também do senso prático, além de que a maioria dos ditos populares tradicionais trazem algum tipo de ensinamento ou conselho através de um texto curto e de fácil entendimento.

Apesar da importância de sua forma interna, o que define o provérbio, conforme sugere Obelkevich (1997: 45) é sua função externa, e esta normalmente está ligada ao seu cunho didático e moralizante: *As pessoas usam os provérbios para dizer a outras o que fazer ou que atitude tomar em relação a determinada situação*. Portanto, os provérbios funcionam como “estratégias com autoridade” para formular uma parte do bom senso de uma sociedade, seus valores e o modo de fazer as coisas.

Outro fator que contribui para a autoridade dos provérbios é a sua impessoalidade. Oferecendo conselhos estereotipados para problemas recorrentes, os provérbios não o fazem de modo pessoal em uma determinada situação. Seja metafórico ou abstrato, o recado é sempre dado indiretamente, em terceira pessoa. Quando alguém cita um provérbio, ele geralmente vem acompanhado de um distanciamento do locutor em relação ao seu dizer. Isto é marcado no uso de fórmulas introdutórias do tipo “como dizem...” ou por leve mudança no tom de voz do falante: *suas palavras não são suas, mas da comunidade ou do senso comum que falam por intermédio delas* (Obelkevich, 1997: 45). As pessoas se enganam se pensam que ele é pessoal, as formas anônimas, tradicionais e autoritárias veiculadas através dos provérbios apresentam uma existência própria e independente de falantes, autores e ouvintes.

Observando a etnografia de seus usos e funções, constatamos que os provérbios podem ser usados em qualquer situação. Segundo Obelkevich (1997: 48) *Eles atravessam as fronteiras normais da linguagem e representam um registro polivalente e multifuncional com existência própria*. Mas é o sentido moral e educacional que comanda o uso da linguagem proverbial, seja na informalidade do cotidiano ou na instrução formal das escolas do século XIX. O que significa que a sociedade dita padrões de comportamento, a maneira correta de agir e orienta a convivência dos indivíduos em sociedade. Isso tudo se manifesta sob a forma de pretensas verdades universais que são constituídas a partir da história, da moral e da

cultura de uma época. Ou seja, por meio dos provérbios as normas sociais são internalizadas e reforçadas.

Em situação de conflito, os provérbios são usados menos por sua verdade ou sabedoria e mais pela sua impessoalidade. Neste caso o provérbio pode servir para atenuar uma crítica e evitar o constrangimento do outro. Por exemplo, a situação em que alguém pergunta a outro quando vai terminar determinada tarefa, em tom de ironia diz: - Isso vai ser concluído este ano ainda? Ao que o outro responde: “a pressa é inimiga da perfeição”. Nesta situação específica, a resposta do outro é uma estratégia que evita o conflito direto, mas não deixa de ser uma alusão à regra consensual instituída pelo provérbio que diz: “fazer algo com pressa é trabalhar duplamente para corrigir os erros” o que representa, portanto um evidente sentimento de desaprovação na resposta do interlocutor. Mas o provérbio, segundo Obelkevich (1997: 49), serve também para expressar a situação de ausência de conflito quando as pessoas o utilizam para manifestar sentimentos de boa vontade e reciprocidade. Elas partilham valores comuns e restauram as relações sociais reforçando a solidariedade de um grupo de iguais. O provérbio “Não faças aos outros o que não queres que te façam a ti” serve como exemplo dessa constância na conduta moral que orienta o comportamento das pessoas, originando assim, os valores na cultura popular.

3.3 – Provérbio e Cultura Popular

A palavra *folclore* aparece pela primeira vez em um jornal de Londres denominado *The Athenaeum*, em 1846. O termo foi proposto pelo arqueólogo William John Thoms para substituir o que normalmente era tratado na Inglaterra com os nomes *Antiquitates Vulgares* ou *Popular Antiquities*. A nova expressão servia para abrigar os estudos dos costumes do povo, de modo que os hábitos das classes inferiores passam a interessar os estudiosos, que descem às esferas de vida, para verificar o que lá existia de pitoresco e original.

O termo folclore tem origem saxônica e significa “o *lore* do povo” ou “a ciência do povo”. A partir dele foram criados os termos derivados *folklorist* e *folklorism* e foi fundada a *Folclore Society* de Londres. Antes da criação deste termo, os países latinos já possuíam as expressões “tradições populares”, “saber popular”, com objetivos aproximados dos do

folklore inglês e do *Volkskunde* alemão. Por isso, reagiram durante muito tempo à aceitação do termo proposto pelo arqueólogo britânico (Ramos, 1951: 15).

Na França não foi muito fácil a aceitação desse novo termo que foi criado em substituição à expressão “tradições populares”, os opositores diziam que o termo estrangeiro não carregava em si o peso da tradição. Porém, ao final, as razões científicas venceram a batalha e a palavra *folklore* passou a fazer parte do vocabulário francês, através da publicação de *Folklore de France*, do autor Sébillot, etnógrafo e estudioso da Literatura francesa.

Na Itália, as reações não foram menos significativas e o termo também não teve ampla aceitação. As expressões *Letteratura popolare* e *tradizioni popolari* já vinham sendo empregadas desde 1877. A palavra *folklore* foi introduzida em 1888, com um estudo de P. Rossi (Ramos: 17). Ainda foram propostas as expressões “*demopsicologia*” e “*demologia*”, como substitutas do termo *folklore*. Porém, a ideia não obteve muito êxito e conseguiu poucos adeptos, e logo depois o termo foi definitivamente adotado. Nos países ibéricos, a palavra *folklore* rivalizava com a expressão “saber popular” e, alguns autores ainda empregavam o termo *folk-lore* à inglesa, mesmo depois da reforma ortográfica, em Portugal, como sinal de respeito à grafia tradicional.

Os estudos sobre *folklore*, a partir das primeiras definições inglesas, abrangem o estudo das antiguidades vulgares, das práticas coletivas do povo e todas as suas crenças e costumes. No início o objetivo desse tipo de estudo pareceu pouco científico e até mesmo trivial, no entanto com o tempo o assunto adquire relevância científica, transforma-se depois em objeto de investigação e descrição do conhecimento sobre as crenças populares, instituições, práticas, literatura oral, artes e passatempos da vida mental e espiritual do povo em geral.

Nesses estudos iniciais, Ramos (1951) considera que existia uma preocupação com o resgate da cultura oral para salvá-la do ‘esquecimento’, uma vez que esse tipo de conhecimento não constava na lista dos autores renomados e nem nos livros da prestigiada literatura oficial. A prova disso é que havia uma preocupação nos primeiros estudiosos do *folklore* europeu na coleta dos contos populares e contos de fadas, que circulavam de forma anônima, ou uma espécie de ‘cultura recreativa’, de forma que o principal interesse do *folklore* situava-se no conjunto da chamada literatura oral.

Com o crescimento do interesse pelas ‘tradições populares’ surgem estudos sobre as histórias dos camponeses e um conjunto de rituais ligados à vida humana torna-se motivo de interesse investigativo como: o nascimento, a morte, a puberdade, o casamento e outros. Depois, o folclore foi ampliando os seus objetivos e passou a interessar-se pela Linguística, é então que surge o interesse pela origem das expressões proverbiais, pelas canções, as adivinhas, fórmulas populares e as superstições.

Deste breve retrospecto sobre a origem do termo folclore é de nosso interesse resgatar a ligação do provérbio a este conjunto de aspectos *não-materiais* da cultura, que tem sido designado de tradições populares desde longa data. A partir do conhecimento resgatado das entranhas de cada povo é que se conhecem as superstições, as crenças, as lendas, as poesias, as adivinhas, os ditos populares, mitos, contos, fábulas, música, etc. Portanto, é nesse contexto da literatura tradicional que o folclore pode contribuir para a reflexão de como o provérbio se insere na cultura popular, assunto este que deve ser discutido com mais profundidade em momento posterior.

3.4 – Provérbios na Bíblia

Na obra intitulada *Guia literário da Bíblia*, Alter e Kermode (1997) apresentam uma interpretação do livro sagrado a partir de um enfoque literário; e no capítulo que trata de Provérbios e Eclesiastes, os ensinamentos de sabedoria são apresentados através dos provérbios e máximas que foram disseminados através dos vários livros do Antigo Testamento.

No livro de Provérbios, o mundo é apresentado como o lugar da distribuição da justiça. *Se nos voltamos para o mundo e damos a ele, assim dele recebemos*. Esse mundo que é essencialmente retribuidor e generoso se sustenta na apreciação e uso adequado da linguagem, aliás, o tema da linguagem representa assunto importante em Provérbios e Eclesiastes. É através da linguagem que as relações são estabelecidas e o mundo se abre. A linguagem dá aos seres humanos a capacidade de criar ideias e símbolos que constituem o mundo humano, mas tal capacidade é simultaneamente a habilidade de provocar situações nocivas e causar danos aos outros. Neste livro, cujo propósito é ensinar a alcançar a sabedoria, afirma-se que as palavras tanto podem prejudicar quanto curar: *Uma resposta branda aplaca*

a ira, uma palavra ferina atíça a cólera (Provérbios, Cap.15: Vers.1). Através desta mensagem proverbial somos advertidos que a linguagem pode mostrar o caminho para o bem, mas também para o mal, porque é através dela que os homens constroem a união e a discórdia.

O princípio da sabedoria advinda dos provérbios declara: em primeiro lugar, obediência aos pais que devem conduzir os filhos pelos caminhos do bem, e depois, a todos os velhos das gerações presentes e passadas, é o que recomenda o provérbio bíblico: *Escuta, meu filho, a disciplina do teu pai,/ não desprezes a instrução da tua mãe* (1:8). Alter & Kermode (1997: 285) argumentam em favor da atitude sábia do homem, que deve ser guiado pela justiça divina, mencionando os ensinamentos de Jó que retratam o papel da autoridade dos pais destacando a importância do autocontrole e da disciplina, que é guiada pela sabedoria tradicional na obediência aos indivíduos mais velhos. Isto é o que evoca dessas palavras bíblicas: *Pergunta às gerações passadas/ e medita a experiência dos antepassados./ Somos de ontem, não sabemos nada./ Nossos dias são uma sombra sobre a terra* (Jó 8:8-9).

O sustentáculo desse mundo, baseado na sabedoria tradicional, advém do modo de sua organização que retrata uma ordem vital baseada na justiça, prudência e na dignidade. As máximas do sábio foram transmitidas pelos anciãos, que devem ser respeitados, e essa sabedoria dos sábios, que sustenta este mundo, é mantida pela disciplina individual e social. É nesta situação que o livro de provérbios da Bíblia pode ser interpretado como a fonte comum dos oradores e sábios de Israel. O conteúdo deste livro talvez sirva como fonte de material instrucional para o cultivo da moralidade pessoal e da sabedoria privada. Sobre a autoria dos escritos, a tradição costuma atribuir ao rei Salomão. Diz a lenda que ele foi o governante sábio da idade de ouro de Israel. Salomão transformou suas experiências pessoais em conceitos simples para ajudar as gerações futuras nas mais diversas situações da vida cotidiana.

Amparados nessa tendência mítica de que esses textos são de autoria de Salomão, passa-se a acreditar na seguinte verdade: “o reino de Salomão é visto como o início e o ponto de orientação da Sabedoria israelita. (...) ela subscreve a voz dos anciãos que os transmissores acreditavam estar ecoando através dos provérbios e alia essa voz de autoridade, embora de modo tênue, com uma grande figura da história de Israel” (Alter & Kermode, 1997: 289).

O conteúdo dessa obra nos ensina que a religião está ligada aos problemas comuns da vida. Os temas tratados falam sobre assuntos de moral, bom senso, boas maneiras, família, relações sociais, comportamento nos negócios, etc. Alguns provérbios tratam a respeito das relações familiares e outros ditam regras de bom comportamento e ensinam as pessoas a como proceder em determinadas situações. Isto tudo é matéria de reflexão filosófica nas páginas deste instigante livro que ensina não só um estilo de vida, mas também o meio de alcançá-lo, pelo menos é o que diz as palavras de introdução ao capítulo que trata dos provérbios na Bíblia:

O objetivo é a vida bem-sucedida, e o caminho para esse objetivo é a vereda da sabedoria. Ao longo do caminho, são mencionadas quase todas as facetas importantes do relacionamento humano. O livro de provérbios é tão relevante hoje como na época em que foi escrito. A sabedoria concernente aos relacionamentos é atemporal, da mesma forma que a natureza do pecado e da insensatez jamais muda. Examinar rapidamente a filosofia prática contida nestes provérbios proporciona a consciência da batalha perpétua entre o bem e o mal que existe em nossa vida (A Bíblia da mulher, 2003: 782).

Tal como vimos na citação, acima se ressalta a consolidação de uma moral cristã que domina e regulamenta a ordem social através do discurso, utilizando-se de imagens contraditórias desenhadas sobre os conceitos de sabedoria e insensatez, bem e mal, vida e morte, verdade e falsidade, prudência e precipitação, prosperidade e pobreza. Enfim, são os problemas humanos que exaltados em toda a sua contradição vão servir de fundamento e dar forma aos inúmeros provérbios deste livro.

Aspecto interessante desse conhecimento sapiencial é a forma eminentemente poética que o caracteriza. Alter e Kermode analisam os provérbios bíblicos sob o ponto de vista literário apresentando os ensinamentos de sabedoria à luz da análise das características poéticas dos ‘jogos’ proverbiais. O fundamento desta *poesia de sabedoria*, para usar o termo adotado pelos autores, manifesta-se na riqueza da forma literária que se utiliza largamente da composição binária, do paralelismo, aliteraões, assonâncias e rimas em algumas das composições proverbiais.

Essa forma binária colocada em justaposição funciona como a base formal para muitas outras variações dessa natureza. Tal recurso estilístico se mostra bastante comum nas composições literárias dos provérbios bíblicos; eis aqui um exemplo que serve como ilustração do recurso da estrutura binária nos provérbios: *o que despreza o vizinho: sem*

juízo;/ o homem inteligente: cala-se. [11:12] / o tagarela revelador do segredo;/o espírito seguro: retém o assunto [11:13]. Observam-se, nestes exemplos, como os provérbios apresentam duas estruturas que se complementam: a primeira apresenta o tópico ou a coisa que está sendo falada; e a segunda faz um comentário sobre isso.

Alter & Kermode (1997: 291) apontam outra característica relevante dos traços literários, é o denominado ‘*provérbio de instrução*’ o qual remete a um comando ou proibição que evoca do provérbio, com um segundo membro que fornece uma explicação, é o caso deste exemplo: *não fales aos ouvidos do insensato, / pois ele despreza tuas prudentes palavras. [23:9]/ Não desloques o marco antigo,/ e não entres no campo dos órfãos:/ pois o seu vingador é forte: / disputará a causa deles contra ti. [23:10-11]*

O uso dos *enigmas* nos provérbios é apontado como mais um recurso estilístico que foi amplamente usado na formação dos ensinamentos de sabedoria. Esta estratégia se apresenta ou através de textos metafóricos ou nas formações binárias, em que no primeiro membro do provérbio aparece a asserção enigmática e no segundo membro, elabora-se a resposta a ela, como este exemplo citado por Alter & Kermode (1997: 293): *um anel de ouro no focinho de um porco/ é a mulher formosa sem bom senso [11:22].* O caso ilustra o enigma colocado na primeira frase (a construção é tão esdrúxula que não se atina com a resposta), no entanto, na segunda parte do provérbio surge o ensinamento que responde ao enigma.

Nos poemas de provérbios a própria sabedoria torna-se um símbolo mediador entre Deus e a ordem criada. No livro de provérbios afirma-se que a sabedoria está disponível a todos, mas é adquirida somente por aqueles que a amam (Pv 8.21) e que a procuram (Pv.17) (A Bíblia da Mulher, 2003). Ela é vista de forma figurada, como a personificação do atributo de Deus “sabedoria”. Alguns estudiosos sugerem que a sabedoria, neste capítulo, refere-se a Cristo. A sabedoria de Provérbios tem como foco a educação e a moralização do povo que deve ser conduzido pelos caminhos da conduta correta. Observa-se, portanto, que muitos desses provérbios expressam a visão teocrática e instrutiva que caracteriza os textos do Antigo Testamento.

3.5 – Os Provérbios na Inglaterra, França e Itália

Alguns escritores reivindicaram a existência de uma nacionalidade em termos proverbiais. Sobre esta questão Francis Bacon teria dito: *O gênio, sagacidade e espírito de uma nação são descobertos em seus provérbios*. O pensamento do autor revela um pouco do que se esperava encontrar no conjunto de estereótipos que identificavam um grupo de indivíduos a partir das marcas identitárias presentes no estoque de seus provérbios. Em favor da representação deste suposto nacionalismo, entendemos o comentário que fez Obelkevich (1997: 51-52) quando este observou que os ingleses congratulavam-se pela qualidade moral e viril de seus provérbios e não encontravam o que louvar nos provérbios de outros povos. Os italianos eram reconhecidos pelo caráter cínico de seus ditos. Já os franceses destacaram uma diferença entre os provérbios nacionais, que eram destinados ao ensino e usados como ‘instrumento do processo civilizador,’ e os provérbios regionais, no qual incluíram os ditos mais vulgares e obscenos. Os russos eram reconhecidos pelo sarcasmo de seus ditos. A questão da defesa da nacionalidade nos provérbios hoje é vista com desconfiança e descrédito, pois os mesmos provérbios são encontrados em diferentes nações; existem ainda aqueles que migram de um povo a outro. Porém, não restam dúvidas sobre a existência de diferenças entre os provérbios regionais e os provérbios de circulação nacional.

Observando os modos de vida da sociedade e refletindo sobre os temas de seus provérbios, pode-se verificar como os provérbios refletem aspectos inerentes a cada comunidade específica. Obelkevich (1997: 52) verificou que os ingleses e franceses criaram muitos provérbios sobre o tema das esposas e quase nada sobre mães e maridos. Eles pouco falam sobre religião, medo ou paixão e os ditos do século XVII nada dizem sobre bruxaria. Sobre a representação da imagem da mulher, pelo menos nos provérbios europeus, ela é sempre vista como “rabugenta, resmungona e geralmente faladeira”. Obelkevich (1997: 53) registra essa visão depreciativa e hostil do sexo feminino nas formas proverbiais que circulavam entre os séculos XVI e XVII: *Many women, many words; many geese, many turds* (Muitas mulheres, muitas palavras; muitos gansos, muito esterco); *He that has a wife has strife* (Quem tem esposa, tem discussão); *A woman's tongue is the last thing about her that dies* (A língua é a última parte que morre em uma mulher).

Uma apreciação das ocorrências dos provérbios do século XV até os tempos atuais nos permite constatar que, assim como a sociedade muda, os provérbios mudam também. Assim novos ditados surgem, novos significados são criados para dar conta das novas

necessidades impostas pela língua e seus falantes. O conteúdo dos provérbios também mudou com o passar dos tempos. Obelkevich (1997: 55) cita um estudo de provérbios franceses do século XVI que mostra que eles ainda preservavam a desconfiança medieval a respeito dos ricos e a crença de que a pobreza poderia ser virtuosa, posturas que não sobreviveram em períodos posteriores. Davis (1990: 198) afirma também, que os organizadores da língua francesa no século XVI “tinham de recolher o que saía da boca do povo e adaptá-lo para uso geral na língua nacional”, o que conseqüentemente resgatou os provérbios da oralidade para a escrita. Assim o autor ressalta que os provérbios foram uniformizados e difundidos por todo o território francês.

Tais observações comprovam que os provérbios têm refletido as mudanças que ocorrem na sociedade. Em relação à sociedade inglesa, Obelkevich (1997: 56-57) lembra que no século XVIII, os novos ditos expressam uma preocupação com os novos valores da economia capitalista em expansão. Então “economizar” é o valor fundamental: *Wast not, want not* “Quem guarda tem” e *Take care of the pence and the pounds will look after themselves* “cuide dos tostões que os milhões se cuidarão”. No século XIX, os provérbios evocam uma relação mais complexa com o trabalho, cuja preocupação com reuniões e compromissos exige um novo tratamento na relação homem/tempo e o pensamento se resume na tríade “trabalho, realização e otimismo” que se mostra nos provérbios: *Nothing succeeds like success* “Nada é melhor do que o sucesso”; *Every cloud has a silver lining* “Nem tudo está perdido”. A essa valorização do tempo, os ingleses acrescentaram um refinamento: *Punctuality is the soul of business* “A pontualidade é a alma do negócio”.

Na sociedade inglesa do século XIX, o culto ao trabalho era tão valorizado e talvez igualado ao culto à domesticidade. Este comportamento se expressa através da carga ideológica que empurrava a mulher para os afazeres domésticos e que se traduz nos seguintes provérbios: *The hand that rocks the cradle rules the world* “a mão que embala o berço governa o mundo” e *A woman's place is in the home* “lugar de mulher é em casa” (Obelkevich, 1997:57). Isto somente reforça o que já foi dito sobre a natureza não estática das formas proverbiais e de seus significados, isto é, não resta dúvidas de que os significados dos provérbios mudam com o tempo, porém a história de seus usos continua a indicar que a sociedade registra apenas aquilo que adquire valor sociocultural. Logo, o que está em jogo não é o significado deste ou daquele dito proverbial, mas a sua validade em si. É o que demonstra o panorama do uso dos provérbios na Inglaterra, França e Itália.

3.6 – A Relação dos Provérbios com as Classes Denominadas “Eruditas”

“Na Inglaterra do século XVI, as pessoas educadas estudavam, usavam e valorizavam os provérbios”, afirma Obelkevich (1997: 59). As classes letradas faziam uso constante de provérbios tanto na fala como na escrita, e para essas pessoas, eles simbolizavam uma parte da cultura. Em uma época em que a verdade e a sabedoria estavam acima dos fatos, os provérbios possuíam uma autoridade incontestável. Na educação dessas pessoas, eles não representavam “curiosidades folclóricas”, mas faziam parte de seu “capital cultural”. Por isso os alunos se debruçavam sobre eles para memorizá-los e os aspirantes a escritores ou oradores, deles se utilizavam seja como instrumento de persuasão seja como ornamento estilístico e junto com as máximas, sentenças e outras formas concisas, os provérbios constituíam o ingrediente básico para ampliar o argumento e arquitetar a eloquência do discurso.

No entanto, a finalidade no uso de um provérbio não se resume a apenas instruir, mas também conceder crédito a quem os usava. O conhecimento dos provérbios era motivo de orgulho e todos queriam exibir esse material cultural em qualquer lugar onde estivessem. Obelkevich (1997: 59-60) afirma que são variados os contextos de uso dos provérbios: em almanaques, livros de aconselhamento, panfletos polêmicos, sermões e obras de natureza literária. Havia também quem abusasse de seu uso. Em 1601, um membro do Parlamento fez um discurso na Câmara dos Comuns que consistia, quase que inteiramente, de provérbios. Um escritor italiano compôs uma carta literária com aproximadamente 381 provérbios. Entre os autores clássicos, assinalam-se os registros de Rabelais, Cervantes, Shakespeare e outros que ornamentavam seus textos com as formas proverbiais, além de peças de teatro, comédias e outras obras literárias. Para facilitar o reconhecimento do texto proverbial, os escritores destacavam-no usando itálico, aspas invertidas e outras marcas tipográficas.

Costuma-se apontar como período áureo dos provérbios a segunda metade do século XVI e o início do século XVII; esse momento foi marcado pelo aparecimento de uma grande quantidade de novos provérbios culminando com a impressão de volumosas coleções. Davis (1990: 193) cita a coleção de provérbios franceses feita por dois clérigos, Nicolas Du Puy e Jean Guilles de Noyers, que ensinavam na Universidade de Paris entre 1510 e 1519. As edições *Proverbia communia*, *Proverbia gallicana*, *Proverbia popullaria* e *Proverbes communs* não eram anunciadas como uma maneira de estudar os costumes do povo, mas como fonte de eloquência, para aprender francês e latim e na educação moral de meninos e

meninas solteiras. Em momento posterior, os provérbios comuns foram todos incorporados no início do século XVII, ao Tesouro da Língua Francesa, que contava com mais de mil provérbios e cobria uma ampla variedade de temas. Mas os tempos de glória dos provérbios estavam com os dias contados e, no início do século XVIII, as classes educadas começaram a se voltar contra o seu uso, retirando-os gradativamente da Literatura e dos manuais de retórica e proibindo o seu uso na conversação entre as pessoas cultas (Obelkevich, 1997: 61).

Mesmo com a crise desencadeada pelo comportamento denominado ‘antipróverbio’, pode-se dizer que algumas exceções ocorreram. Estamos nos referindo aos provérbios bíblicos, que por seu caráter universal e sapiencial, continuaram a circular livremente. Obelkevich (1997: 62-63) interpreta esse movimento de expulsão dos provérbios da cultura letrada como consequência de um conjunto de mudanças que ocorreram no seio da própria sociedade. O primeiro fator é a emergência de um novo código social que determina o afastamento das elites de seu anterior envolvimento com a cultura popular, depois contribuiu o surgimento de novos modelos estilísticos de prosa literária, em que a retórica foi substituída pela gramática como guia para a escrita, as metáforas foram consideradas emotivas e dissimuladas e, por isso, deram lugar a um estilo simples e menos rebuscado. E, finalmente, Obelkevich (1997: 62-63) acrescenta que a demanda por originalidade na linguagem ordena que o indivíduo confie somente no poder da individualidade criativa na literatura e nas artes, e o provérbio, pouco original por definição apresentava-se em déficit com esta nova mentalidade. Esses são os argumentos pouco satisfatórios que suscitam as nossas reflexões ou dúvidas sobre a razão do abandono dos provérbios na cultura letrada no início do século XVIII.

Davis (2009: 201) aponta que no final do século XVII surge na França um comportamento mais crítico dos instruídos em relação ao saber popular, e desse modo os provérbios perdem o seu potencial estilístico, afirma a autora que: *A autoridade de ditados antigos e vulgares dificilmente seria levada em conta por libertinos ilustrados, com seu desprezo pelos contos ingênuos, por racionalistas cartesianos ou por quaisquer outros oponentes da superstição e da credulidade.* Nossas dúvidas novamente esbarram em argumentos estilísticos e preconceituosos contra a oralidade, o saber popular e obviamente o desprezo pelos provérbios.

Com a decadência dos provérbios, um novo gênero logo tomou o seu espaço. O escritor William Blake na obra (*o casamento do céu e do inferno*, 1790) deu a solução para

substituir o provérbio através de uma nova atitude que diz o que deve ser feito: *reter a forma dos provérbios, preenchendo-a, porém, com um conteúdo novo, mais pessoal*. Na visão de Blake, os novos provérbios são antinômicos e atacam a sabedoria dos antigos: *The road of excess leads to the palace of wisdom* “A estrada do excesso leva ao palácio da sabedoria” e *The tygers of wrath are wiser than the horses of instruction* “Os tigres da ira são mais sábios do que os cavalos da instrução” (Obelkevich, 1997: 64). Esse novo gênero é denominado *aforismo* e foi muito usado pelos escritores no século XVII e XVIII quando o provérbio estava em desuso. Apesar das semelhanças entre as duas formas, Obelkevich (1997: 64-65) ressalta algumas diferenças do tipo: o provérbio é um gênero basicamente oral, usado em situação “real” e o aforismo é um gênero puramente literário e destina-se ao deleite do leitor sem qualquer compromisso prático. Se o provérbio é metafórico e poético, o aforismo é geralmente abstrato e não metafórico, e tem as virtudes da prosa, o estilo correto, clássico e refinado. Embora ambos possam ser céticos em relação à sabedoria oficial, o aforismo tem espírito mais aristocrático e o provérbio apresenta-se de acordo com o ponto de vista da humanidade comum. Os provérbios são anônimos e impessoais e os aforismos refletem a perspectiva dos seus autores individuais. Na transição do provérbio para o aforismo, a sabedoria tornou-se mais abstrata, ainda que mais pessoal.

3.7 – O Interesse pelo Estudo dos Provérbios nas Diversas Culturas

Existem literalmente milhares de provérbios nas múltiplas culturas e linguagens espalhadas pelo mundo. Eles têm sido coletados e estudados durante séculos como úteis sinais linguísticos de valores culturais e pensamentos. A mais antiga referência conhecida de provérbios é do terceiro milênio a. C., e foi inscrita em placas cuneiformes como códigos de condutas de senso comum e observações sobre a natureza humana. Hoje se sabe que existem inúmeras coleções de provérbios nas diversas culturas e o interesse pelo estudo de provérbios não é privilégio de um povo específico, pois na maioria das línguas existem grandes volumes de coleções de provérbios. Corroborando esta assertiva, Mieder (2004:2) afirma que existe uma diversificada bibliografia, que compreende mais de 20.000 volumes de coletâneas de provérbios, com algo em torno de 200 novas publicações a cada ano. Algumas dessas obras são composições, listas de provérbios, dicionários de termos proverbiais e frases feitas. Sendo que uma pequena parte dessas publicações legitima a preocupação com certo rigor científico,

tornando-se assim de inestimável valor para o pesquisador que busca a atualização das referências e a comparação com outros estudos já realizados.

As pesquisas, que tomam um provérbio específico e o investigam em várias línguas têm recebido a atenção dos estudiosos de provérbios. Mieder (2004) comenta como esse tipo de trabalho se realiza mostrando a pesquisa comparativa do provérbio latino - “*uma mão lava a outra*” e o provérbio bíblico “*Não só de pão vive o homem*” (Deut. 8:3; Mateus. 4:4) - estes vêm sendo traduzidos para várias línguas praticamente com as mesmas palavras. Por outro lado, o provérbio alemão “*Morgestunde hat Gold im Munde*” (As primeiras horas da manhã têm ouro em sua boca) tem equivalência na língua inglesa, porém com uma metáfora completamente diferente no provérbio “Os primeiros pássaros pegam os vermes” (Mieder, 2004: 2). Esses estudos recebem a denominação de “paremiography”, os paremiógrafos (compiladores de provérbios) preocupam-se com a identificação, coleta, compilação e classificação dos provérbios.

O conjunto de gêneros, que formam o que denominamos de folclore verbal, é constituído pelos contos de fadas, lendas, provérbios, contos fantásticos, piadas e charadas, dentre esses, Mieder (2004: 3) argumenta que os provérbios são os mais concisos, mas isto não significa que eles apresentem a forma mais simples. Afinal, embutidos neste dizer sucinto, encontram-se, às vezes, discussões filosóficas, informações históricas, citações literárias e outras formas mais complexas de linguagem.

Para dar uma resposta a questões especulativas sobre a “ciência” da definição proverbial, Mieder (2004: 3), em 1985, realizou uma pesquisa para saber como as pessoas comuns costumavam definir o provérbio. Essa investigação revelou que em geral as pessoas sabem o que é um provérbio, fazem uso deles o tempo todo, e intuitivamente são capazes de reconhecer o seu significado. Então, comparando as mais de cinquenta tentativas de definição oriundas das respostas dadas pelos indivíduos pesquisados, o que eles descreveram sobre o provérbio sintetiza a seguinte informação: *uma frase curta, geralmente conhecida das pessoas, a qual contém sabedoria, verdade, moral e uma visão tradicional, em uma forma metafórica, fixa e fácil de memorizar, a qual foi perpetuada de geração para geração*. Tal descrição expressa um pouco do ideário, que circula no senso comum de que o provérbio geralmente denota experiência, verdade e sabedoria. Todavia este conceito não explora aspectos importantes como a criatividade dos provérbios, não menciona a variedade de usos, funções e significados que eles denotam.

3.8 – As Diversas Fontes dos Provérbios na Europa

Os provérbios, as piadas, os contos e as cantigas populares são manifestações culturais tão arraigadas na alma de uma comunidade, que se torna difícil falar de suas origens, no caso dos provérbios, em parte pela ausência de registros escritos das formas usadas pelos nossos ancestrais, e também, pela complexa relação que eles conservam com a cultura oral. Mieder (2004:6) menciona paremiologistas que buscaram caracterizar textos como provérbios. George Milner observa que muitos provérbios são caracterizados por uma estrutura quadripartida: *Who pays de piper, calls the tune* “Quem paga as contas, dá o tom”; *What the eye doesn’t see, the heart doesn’t grieve over* “O que os olhos não vêem, o coração não sente”. Estes provérbios foram divididos em quatro partes, com valores positivos e negativos para cada um dos quatro elementos. O critério adotado por Milner na atribuição dos valores é bastante subjetivo; por isso a crítica realizada por Norrick (1985: 54) que diz: *além da arbitrariedade dos seus atributos positivos e negativos, em última análise mais prejudicial para sua tese, Milner simplesmente alega a condição fundamental para sua estrutura quadripartida sem oferecer qualquer objetivo de suporte para isso*”.

Outro autor, que ele cita, é Alan Dundes que define provérbio como uma declaração que apresenta um tema e um comentário, do tipo: *Money talks* “Dinheiro fala”. Por esta definição entende-se que todo provérbio deve identificar a coisa que está sendo falada (o *tópico*) e dizer alguma coisa sobre isso (*comentário*). Juntos, o tópico e o comentário fazem o que Dundes chama de *elemento descritivo*. Em relação aos provérbios mais longos, declara que obedecem à regra que os divide em estrutura oposta e não-oposta, como: *Men proposes but God disposes* “O homem põe, mas Deus dispõe; *Where there’s a will, there’s a way* “Aonde tem um desejo, tem um jeito.

Peukes (apud Mieder, 2004: 6) ressalta que milhares de provérbios de qualquer língua obedecem a uma estrutura ou padrão comum. Ele cita exemplos desse padrão comum da língua inglesa e de outras línguas: *Bether X than Y* “Melhor X do que Y”; *Like X, like Y* “Tal X, tal Y”; *No X without Y* “Sem X, sem Y”; *One X doesn’t make a Y* “Um X não faz Y”; *If X, then Y* “Se X, então Y”. Essas estruturas servem de base para os seguintes provérbios: “Melhor pobre com honra do que rico com vergonha”; *Like father, like son* “Tal pai, tal filho”; *No work, no pay* “Sem trabalho, sem pagamento”; *One robin doesn’t make a spring* “Uma andorinha só não faz verão”; *If at first you don’t succeed,*

then try, try again “Se de primeira você não obter êxito, então tente, tente e tente de novo”.

Normalmente é bastante difícil determinar a origem e a história de um provérbio em uma determinada língua. Essa “aventura” acadêmica pode assumir proporções muito grandes, principalmente se o provérbio remonta ao período medieval ou se vai ainda mais longe, à antiguidade clássica. Mieder (2004: 9) esboça o provável percurso realizado por uma frase comum até que ela adquira o *status* de provérbio. O autor resume o processo da seguinte maneira: *Se a frase contém um elemento de verdade ou sabedoria, e se exibe um ou mais marcadores de provérbios, pode “pegar”, e ser usado inicialmente por um pequeno círculo familiar, depois por uma povoação, uma cidade, uma região, um país, um continente, e eventualmente o mundo.* O *status* da proverbialidade, segundo o autor, é alcançado se o provérbio passa a fazer parte do estoque cultural de uso coletivo da comunidade, pois a criação individual não lhe assegura a sobrevivência e a demarcação do limite espacial de seu uso depende das necessidades comunicativas de seus membros.

Assim como acontece em outras formas do folclore verbal, a frase proverbial original convive com as suas formas variantes e nesse processo de absorção da forma padrão acaba se distanciando de suas tradicionais origens, o que torna o provérbio ainda mais anônimo. Desse caráter de coexistência pacífica das formas proverbiais e as suas variantes, Mieder (2004: 9) demonstra como um estilo dominante se torna padrão através das três variâncias históricas de um provérbio sobre prudência: *“It is good to be wise before the mischief”* - “É bom ser sábio antes da travessura” (1584), *“After the business is over, every one is wise”*- “Depois do serviço terminar, todo mundo é sábio” (1666) e *“It is easy to be wise after the event”*- “É fácil ser sábio depois do evento” (1900). Este último provérbio tornou-se a versão padrão.

Sobre a provável fonte dos provérbios europeus, Mieder (2004:10) identifica quatro possibilidades: **a)** o papel desempenhado pelos gregos e romanos na difusão dos provérbios clássicos; **b)** a fonte bíblica como responsável pela grande irradiação do saber proverbial por conta das inúmeras traduções do livro original; **c)** o latim medieval e a difusão da correspondência latina nos textos do latim vulgar; **d)** a última fonte está relacionada aos movimentos migratórios realizados da Europa para os Estados Unidos.

A respeito do legado clássico, o estudo dos provérbios tem início com os estudos de Aristóteles e muitos provérbios gregos foram encontrados nos trabalhos de Platão, Sófocles,

Homero, Aristófanes, Aeschylus, Eurípedes e outros. Muitos desses reapareceram em traduções latinas, em Plautus, Terence, Cicero, Horácio e outros escritores romanos. Essa herança dos escritores antigos sobrevive em meio à criação de novos provérbios latinos, e muitos desses textos clássicos se tornaram parte de uma rica tradição medieval de provérbios latinos. Aspecto importante é que esses textos latinos comuns foram traduzidos para muitas línguas europeias.

De acordo com Phillips (1964, apud Mieder, 2004: 10), o escritor e teólogo renascentista Erasmo de Roterdã desempenhou um importante papel ao disseminar essa sabedoria clássica e medieval pela Europa por meio das muitas edições de seu “*Adagia*” (1500), que contém mais de quatro mil notas explanatórias e ensaios sobre provérbios clássicos e expressões proverbiais. Outro ilustre autor, que também tratou do instigante tema dos provérbios, foi Martinho Lutero, o qual traduziu muitos provérbios clássicos e ainda se ocupou com alguns provérbios germânicos regionais.

Outro aspecto que pode explicar a disseminação dos provérbios clássicos na Europa é o seu uso no ensino escolar, já que era muito comum usá-los nos exercícios escolares de tradução e, dessa forma, eles se espalharam pelos países europeus tanto oralmente como também através da escrita. Por intermédio da língua inglesa, os provérbios entraram na Austrália, Canadá, Estados Unidos, e no resto do mundo onde o inglês é usado como segunda língua (Mieder, 2004: 11).

Muitos provérbios aparecem sob a mesma forma em várias línguas europeias, e isso se explica porque muitas vezes, a fonte de tradução é a mesma, o que acaba gerando formas proverbiais muito semelhantes nas diversas línguas. O estudo realizado por Gyula Paczolay (apud Mieder, 2004:11) identificou formas semelhantes para o provérbio clássico “*were there is smoke, there is fire*” - “Onde há fumaça, há fogo” em 54 línguas do continente europeu.

Essa pesquisa demonstrou como muitos outros provérbios clássicos ainda estão ‘em foco’ na Europa e em outros lugares, tais como, “*Barking dogs do not bite*” - “Cachorro que ladra não morde” (51 línguas europeias); “*One swallow does not make a summer*” - “Uma andorinha só não faz verão” (49); “*Walls have ears*” - “As paredes tem ouvidos” (46); “*One hand washes the other*” - “Uma mão lava a outra” (46); “*Make haste slowly*” - “Devagar se vai longe” (43); “*Children and fools tell the truth*” - “Os tolos e as crianças sempre falam a verdade” (41); “*Still waters run deep*” - “águas silenciosas são profundas” (38), a forma

equivalente do referido provérbio em português é “quem vê cara não vê coração”; “*Love is blind*” - “O amor é cego” (37).

Todo esse conjunto de exemplos parece útil para reforçar a tese de que alguns provérbios, por tratarem de temas universais e humanos, servem mais apropriadamente para exprimir aquilo que a alma humana deseja e, por isso mesmo, eles são usados no cotidiano para retratar as experiências das pessoas, sejam elas da América, da Europa ou de qualquer outro lugar do mundo.

A segunda fonte de enorme influência na disseminação dos provérbios na Europa e em outros lugares é a Bíblia. Através dos muitos trabalhos de tradução dos textos da Bíblia, os provérbios oriundos da Antiguidade e da Literatura antiga são veiculados nas palavras dos oradores e na liturgia da igreja.

Ainda baseado nos estudos de Gyula Paczolay (*apud* Mieder, 2004: 11-12), listamos alguns provérbios que tiveram suas origens na Bíblia e hoje se encontram espalhados em diversas línguas europeias: “*As you sow, so you reap*” - “Quem planta, colhe” (52 referências europeias: ver Gl. 6:7); “*He who digs a pit for others, falls in himself*” - “Aquele que cava uma cova para outro, cai ele mesmo” (48, Pv. 26:27). Esse provérbio é semelhante à forma conhecida em Português “aquele que prepara uma armadilha para os outros, acaba caindo nela. “*He that Will not work, shall not eat*” - “Em terra de bom homem, quem não trabalha não come” (43; 2 Ts. 3:10), “*Do as you would be done by*” - “Trate os outros como quer ser tratado” (Mat. 7:12); “*A prophet is not without save in his own country*” (39; Mat. 13:57), o provérbio significa “muitas pessoas são bastante reconhecidas por seus feitos em todos os lugares, menos onde nasceu”.

Os provérbios citados são comumente encontrados também em outras línguas e a existência de formas semelhantes nas diferentes línguas da Europa serve para indicar que as traduções do texto sagrado guardam muitas similaridades, mas ocorre também de algumas formas proverbiais não existirem em determinada língua, o que pode ser explicado pela diferente competência linguística na tarefa dos tradutores.

O latim medieval é considerado como outra importante via de propagação dos provérbios na Europa, pois a língua latina vulgar servia como elo de comunicação entre os

vários povos daquela região. Este fato se reflete na enorme semelhança entre as formas dos provérbios traduzidos para as línguas vernaculares.

Como consequência dessa influência constata-se que muitos provérbios latinos medievais foram traduzidos para as línguas europeias conservando exatamente a mesma forma. Mieder (2006: 12) cita alguns exemplos de provérbios medievais bastante populares ainda na atualidade, tais como: *Strike while the iron is hot* (48 referências europeias) “malhar o ferro enquanto está quente” (48); *All that glitters is not gold* (47) “Nem tudo que reluz é ouro”, *When the cat is away, the mice will play* (46) “Quando os gatos saem, os ratos fazem a festa”, *The pitcher goes so long to the well until it breaks at last* (40) “O jarro vai tão longe para o poço até que finalmente quebra”, *No rose without thorns* (39) “Não há rosa sem espinhos”, *At night all cats are grey* (38) “À noite todos os gatos são pardos”. Esses provérbios certamente já foram usados por muitas pessoas de diferentes nacionalidades e alguns são mais populares do que outros.

Paczolay (*apud* Mieder, 2006: 12) catalogou 33 expressões equivalentes ao provérbio latino “*Mille via ducunt hominem per secula ad Roman*” do século XII. Provavelmente já existe em todas essas línguas a tradução direta de “Todas as estradas levam à Roma”. Ressalta, no entanto que existem variantes que trocam “Roma” por outras cidades. Sendo assim os estonianos trocam Roma por St. Petersburg. Outro provérbio finlandês refere-se à velha capital Turku, um provérbio russo menciona Moscou e um provérbio turco fala de Meca. Evidente que essas são as variantes esperadas na Europa, porém, Paczolay admite a possibilidade de já existir a versão americana, sob a forma: “Todas as estradas levam a Washington” e que logo, ela deve também aparecer em uma coletânea de provérbios.

A outra fonte apontada por Mieder para explicar a disseminação dos provérbios na Europa relaciona-se com o movimento de influência americana sobre alguns países europeus. Na visão do estudioso, a propagação deu-se através da influência da mídia de massa, que teria levado ao continente europeu, em meados do século XX, alguns provérbios que sofreram uma “atualização” em ares europeus, como por exemplo: “Lixo dentro, lixo fora” que veio do mundo dos computadores, “uma imagem vale mais do que mil palavras” texto muito usado no meio publicitário da época e o mais conhecido “o que é bom para a General Motors é bom para a América”. Este último foi reescrito pelo influente político europeu, Willy Brandt, que em uma tradução emprestada, modificou esse provérbio para “O que é bom para a Europa é bom para os Estados Unidos”.

Esse movimento demonstra como um povo impõe sua língua e sua cultura a outros povos e, neste caso, é possível dizer que, os Estados Unidos e a língua inglesa vêm disseminando a cultura popular americana através de filmes, música, propaganda, cartuns e outros gêneros da mídia. Isto evidencia também como essa sabedoria proverbial vem sendo atualizada para se enquadrar nos novos tempos e nas ansiedades de cada povo.

3.9 – Um Sistema Internacional de Tipos de Provérbios

A elaboração de um método que pudesse facilitar a ordenação e classificação dos milhares de provérbios de forma coerente tornou-se um grande desafio para os estudiosos da área da paremiologia. Matti Kuusi e Outi LauhaKangas (*apud* Mieder, 2004: 16-17) criaram uma classificação sistêmica internacional de provérbios organizando-os em 13 temas principais, dos quais a maioria representam aspectos básicos da vida humana:

- A. Sabedoria prática da natureza
- B. Fé e atitudes básicas
- C. Observações básicas e sociológicas
- D. O mundo e a vida humana
- E. Senso de proporção
- F. Conceitos de moralidade
- G. Vida social
- H. Interação Social
- I. Comunicação
- J. Posição Social
- K. Acordos e normas
- L. Copiando e aprendendo
- M. Tempo e senso de tempo

O sistema de classificação proposto pelos autores agrupa os 13 temas principais (que compreende a listagem acima) distribuídos em 52 classes principais que se dividem entre os referido temas. Por exemplo, o tema principal de “G. vida social” é constituído de 08(oito) classes principais, como mostra a distribuição abaixo:

G. Vida social

G1 Parentesco

G2 Desenvolvimento – a trajetória da pessoa

G3 Criança: pais/ educação

G4 Homem: mulher/ ranking e posição de ambos os sexos

G5 Casamento

G6 Juventude/ velhice

G7 Saúde/ doença

G8 Morte/ o morto

As 52 classes principais são novamente subdivididas em 325 subgrupos, com diferentes números de subgrupos para cada classe principal. Alguns subgrupos registram 7 ou menos tipos de provérbios, mas há também aqueles subgrupos que listam 50 ou mais tipos. Mieder (2006: 17) demonstra como o sistema criado por Matti Kuusi funciona através do exame do subgrupo G8, o qual trata sobre o tema “vida / morte” e contém meros 6 tipos de provérbios, enquanto o subgrupo “G5 - mulher e homem – momento certo para pedir em casamento, normas, critérios de escolha (a maioria pelos homens)” oferecem 73 tipos de provérbios. Um exemplo do subgrupo G8g é o provérbio japonês *A candle, by consuming itself, gives light to others* “uma vela ao se auto consumir, dá luz aos outros”.

Este sistema de classificação é responsável pela criação de um enorme banco de dados comparativos de provérbios de basicamente toda parte do mundo. A intenção do seu idealizador foi criar uma “tipificação proverbial”, no sentido mais amplo dessa expressão que pudesse abarcar tipos de provérbios similares de diferentes nações, apresentando-os como um tipo global que compartilham uma ideia comum. A tipificação funciona como forma de ordenar os provérbios, que usam diferentes imagens para expressar a mesma ideia. Mas ainda assim é difícil imaginar que existem modelos ou padrões para certo tipo de provérbio.

Outro exemplo que figura em sua classificação sistêmica é um tipo universal de provérbios que pode ser encontrado no tema principal “C” (Conversação básica e sociológica) e sua classe principal C6 (aparência: valores internos). Mieder (2004:18) localiza o subgrupo “C6c” (nem tudo é o que parece), no qual são apresentados os seguintes tipos universais: *All that glitters is not gold*. “Nem tudo que reluz é ouro” e *A wolf in sheep’s clothing*. “Um lobo em pele de cordeiro”.

O sistema de classificação inclui elaboradas anotações com informações e, sobretudo, referências cruzadas com outros tipos de provérbios. Isso cuida do problema de que às vezes algum assunto designa os provérbios para certa posição no sistema de classificação. Esse processo se realiza com uma busca feita no banco de dados computadorizado, que permite a localização por meio de palavras-chave (normalmente substantivos) para ajudar a alocar cada provérbio no sistema, se não se sabe ao certo em qual tema, classe ou subgrupo principal eles foram registrados.

Fiorio (1995:105) elaborou uma proposta de distribuição sistêmica dos provérbios utilizando um método de classificação semelhante ao Sistema Internacional proposto por Matti Kuusi. Baseando-se no quadro de referência do antropólogo Antônio Rubbo Muller¹⁰, denominado Teoria da Organização Humana (TOH), propôs a sistematização dos provérbios de sua pesquisa considerando os referentes proverbiais de seu acervo, que é composto pelos provérbios rurais de Goiás.

A Teoria da Organização Humana estabelece que a realidade social deve ser interpretada a partir de uma tríplice visão: 1. *Uma visão vertical* que comporta os sistemas de parentesco, sanitário, manutenção, lealdade, lazer, viário, pedagógico, patrimonial, produção, religioso, militar, político, jurídico e precedência, relacionando-se todos ao desenvolvimento biológico, psíquico e social do indivíduo, desde que emerge no sistema de parentesco até sua emancipação gradativa nos sistemas militar, político e de precedência; 2. *Uma visão horizontal* que comporta os componentes metafísicos de todos os sistemas: cenários, personagens, símbolos, valores e crenças; 3. *Uma visão de profundidade* expresso pelas potencialidades, metas pessoais, grupais, societárias e absolutas de cada sistema. Esse conjunto encontra-se interligado de tal maneira que ao se alterar um dos pontos da TOH, todo o restante é atingido direta ou indiretamente.

Em sua análise, Fiorio (1995:107-168) aproveitou principalmente a visão vertical sistêmica deste método. Assim, são exemplos dessa distribuição sistêmica, os seguintes provérbios: *Tal pai, tal filho* (parentesco); *O peixe morre pela boca / Quando o amo é glutão passam fome o criado e o cão.* (manutenção); *Uma mão lava a outra* (relacionamento); *roupa*

¹⁰ Muller, A. R. Elementos basilares da organização humana. São Paulo: Escola de Sociologia e Política. 1951. (Tese)

suja lava-se em casa (relacionamento/comunicação) De gaiolas fechadas não saem perdizes (comunicação); Para a formação de bons hábitos se diz: De pequenino se torce o pepino; (educação) o perigo da não formação de bons hábitos se expressa: Tanto vai o pote à bica que um dia lá fica (educação) e hábitos arraigados não se destroem: o uso do cachimbo deixa a boca torta (educação). De grão em grão a galinha enche o papo (patrimônio); A quem cedo madruga Deus ajuda (trabalho); Nem só do pão vive o homem (religião); A verdade e o azeite andam à tona d'água (legislação).

Na verdade, o método da distribuição sistêmica dos provérbios proposto por Fiorio funciona como uma chave de interpretação para classificar e ordenar o vasto universo formado pelos provérbios. A delimitação das fronteiras entre um sistema e outro não é rígida, ou seja, existe a possibilidade de um provérbio se encaixar em sistemas diferentes dos apresentados nesta exposição.

Para concluir o que deixamos em aberto sobre o Sistema Internacional de tipos de provérbios, trazemos o comentário crítico de Lauhakangas a respeito de seu pai e de seu sistema de classificação, onde admite a subjetividade deste método:

É óbvio que o ponto de vista ou a mira do intérprete tem um efeito de definir textos proverbiais em tipos de provérbios. O sistema internacional de tipos de Matti Kuusi representa apenas uma solução para a classificação dos provérbios – e não necessariamente a melhor. Essa foi primariamente uma tentativa de encontrar um jeito prático de organizar uma enorme coleção de referenciais literários, provérbios encontrados em coleções. [...] Nós podemos e devemos dizer que o índice de Matti Kuusi está permanentemente “em construção”. Consequentemente o arquivo de tipos universais de provérbios não está finalizado (Lauhakangas 2001: 76 *apud* Mieder, 2004: 18-19).

É de fato um sistema aberto que se encontra ainda em construção, e talvez a dificuldade maior seja o alcance do método, que dispõe de uma rede muito extensa que inclui centenas de coleções de provérbios usados para estabelecer o sistema de classificação. Mieder (2004: 19) alega que há ainda muitos provérbios antigos, e acima de tudo novas coleções de provérbios esperando para ser incluídos no banco de dados, de modo a expandir o sistema da forma mais consistente possível. E depois, a criação de novos provérbios não está acabada, o que faz com que acadêmicos tenham de integrá-los no Sistema Internacional de classificação para ver como esses textos inovadores se encaixam no sistema universal. A inserção da tradição proverbial e o interesse pelo estudo dos provérbios falados e escritos no Brasil nos reportam ao período colonial deste país, como também as origens de sua imprensa.

3.10 – A Linguagem Popular Invade os Primeiros Periódicos Impressos no Brasil

O progresso invade a colônia com a chegada da corte portuguesa ao Brasil, em 1808. O surgimento da imprensa, a abertura dos portos ao comércio com as nações amigas e a implantação das indústrias pelo interior do Brasil são os principais fatores, que geram as mudanças na melhoria das condições sociais e econômicas, o que faz surgir uma classe intelectual na colônia ávida por conhecimentos e novas leituras.

É nesse momento que os periódicos adquirem importância e passam a ser o espaço da arena de lutas entre políticos, intelectuais e outros indivíduos que tinham algum tipo de interesse na discussão dos destinos políticos da colônia. Liberais, maçons, aventureiros de ocasião e arrivistas escolhem o espaço do jornal para debaterem entre si a necessidade de uma constituição. Mas o alvo dos jornalistas era, segundo Lustosa, (2000: 27), o príncipe D. Pedro, a quem eles desejavam conquistar o apoio para o projeto político que defendiam, pelo menos é o que sugerem os textos da seção de cartas dos jornais daquela época.

Mas quem eram os leitores dos periódicos que passaram a circular na colônia? Os anúncios publicados nos jornais *Volantim* e no *Diário do Rio de Janeiro* nos dão uma pista de como era formado o público leitor de nossa jovem imprensa nacional: donos de escravos fugidos, pequenos proprietários, negociantes, professores e uma pequena classe letrada (Lustosa, 2000: 27).

Observa-se que o jornal estava longe do alcance às massas, mas ele adquire grande notoriedade junto aos seus leitores, o exemplo desse espírito é *O Correio Brasiliense* e o *Revérbero*, ambos adotavam uma numeração de páginas que continuava nos números seguintes, indicativa de que se tratava de uma sequência. Lustosa (2000:29) descreve o formato desses primeiros impressos: os jornais eram impressos em formato in-oitavo (o tamanho tradicional dos livros), vendiam-se nos mesmos lugares em que vendiam os livros e, tanto na forma quanto no conteúdo, não tinham o caráter ligeiro e descartável que vieram a adquirir depois.

Surgidos assim da ebulição política do momento, quase todos os jornais do período que vai da partida do rei, em abril de 1821, à dissolução da assembleia, em novembro de 1823, tiveram vida efêmera. A maioria não durou mais que alguns meses. Apareciam uma ou duas vezes por semana e suas tiragens eram reduzidas. As dificuldades de comunicação

impediam a divulgação pelas províncias. Muitos não deviam atingir senão o público das cidades onde eram publicados. Eram distribuídos somente aos assinantes, cujo número raramente ultrapassava as duas centenas. Só muito mais tarde é que se inauguraria a venda avulsa pela cidade por jornaleiros apregoando o título do jornal e as principais manchetes (Lustosa, 2000: 28).

A prova incontestável do caráter respeitável e da missão gloriosa do jornalista se confundia com a missão do educador. A imprensa periódica servia como fonte de instrução em uma sociedade que pouco dispunha de material de leitura. Os homens que escreviam para o jornal o faziam por acreditar que a educação poderia servir de alavanca para a transformação e o desenvolvimento da sociedade. Para Cândido (*apud* Lustosa, 2000: 30), “a instrução seria a chave de uma conduta racional e asseguraria o bom funcionamento dos governos. Difundir as luzes era criar condições para uma política justa e eficiente”. Neste contexto cabia ao jornalista o importante papel de suprir as deficiências que a carência de livros e de informações especializadas acarretava. Quase todo jornal começava com uma carta de intenções. Os redatores estavam conscientes da importância de seu papel naquele momento.

Embora se reconheça o nobre papel do jornalista que escrevia para o jornal daquela época, de acordo com Cândido (*apud* Lustosa: 34), a formação da vida intelectual brasileira, nos primeiros momentos, foi acometida pelo grave problema da ausência de definição do espaço público, onde qualquer pessoa podia se habilitar a escrever em um jornal: o político, o padre, o militar, ou seja, o cidadão comum. Tal fato deve ter contribuído para o acesso da linguagem popular na imprensa escrita, pois segundo Lustosa (2000:35), os aforismos e as gírias são uma marca constante na imprensa da Independência. Os aforismos foram usados tanto pelos escritores mais sofisticados como Hipólito da Costa, Cairu e José Bonifácio; quanto pelos representantes mais populares, merecendo destaque a figura do Imperador pelo estilo descuidado e o gosto popular. O monarca participava dos embates verbais nos jornais usando-se do artifício da não assinatura preservando a sua identidade, ou assinando alguns dos textos utilizando-se do seu pseudônimo.

Ao estudar a cultura do século XVI, no norte da Europa, Davis (*apud* Lustosa, 2000: 35) afirma que embora considerando a distância entre a linguagem literária e/ou a linguagem clerical e a fala rural, elas apresentam algo em comum: ambas compartilham o uso de provérbios. Costuma-se admitir como explicação para o fato, o baixo nível de alfabetização

dos leigos do norte da Europa até o século XV. De modo que o prestígio do provérbio se deve não só porque os antigos o usavam como estratégia retórica, mas também porque ele participava das atividades sociais.

Segundo Lustosa (2000: 35), para os padres, os provérbios comuns funcionavam como uma maneira de invocar o universo familiar e ajudar as pessoas a lembrar a mensagem do sermão. Os advogados viam nos provérbios um modo particular e interessante de persuadir as pessoas através da estrutura harmoniosa e da brevidade tão comum à maioria dos provérbios. Davis (2009:200) reforça que, nos litígios entre os camponeses do século XVI, os advogados aconselhavam usar os provérbios falados na aldeia, pois os camponeses gostavam de julgar de acordo com estes provérbios, e mais, *Os advogados, além disso, tinham seus próprios provérbios legais, regulae, e máximas, que eles memorizavam como ajuda na aprendizagem do direito e dos casos*. Porém com o advento do Iluminismo os provérbios perderiam a sua ‘elegância’ e logo ele seria visto como “produto de falsas associações”, o que acarretou a condenação do seu uso na sociedade.

Percebemos, neste capítulo, que através dos provérbios exprime-se uma determinada visão de mundo, que se manifesta na vivência social e cultural dos indivíduos que partilham de um mesmo mundo social. Assim, os provérbios moldam as atitudes e o comportamento dos indivíduos, mas é também moldado por eles, ou seja, os provérbios são o reflexo da cultura de um povo, mas é também refratado nela.

CAPÍTULO 4 – A RETÓRICA DOS PROVÉRBIOS NA IMPRENSA PARAENSE

Neste capítulo, apresentaremos um panorama dos usos dos provérbios na imprensa paraense, agrupando-os em três períodos: *o primeiro (1822-1860)*; *o segundo (1876-1920)* e *o terceiro (2008- atual)*. No primeiro período analisaremos os provérbios no contexto de circulação dos primeiros jornais na província do Grão-Pará. No segundo período assinalaremos a consolidação da imprensa com o aprimoramento das estratégias de apropriação do discurso proverbial pelos articulistas, que se utilizam do saber coletivo instaurado pelo provérbio para difundir normas sociais e modos de comportamento. No terceiro período serão analisados os provérbios e seus significados pela ótica de seu uso retórico contemporâneo, destacando as novas funções que o provérbio assume no discurso do jornalista da atualidade.

4.1 – Marcas Estilosas nos Primórdios da Imprensa Paraense: Os Provérbios nos Periódicos de 1822-1860.

Faremos uma breve incursão pela história da imprensa no Pará, dando ênfase no período inicial das primeiras letras impressas no Estado. As fontes históricas nortearão as nossas análises realizadas com a função de usar esses registros como ferramenta auxiliar na identificação dos provérbios e dos agentes sociais representados pelos leitores e escritores do material impresso, que circulou nos periódicos do século XIX. Paralelamente a essa análise da história e da imprensa, investigaremos como os provérbios se inserem neste contexto, analisando-se especificamente os seus modos de expressão e as fórmulas próprias de linguagem e o que isso representa para os agentes sociais.

Escrever sobre a história da imprensa no Pará é um desafio que implica em vencer diferentes tipos de obstáculos. Em primeiro lugar, encontra-se a falta de registros confiáveis, o que obriga o pesquisador a recorrer ao próprio jornal como fonte de pesquisa, pois desde o

início da imprensa no Pará, os registros são bastante facciosos, a exemplo de “Os Motins” do Barão de Guajará¹¹.

O surgimento da imprensa no Pará se insere no contexto dos acontecimentos políticos ocorridos no cenário europeu, particularmente as Revoluções constitucionais na Espanha e Portugal cujos desdobramentos atingiram diretamente a estrutura política dos domínios da Coroa Portuguesa e Espanhola nas Américas. Esses fatos acarretaram mudanças políticas e sociais no Brasil, criando espaço para o desenvolvimento da opinião pública através do surgimento de uma nova mentalidade nas províncias às vésperas da Independência do país.

Durante a década de 1820 circularam em todo o país 53 jornais. Esse número aumenta um pouco mais durante o período Regencial. A efemeridade é a marca de muitos desses periódicos. Mas alguns dos jornais que surgiram no final dos anos 1820, durariam décadas, tendo papel importante na constituição da própria ideia de perenidade dos jornais brasileiros. Outros foram mais efêmeros, mas nem por isso tiveram menos importância na fomentação de uma cultura política emergente (BARBOSA, 2010: 49).

Embora o jornal *O Paraense* tenha aparecido em pleno regime monárquico, seus redatores logo o fizeram porta-voz dos colonos descontentes, posteriormente o jornal foi o palco das dissidências entre liberais e conservadores. Mas o grande mérito do jornal é ter sido o embrião do movimento de libertação da Província do jugo português, quando os revolucionários cabanos tomaram o poder na Província do Grão-Pará, que ficou durante alguns anos sob o comando dos líderes daquele movimento.

Na primeira página da edição inaugural, o periódico publicou o decreto sobre a liberdade de imprensa prevista na constituição de Portugal. A luta pela liberdade e a independência do Brasil constituem-se nas principais bandeiras levantadas pelo jornal, cuja marca vai tomar forma em sua linha editorial, principalmente após o cônego João Batista Gonçalves Campos ter assumido a sua direção.

¹¹ Rayol, Domingos. *Motins Políticos ou História dos principais acontecimentos políticos da Província do Pará desde o ano de 1821 até 1835*. Universidade Federal do Pará, 1970.

O surgimento do jornal não pode ser visto como um fato isolado, pois a província do Grão-Pará mantinha uma estreita relação com a coroa portuguesa, e as relações davam-se mais facilmente com Portugal do que com a sede do governo, no caso, o Rio de Janeiro (ROCQUE, s/d: 150). O poder de influência das civilizações europeias era enorme e a materialização desse ideário burguês aqui chegava e rápido se instalava. Isto propiciou o surgimento de ideias sobre o progresso, a ciência, a liberdade, a tolerância, e em nome do progresso e do bem comum, os indivíduos cederiam espaço para a liberdade de imprensa.

Feita essa breve explanação sobre a chegada da imprensa no norte do Brasil e das condições políticas daquele momento, sem dúvida o aspecto desencadeador e inovador é a circulação da opinião pública, que representa o elemento essencial nas relações entre a imprensa e o poder na província do Grão-Pará. As páginas do jornal *O paraense* revelam os constantes conflitos entre liberais e conservadores, entre constitucionais e servis, mostram os avanços e garantias da Constituição Vintista e a lei de Liberdade da Imprensa. O clima de superação da condição colonial estimula o debate entre os diversos grupos políticos que veem no jornal uma trincheira na luta pela viabilização de seus interesses individuais e, às vezes, coletivos. O que ajuda a explicar por que o jornal funcionou como *catalizador das críticas e dos descontentamentos locais face aos rumos seguidos pela administração pública*. (ROCQUE, s/d: 152)

Os primeiros números do jornal *O Paraense* publicaram matérias que criticavam a administração colonial, os efeitos do despotismo no Grão-Pará, a corrupção e a crise no Rio de Janeiro e também denúncias contra a burocracia provincial. Segundo Roque (p.158), o referido jornal denunciou um movimento articulado no Rio de Janeiro para a permanência de D. Pedro no Brasil como uma tentativa de provocar a autonomia do país em relação a Portugal. Esse primeiro momento do jornal traduz bem os ideários de seu então redator, Felipe Patroni, que alimentava um projeto para estabelecer um governo no Grão-Pará conduzido pelos méritos e talentos dos *homens das luzes* do século XVIII na administração do Estado e do bem público. Contrariando as preocupações mais filosóficas do primeiro redator do jornal, o cargo depois foi ocupado pelo cônego Batista Campos que imprimiu ao jornal uma linha mais radical de oposição ao poder militar da Província. Com isso o periódico passou a trazer matérias que mostravam o crescente descontentamento dos brasileiros em relação à dominação colonial.

Os conflitos permanentes entre a imprensa e o poder militar no Grão-Pará, as denúncias à política ministerial portuguesa e as acusações à Junta da Fazenda criaram um clima de insatisfação que culminaria na publicação de artigos e cartas anônimas. Elas continham denúncias sobre as arbitrariedades que colocavam o jornal como alvo permanente do governador de armas da Província, o brigadeiro José de Moura, criando assim uma séria resistência à liberdade de imprensa.

Nas palavras de Rocque (s/d: 169), *ao funcionar como um tribunal público, o jornal facultava os seus espaços ao exercício de uma crítica que se tornava progressivamente mais candente, radicalizando o processo das relações entre o poder militar e a liberdade de imprensa*. Logo essas dissidências se tornariam motivos para perseguições políticas e posturas mais severas por meio das autoridades governamentais, a exemplo das prisões dos redatores do jornal e, até mesmo, a dissolução da Junta de Governo por força de um golpe militar perpetrado pelos oficiais subordinados ao governador de armas da Província.

O cenário descrito sugere que, à medida que as denúncias do autoritarismo do governador vêm à tona, mais fragilizada fica a sua imagem, por isso, a estratégia do redator do jornal para desgastar a imagem do governador de armas era colocar em xeque a autoridade militar perante a opinião pública. Esses fatos ajudam a entender a postura assumida pelo jornal, sob a direção do cônego Batista Campos, quando o mesmo passou a advogar abertamente a causa da adesão do Pará ao governo de D. Pedro I (Rodrigues, 1982: 348). Esses acontecimentos situam a existência do Jornal *O Paraense*, em uma fase de crescente ebulição política e mudanças nas relações de poder, com a entrada em cena da opinião pública, que ocorre de forma mais efetiva, com a circulação do jornal impresso.

Neste breve relato sobre a história das primeiras letras impressas no Pará é imprescindível destacar a significativa diferença que separa a concepção de jornal, que se tem hoje, daquela do início do século XIX, quando os temas que viravam notícia nas páginas impressas dos periódicos eram constituídos de textos contendo decretos, portarias, documentos oficiais do governo, notícias comerciais e acontecimentos da vida de pessoas da cena pública.

Os jornais desse período constituíram-se através da criação de redes de sociabilidade, considerando-se evidentemente as condições da época, a via de notícias sustentava-se da circulação de correspondências que chegavam pelos navios, dos documentos vindos da Coroa

Portuguesa, das notícias locais e dos boatos de todo tipo. Essa rede de sociabilidade criada pela imprensa periódica, segundo Martins & Luca (2008: 41), funcionou como *um palpável agente histórico, com sua materialidade no papel impresso e a força simbólica das palavras que fazia circular, bem como dos agentes que a produziam e dos leitores/ouvintes que de alguma forma eram receptores e também retransmissores de seus conteúdos*. O jornal se alimentava da rede de comunicação formada de confederações, associações e grupos que se articulavam a nível nacional para defender as posições políticas e os interesses de cada uma das respectivas representações, através do espaço público constituído pelo jornal.

A imprensa cumpre um papel fundamental no cenário de proposições por mudanças e surge como formuladora de projetos de nação distintos entre si (apesar das convergências), constatando-se que a inserção da opinião pública acaba criando espaço para uma nova configuração nas relações de poder que se estabelece na sociedade. A cena pública se torna cada vez mais complexa, e nela emergem atores políticos diferenciados. Martins & Luca (2008: 42) afirmam que aparecem nas páginas dos jornais diferentes protagonistas como: soldados, oficiais de média patente, lavradores arrendatários, profissionais liberais, clero regular e secular, camadas pobres urbanas livres, homens negros, pardos e brancos, além das mulheres como leitoras assíduas.

Analisando-se o contexto de circulação dos jornais da Província do Grão-Pará, nesta fase de implantação da imprensa, é possível construir um perfil aproximado dos indivíduos que contribuíram na elaboração dos textos publicados na imprensa periódica naqueles tempos. Os produtores dos textos (redatores e escritores) dos jornais *O Paraense* e *Diário do Grão-Pará*, por exemplo, são padres, funcionários burocratas do governo, médicos, professores e representantes das classes escolarizadas. Contudo, existe um aspecto interessante que foi mencionado por Lustosa (2000), que é a informação de que os indivíduos, que escreviam para o jornal, em geral não havia frequentado as academias, e muitas vezes, *os intelectuais saíam do púlpito das igrejas direto para a redação do jornal*. Esse aspecto determinará como veremos adiante, a forma de escrita e a fonte dos provérbios encontrados nos jornais desta fase inicial da imprensa.

As publicações de meados do século XIX são constituídas por artigos, localizados em estreitas colunas que se iniciam logo abaixo do título do jornal e anúncios. A primeira página é constituída pelo tradicional artigo de fundo e pelo relato das atas, leis e discursos dos letrados do império. A partir da década de 1840, são incluídos também os famosos folhetins

escritos muitas vezes por autores de renome internacional. Geralmente ocupando quatro colunas, editam-se ainda notícias misturadas aos anúncios os mais diversos. (BARBOSA, 2010: 50)

Mostraremos a seguir as observações feitas sobre os aspectos que foram encontrados no jornal *O Paraense*, no que se refere à constituição genérica do referido jornal. Em primeiro lugar o jornal era de formato pequeno (quatro páginas), trazia estampado no alto de sua primeira página o escudo das armas do Reino Unido de Portugal-Brasil-Algarves, o emblema carrega o significado que o Brasil ainda não era uma nação independente, portanto o jornal expressa através dessa simbologia a sua condição de dependência em relação a Portugal.

Sobre a constituição material do jornal *O Paraense*, constatou-se que naquela ocasião a variedade de gêneros presentes no jornal é pouco significativa, a visualidade dos textos lembra mais um bloco textual único e a separação das notícias nem sempre é marcada pela introdução de um título novo. O redator separa as notícias diferentes pelo uso de um pequeno traço ou alguma marca indicativa que ali deveria começar um novo assunto. Barbosa (2010: 63) considera que o jornal daquela época se assemelha mais ao livro do que propriamente lembra a materialidade do jornal como o conhecemos hoje. As características da configuração material do jornal deixam transparecer como o modo de organização das letras impressas denota diferentes práticas e formas de leitura vividas naquele momento. Como se pode ver a citação abaixo reforça o que foi dito, pois nestes periódicos,

Os textos vão e voltam, continuam, necessitam de um acréscimo que vem sob uma nota de rodapé. Entre uma notícia e outra, um pequeno fio ou uma vinheta mostra a troca, quase imperceptível de assunto. É como se todo o jornal, não importa se com a notícia vinda de longínquos periódicos europeus ou de cartas remetidas em profusão pelos leitores, se constituísse numa única obra a ser lida gradativa e gradualmente. É como se um assunto se imbricasse num outro, formando um todo indivisível. Uma obra que pode e, certamente, é lida por vários dias e durante esse tempo enseja múltiplos comentários. (Barbosa, 2010: 63)

No jornal *O Paraense* identificamos o seguinte aspecto textual, o jornal exibe uma leitura que alterna entre a narrativa de fatos políticos de interesse público, a descrição dos atos do governo, a informação de leis e despachos, a chegada de personalidades da cena pública como governadores, ministros, ou membros da alta hierarquia da igreja, etc. Lustosa (2000), pesquisando os insultos presentes nos periódicos do período da Independência, constatou a importância da carta que desponta como gênero fundamental na constituição do jornal naquela ocasião, algumas vezes ocupando a primeira página. A carta foi usada para servir aos propósitos de divulgação de fatos e ideias, quando se pretendia atingir um público leitor mais

amplo. Ela servia como elo entre o jornal e seus leitores, pois é através das cartas dos leitores publicadas que as notícias ganham vida própria, já que a cada vez que ela é contada ganha uma cor a mais, e isto serve de alimento para redatores e leitores que esperam ansiosamente para tornarem-se personagens através da menção de seu nome ou de sua história, quando esta é contada nas páginas do jornal.

Em local menos privilegiado, a literatura manifesta-se no jornal *O Paraense* sob a forma de tímidos poemas, com presença levemente destacada nas páginas finais do jornal, que cedia espaços para a citação de alguns versos de autores clássicos. Sob o título de ‘Avizos’ acham-se anúncios diversos, oferta de emprego e serviços de toda ordem. (venda e aluguel de casas, venda de escravos, serviços de engomar, ensino da língua vernácula, venda de livros, etc.). Também ocupando o espaço das páginas finais do jornal estão as curtas anedotas e pequenos rifões populares.

Merecem igualmente a nossa atenção os títulos das notícias que são marcados pelo teor sarcástico e nas proezas da língua. São exemplos do teor sarcástico e da criatividade de seus autores alguns dos títulos das notícias publicadas no jornal *O Paraense*: “*O piolho dos ingleses*” (fonte: *Jornal O Paraense* 13/01/1844- pág. 3) e “*Intriga mesquinha e vil do círculo cupim!*” (fonte: *Jornal O Paraense*, 01/03/1844- pag. 4). Além disso, também se detectou conjecturas vinculadas aos preceitos morais que estão embutidos nesses impressos como advertências, conselhos e lições de sapiência, acontecendo, às vezes, de a moral cristã atingir o seu ápice ao pregar a obediência total dos homens aos preceitos bíblicos.

Para analisarmos a linguagem de um determinado tempo, não podemos prescindir da compreensão da mentalidade dos indivíduos que ali viveram e atuaram, isto é, são importantes os valores que nortearam a sua conduta, os conflitos vividos, o que se pensava sobre religião, cultura e formas de relacionamento pessoal. É desse modo que as formas de linguagem constroem sentidos nos textos dos jornais, mas também marcam as condições da vida social de seus agentes e das condições de produção dos discursos. Por isso, quando verificamos que os textos que circulam no jornal apresentam-se adornados com frases e máximas, então indagamos sobre o que isso pode significar. Trata-se de descobrir o que está implícito no texto curto de uma máxima, o que ela pode nos dizer sobre as pessoas e os valores que vigoram na sociedade.

O texto abaixo foi retirado do espaço intitulado ‘Máximas e Pensamentos’, coletado nas páginas do *Jornal O Paraense*. Nele podemos verificar o valor que a sociedade dava a esse tipo de ensinamento, que se expressa na quantidade e no espaço que eles receberam neste jornal, pois a última página do periódico paraense era reservada a citação de máximas, aforismos e pensamentos. Vejamos o texto do jornal *O Paraense*, de 1842, para verificar como o caráter didático e prescritivo se faz presente no pensamento da sociedade do século XIX.

Exemplo 4 – JORNAL O PARAENSE

- Os bons presumem sempre bem dos outros; os maos pelo contrario, sempre mal; uns e outros dão o que tem. - Os promotores de desordens, e seus apologistas não tem por fim se não fundarem a sua fortuna particular sobre as ruinas da fortuna publica. - Devemos respeitar e obedecer a todas as auctoridades, ainda que estas se (...) mostrem com todas as qualidades que as	devem ornar, porque nisso vai o nosso interesse. Faltando ao respeito e obediência as autoridades, a sociedade se perturba, e gravissimos malles se seguem a todos os seus membros. - Quase sempre attribuímos os nossos re- Vezes a fortuna, e bem raras vezes aos nossos desacertos. (...)
---	--

(Fonte: acervo digital da Biblioteca Nacional – Jornal O Paraense, 03/12/1842.)

Observamos no texto acima que a mensagem do jornalista é repassada por meio das máximas que utiliza nos fragmentos de abertura e fechamento do seu texto; e que de certa forma expressa uma relação de proximidade com o público leitor, porque através do diálogo promovido pelas máximas são apresentados pensamentos para a reflexão moral, regras de conduta, valores e crenças. Isto se manifesta textualmente nas palavras do jornalista que menciona a legitimidade do caráter de algumas pessoas, resumida na máxima: ‘*os bons presumem sempre o bem dos outros; os maos pelo contrario, sempre o mal; uns e outros dão o que tem*’. Se colocarmos na escrita de nossa época, teremos o provérbio atualizado: “*o bom julgador, por si julga os outros*”.

Sendo assim acreditamos que o tom condenatório assumido neste fragmento aponta para a conduta incorreta dos homens na relação com os seus semelhantes, e simbolicamente

representa a formação do caráter dos homens em conflito com os seus interesses. O tema introduzido, pela máxima citada no parágrafo anterior, funciona também como recado breve e direto para denunciar as condutas imorais dos indivíduos: “*Os promotores de desordens, e seus apologistas não tem por fim se não fundarem a sua fortuna particular sobre as ruínas da fortuna publica*”. Vê-se, portanto, que as máximas são frases ou pensamentos que expressam conhecimentos e funcionam como regras criadas pela sociedade para difundirem o conteúdo moral e as condutas interpretadas como ‘corretas’, que os indivíduos devem seguir na sociedade.

No último fragmento, a mensagem expressa através da máxima “*Quase sempre atribuímos os nossos reveses a fortuna, e bem raras vezes aos nossos desacertos*”, provoca a reflexão sobre a origem das nossas frustrações na vida, que segundo o autor, é responsabilidade das atitudes erradas que cometemos, ou seja, a desgraça e o insucesso não acontecem por acaso na vida das pessoas. Portanto, pode-se afirmar que as máximas servem como instrumento de adaptação dos indivíduos dentro dos limites das normas sociais.

Essas máximas e pensamentos servem para difundir ensinamentos, conselhos e advertências, por isso exercem uma função educativa ou prescritiva, apresentando-se como verdadeiras citações de sapiência servem para expressar a moral, a religiosidade, a conduta e os costumes de uma determinada sociedade.

Os textos publicados no jornal *O Paraense*, e outros que circularam nessa mesma época, traduzem os valores e as preocupações dos homens daquele século. Percebemos na leitura dos jornais pesquisados, que os artigos que saem da pena dos escritores do século XIX apresentam muitas citações latinas em meio a estratégias retóricas que comprovam a erudição e o vasto conhecimento dos articulistas. A presença de máximas, aforismos, provérbios e citações de origem bíblica é constante, servindo ora como fundamento moral, ora como conselhos dados aos leitores do jornal, esses textos veiculam a ideologia de seus produtores e leitores.

Contudo a escolha da fonte proverbial denuncia a formação intelectual dos redatores e articulistas do jornal, pois como disse Lustosa (2000: 421-22) *muitos jornalistas que atuaram na imprensa do início do século XIX haviam saído direto do púlpito das igrejas para a folha impressa*. Tal justificativa ganha relevo diante da comparação que se estabelece entre a função do pregador na igreja perante sua plateia e a do jornalista diante de seus leitores.

Ambos têm a função de conquistar a adesão do público (Lustosa, p. 422). A autora cita os nomes de Frei Sampaio, Januário da Cunha Barbosa e Frei Caneca como os grandes jornalistas da fase da imprensa panfletária que tiveram a formação intelectual moldada nos preceitos da igreja católica.

Essa visão da importância do valor dos provérbios para os católicos pode ser observada na forma como esse conhecimento tem sido veiculado entre os povos cristãos. O princípio da sabedoria dos católicos é construído a partir dos valores e ensinamentos que são veiculados pelo livro-guia de sua religião. Tal perspectiva se materializa como pode ser observado, no comentário sobre o valor e o significado dos provérbios na Bíblia, onde se lê:

Estes provérbios nos ajudam a dar valor à sabedoria e aos bons conselhos e a entender os pensamentos mais profundos. Eles nos ensinam a vivermos de maneira inteligente e a sermos corretos, justos e honestos. Podem também tornar sábia uma pessoa sem experiência e ensinar os moços a serem ajuizados. Estes provérbios aumentam a sabedoria dos sábios e orientam os instruídos, fazendo que entendam o significado escondido dos provérbios e dos ditados e compreendam os mistérios que os estudiosos procuram explicar (Bíblia Sagrada, Pv. 1: 1-6, 2005: 716).

Compreender como as pessoas organizam suas atividades através de trocas verbais é um modo de entender a sociedade e as diversas formas de como as relações de poder estão distribuídas entre os seus membros. O texto publicado no jornal *Diário do Gram-Pará*, em março de 1860, trata do episódio da eleição de um vigário da Diocese da Província do Grão-Pará. A análise desse material nos mostra como a relação entre a autoridade proverbial e a autoridade política se constitui como elemento fundamental nas relações sociais entre os indivíduos na sociedade da época.

O teor do texto é sugestivo de fraude na eleição do vigário e o reclamante pede a divulgação do documento por conta da nulidade do processo que, segundo ele, não teria obedecido ao que mandam os preceitos do Direito Eclesiástico. O autor da carta-resposta vai buscar, nas leis mais altas da Igreja Católica, os argumentos legítimos da validade da eleição do vigário capitular. A carta se assemelha a uma aula magistral de direito eclesiástico ornado com diversas citações latinas e todo o conhecimento das doutrinas da Igreja Católica Apostólica Romana. Segue o texto inicial da carta:

Exemplo 5 – JORNAL DIÁRIO DO GRÃO-PARÁ

Resposta ao comunicado do Jornal do Amazonas

Lêmos no n. 58 do *Jornal do Amazonas* um comunicado em que seo autor começa á fazer *uma analyse séria imparcial e justa do governo desta Diocese*, que na sua frase nunca esteve em maior decadência por que além dos grandes inconvenientes, que sempre traz a falta do ordinário, outros tem-se manifestado que por força contristão os que permanecem nas mais sinceras e puras “crenças” e que na sua opinião- não são actos isolados e impensados que se possam attribuir á erro ou boa fé, ou que não tenham influencia, mas são nascidos da mais livre vontade, de um [calcul]o bem combinado, e se dirigem á um fim conhecido, (talvez por elle) e são actos significativos, que não tem explicação e que, além de prejudicarem seos principaes agentes, perturbão a igreja paraense, *não podem deixar de causar divisão e guerra, um combate enfim, em que as indisposições, inimidades e odios sobrenadem, apesar de todos.*

Nós que somos do clero, e estamos á par de todos os acontecimentos que tem havido nesta diocese, e, como todos os paraenses, conhecemos o muito reverendo vigario capitular, que se algum defeito tem é o de ser em extremo

Fonte: Setor de Microfilmagem do CENTUR - Jornal Diário do Grão-Pará, 14/03/1860.

Mostramos a contextualização dos fatos para melhor entender o uso que o articulista fez do provérbio. A carta foi escrita provavelmente por um membro da igreja, conforme assinalam as marcas de autoria do texto, *Nós que somos do clero, e estamos á par de todos os acontecimentos que tem havido nesta diocese* e o próprio conhecimento de causa. Dificilmente alguém que não fosse da Igreja conheceria tão profundamente as regras e as Leis do Direito Eclesiástico, conforme mostra a desenvoltura e habilidade do autor da carta no tratamento da questão da defesa da legalidade da eleição do vigário capitular. O autor da carta faz questão de explicar com base nas doutrinas católicas, como deveria ser conduzido o processo. Assim diz a carta: *as formalidades estão expostas circunstanciadamente no já citado Compendio de Direito Eclesiastico, donde o communicante copiou a doutrina sobre a eleição dos vigarios. Elle diz no segundo volume pag. (313) e (381) “O cabido deve eleger o vigario capitular dentro do praso e com as formalidades marcadas pelo Tridentino lugar citado (é a seção 24 cap. 16, que elle (...?) parte capituli) é a maioria não só do numero dos*

votos, mas da dignidade e merito dos votantes (*sanior parte capituli.*). E continuamos na exposição dos argumentos, pelo denunciante dos fatos, que através da carta afirma:

Exemplo 6 – JORNAL DIÁRIO DO GRÃO-PARÁ (continua)

No n. 56 do mesmo Jornal appareceo o segundo artigo, não analysando os actos do capitular no governo da Diocese, mas contestando a validade de sua eleição, para della dedusir a nullidade de todos os seus actos, no que não foi feliz o communicante, porque se é valido e legal o acto, que se conforma com as leis, que o regulão, só o *serio, imparcial e justo* communicante, deixando-se se conhecer moralmente, é capaz de negar a validade e legalidade da eleição do actual vigario capitular, na qual forão guardadas todas as formalidades de direito, e seguida a praxe immemorial de todas as dioceses.

Se portanto os actos do capitular, que tem o communicante de analysar, são mãos sómente pela *innoculação do vicio da origem*, é prudente que o colega desista do impensado intento, não se confiando muito no anonyme, porque pôde ser descoberto, visto como na frase do evangelho “**nada ha occulto e escondido, que não se venha á saber e revelar**”.

Fonte: Setor de Microfilmagem do CENTUR - Jornal Diário do Grão-Pará, 14/03/1860.

Contudo, é neste fragmento da carta que o padre insinua que o reclamante não poderá sustentar por muito tempo a sua máscara da falsidade moral que lhe parece característica. Pois é aqui que o discurso do vigário ganha o seu argumento mais forte, tornando-se mais convincente, quando apelando para o valor da sabedoria divina, o padre lança mão do provérbio bíblico “*nada ha occulto e escondido, que não se venha á saber e revelar*”. A localização do provérbio no evangelho é Mateus: 10: 26 (Bíblia da mulher, 2003 p. 1173).

A citação do provérbio reforça o argumento do autor da carta, que usa uma linguagem mais polida, para dizer que o communicante não agiu de boa-fé, quando, não assinando a carta, ignorou a sabedoria divina que tudo vê e tudo pode. Mas o padre deixa o alerta dizendo que mais dia, menos dia todos vão ficar sabendo a identidade daquele que violou as leis divinas. Os argumentos, que foram usados pelo padre para combater a atitude pouco digna de seu contendor, estão fundamentados em sua visão de mundo e na sua lógica cristã.

De fato, a mensagem do provérbio apresenta uma reflexão sobre a ética e a moral cristã, que devem guiar o comportamento daqueles indivíduos que desejam viver em harmonia com Deus. Portanto o provérbio funciona como guia no comportamento padrão da conduta moral e direciona os ensinamentos corretos em cada tempo e os prescrevem como normas para conduzir os modos de vida das pessoas na sociedade.

Essa leitura reforça nossa interpretação de que os vínculos entre a autoridade proverbial e a autoridade política são determinantes na sustentação da hierarquia social desse tempo. Isto é reforçado na parte final da carta transcrita abaixo, quando as atitudes do comunicante são rotuladas de indignas e o mesmo é classificado como ‘pecador’, além de ser qualificado como ignorante nas questões da igreja.

Exemplo 7 – JORNAL DIÁRIO DO GRÃO-PARÁ (continua)

Agora que já mostramos ao communicante que elle não entendeu o que leo para copiar, não podendo supor que elle seja do clero, porque não acreditamos que haja nesta diocese um padre tão curto de intelligencia, vamos cumprir um dever de sacerdote ensinando-lhe o processo, que estabelece o direito para a eleição dos vigarios capitulares.

Portanto a sua eleição é não sómente valida, mas legal e muito legal; por isso que, como no principio dissémos, guardou o cabido todas as disposições de direito á tal respeito, e ninguém dirá, alem do communicante que a praxe seguida em todas as dioceses desde tempos imemoreaes, não é a mesma que se observou nesta eleição do actual vigario capitular.

O rvdm. Cabido desculpará decerto ao communicante a increpação, que lhe fez, de ter praticado um acto contra todas as disposições de direito, por cima de todas as quaes diz que elle saltara para cumprir o *logo que* da carta do Summo Pontifice, que o communicante deseja ver para o que poderá ir á secretaria do cabido, onde ella se acha registrada: O cabido revelará tudo porque, conscio de seos deveres, conhece que o communicante não entendeo aquillo que leo, no que imitara o Divino mestre. quando orando por seos inimigos disse *a dimitte illis quia nesciunt quid faciunt.*

Ficamos aqui, esperando a resposta do communicante, para então lhe mostramos quanto pecou com as pequenas alterações que fez na doutrina de direito, que copiou em seo communicado.

Porém, constatamos que o uso dos provérbios nos textos e discursos do século XIX não foi exclusividade dos nossos intelectuais no Brasil. Pois desse mesmo período são os textos recheados de provérbios bíblicos que foram usados pelo ex-presidente americano Abraão Lincoln nos seus discursos sobre a Guerra de Secessão nos Estados Unidos. Façamos uma reflexão sobre as motivações do autor da carta nesta demonstração de seu vasto repertório proverbial bíblico. Apresento aqui o texto da carta escrita por Lincoln, em 1864, endereçada a uma delegação de Batistas. A referida carta foi retirada da obra *Proverbs A Hand Book*, de Mieder (2006, p. 181).

Exemplo 8 – CARTA DE ABRAÃO LINCOLN

Eu só posso agradecê-los por acrescentar ao apoio efetivo e quase unânime que as comunidades cristãs tão zelosamente estão dando ao país, e à liberdade. Na verdade, é difícil conceber como poderia ser de outra forma com qualquer um que professa o cristianismo, ou mesmo que tenha uma percepção ordinária do que é certo e errado. Ler a Bíblia, como a palavra do próprio Deus, que diz "Do suor do teu rosto comerás o pão" [Gen. 3:19], e pregar que, "Do suor do rosto de *outros homens* [sic] comerás o pão," a meu ver dificilmente pode ser conciliado com uma sinceridade honesta. Trazendo para minha avaliação final, que eu não tenha que responder por roubar nenhum homem de seus bens; ainda assim seria mais tolerável que roubar alguém de si mesmo, e também tudo o que era dele. Um ou dois anos atrás, quando aqueles homens que se professam santos do Sul, reuniram-se em semblante de oração e devoção, e, em nome d'Aquele que disse: "Como quereis que todos os homens vos façam, fazei vós assim também a eles" [Mt. 07:12] apelaram ao mundo cristão para ajudá-los a fazer uma raça inteira de homens, já que eles não têm nenhum homem que faça por eles, a meu ver desprezaram e insultaram Deus e Sua igreja, muito mais do que Satanás quando tentou o Salvador com os reinos da terra. A tentativa do diabo não era mais falsa, e muito menos hipócrita. Mas deixe-me abster, lembrando também que está escrito "Não julgueis, para que não sejais julgados" [Mt. 07:01].¹¹

Fonte: Mieder (2006: 181)

¹¹Tradução de: I can only thank you for adding to the effective and almost unanimous support which the Christian communities are so zealously giving to the country, and to liberty. Indeed it is difficult to conceive how it could be otherwise with any one professing Christianity, or even having ordinary perceptions of right and wrong. To read the Bible, as the word of God himself, that "In the sweat of thy face shalt thou eat bread"[Gen. 3:19], and to preach there from that, "In the sweat of *other mans* [sic]

O próprio título escolhido por Mieder (2006), que antecede a leitura da carta de Abraão Lincoln em seu livro, é o conhecido provérbio *Atrás das nuvens o sol está brilhando*. O provérbio simbolicamente fala das coisas que sabemos que existem apesar delas não estarem aparentes. Entender o sentido desse texto implica em conhecer a história de luta de Abraão Lincoln contra a escravidão e a sua incessante ideia de encontrar uma solução pacífica, que pudesse servir para unir os nortistas e os sulistas americanos. Por isso, o uso metafórico do provérbio adentra o universo bíblico, e ao mesmo tempo, manifesta a visão de mundo retratada na Bíblia sobre o tema da união entre os homens.

O sentido do saber proverbial ganha relevância no texto da carta através dos três provérbios escolhidos pelo presidente em seu discurso. O provérbio citado na carta, *No suor do teu rosto comerás o pão* [Gen. 3:19], remete à ideia da condenação da escravidão, simbolizando a condenável atitude dos homens do sul, que ao defenderem a escravidão desrespeitavam o preceito bíblico do Genesis. Assim como o último provérbio citado no texto da carta "*Não julgueis, para que não sejais julgados*" [Matt. 07:01] revela a atitude e o posicionamento cristão de Lincoln, ao concluir que não cabia a ele julgar a fé dos homens do sul, deixando a Deus essa missão.

Desse modo, intepretamos que o repertório proverbial de Lincoln atesta a sua formação cristã e nos faz ver que o uso dos provérbios foi a estratégia retórica escolhida por ele para expressar a sua luta contra a escravidão americana nos Estados Unidos. Percebemos também que a função fundamental do provérbio foi agir no sentido de convencer os homens americanos pelo fim da escravidão. Portanto, a estratégia adotada pelo autor, em sua argumentação para o convencimento e adesão das massas, foi o apelo à fé cristã. Por fim, o discurso de Lincoln constitui um exemplo da poderosa força argumentativa dos provérbios bíblicos que funcionou como modelo eficiente da retórica proverbial do autor.

faces shalt thou eat bread", to my mind can scarcely be reconciled with honest sincerity. When brought to my final reckoning, may I have to answer for robbing no man of his goods; yet more tolerable even this, than for robbing one of himself, and all that was his. When, a year or two ago, those professedly holy men of the South, met in the semblance of prayer and devotion, and, in the Name of Him who said "As ye would all men should do unto you, do ye even so unto them" [Matt. 7:12] appeal to the Christian world to aid them in doing to a whole race of men, as they would have no men do unto themselves, to my thinking they contemned and insulted God and His church, far more than did Satan when he tempted the Saviour with the kingdoms of the earth. The devil's attempt was no more false, and far less hypocritical. But let me forbear, remembering it is also written "Judge not, lest ye be judged" [Matt. 7: 1].

Sabemos que os discursos embutidos nos provérbios são carregados de ideologia e, ao contrário do que normalmente se pensa, essas formas de discurso não são transparentes e seu sentido varia conforme a situação, o contexto histórico-cultural e político em vigência no momento de sua circulação.

Apresentamos a seguir o provérbio “*a idade não faz o mérito, o cargo não dá virtudes*”, em circulação na sociedade da época imperial, para discutir o contexto que materializou a inserção desse provérbio no jornal *O Paraense*. O texto intitulado - Continuação às reflexões sobre o dia onze de março – está situado no contexto de intensa disputa no cenário político sobre a independência do Brasil de Portugal (maio de 1822). O assunto é a nomeação dos membros da Junta do governo do Pará. Segue o texto para análise:

Exemplo 9 – JORNAL O PARAENSE

(...)

“Salve oh! Dia onze de março dia memorando, que, enchendo as paginas de Historia Paraense, assignalas a epoca da felicidade, que a Providencia nos prepara no porvir!

Neste dia glorioso, reunidos os Eleitores de Paroquia nos Paços do Concelho, se procedeo a nomeação dos Membros da Junta do Governo. (...)

Ainda vos recordamos o axioma social tantas vezes inculcado: **a idade não faz o merito, o cargo não da virtudes** nem os vestidos podem jamais influir na honra e probidade do individuo - As boas qualidades, que caracterizão cada hum dos ilustres membros do nosso governo, depoem á favor da sua pericia, á proporção das suas faculdades: todos inteligentes, todos probos, todos honrados por natureza e aquisição se tem feito credores da estima, que o Publico lhes deve consagrar, na esperança de que hão de fazer todos os esforços para dignamente desempenharem as altas funcçoens do seu espinhoso encargo”. (...)

Fonte: Setor de Microfilmagem do CENTUR - Jornal O Paraense, 25/05/1822.

O autor do artigo descreve o fato como sendo ‘*a época da felicidade*’ através das considerações temperadas com profundo otimismo do tipo: “*o magnânimo povo do Pará mostra efetivamente fazer parte da briosa família lusitana*”, “*Povos do universo; vinde, e admirai a virtude dos portugueses*” e “*A virtuosa assembléia*”. A estratégia do articulista foi colocar em evidência as ações dos membros nomeados pela junta, para no momento seguinte

ligá-los a outro aspecto da realidade, pois o exercício do poder precede de competência administrativa e prudência da parte de seus depositários. Verificamos, neste exemplo, como o provérbio serve para enquadrar os membros de uma comunidade dentro dos limites impostos pelas normas sociais. Aliás, esta é a função do provérbio, alega Fiorio (1995: 79), que enfatiza o caráter moralizador e didático dos provérbios quando afirma que, *O governador, o prefeito, o padre, o juiz, o mestre-escola, o médico, o delegado, o pai de família, todos zelam pela manutenção de uma ordem política, religiosa e educacional*”. Eles fazem a legislação com ou sem o consentimento dos mais interessados, ou seja, os membros da comunidade. Mas na execução das leis e prescrições, são usadas pequenas formas de persuasão, que funcionam como recursos estimulantes do bom comportamento como *o conselho, a advertência, a analogia, o exemplo, a fábula, e as mais severas, as ameaças e anátemas* (Fiorio, 1995: 79). Assim, pode-se dizer que o provérbio incorpora a ideologia e faz dela patrimônio não só da autoridade oficial, mas de todos que comungam com ela e ajudam a manter o estado de fato.

O caráter de autoridade, de que se reveste o provérbio, às vezes, é uma forma que ajuda a identificá-lo. Xatara & Succi (2008: 39) garantem que quando alguém cita um provérbio, revela-se em condição de igualdade ou superioridade para com o seu interlocutor, pela posse da sabedoria universal. De modo que o provérbio como citação dá respaldo àquilo que se quer argumentar. Mas diferente da citação que é a ideia do outro, assinalada por um autor, *o autor do provérbio não é o outro, são os outros, a coletividade*. Assim quando o indivíduo faz uso de um provérbio, ao mesmo tempo em que ele concorda com o que está sendo dito, ele se distancia daquilo que é dito, por atribuir os conteúdos explicitamente a outro. Neste caso o provérbio, *a idade não faz o mérito, o cargo não dá virtudes*, faz alusão ao saber instaurado na coletividade e dele se apropria apresentando-o como verdade irrefutável.

A roupagem antiga que veste o provérbio *A idade não faz o mérito, o cargo não dá virtudes* se ancora no sentido aferido pelo provérbio, popularmente conhecido pela forma *barba não dá juízo*, e que pode ser interpretado como uma reenunciação daquele dito. O sentido do provérbio remete à ideia, que o valor de um indivíduo não se mede pela idade, nem pela função desempenhada e, menos ainda pelo que possui de bens materiais, mas sim pela retidão de caráter que se mostra através das qualidades de ser íntegro, honesto, justo. Portanto a mensagem do provérbio alerta para o perigo de se deixar enganar pelas aparências, o que pode levar o indivíduo a fazer um falso juízo a respeito dos fatos aparentes, o que se verifica

na sequência textual, que completa o sentido do provérbio citado no jornal O Paraense: “a idade não faz o mérito, o cargo não dá virtudes *nem os vestidos podem influir na honra e probidade do indivíduo*”. Além do mais, tal análise é reforçada na composição de um *ethos* de concordância que se mostra através de algumas marcas discursivas, sugerindo que o autor do texto compartilha do mesmo espaço político-ideológico dos membros da junta (*‘Junta de varoes conspícuos’; ‘as boas qualidades, que caracterizam cada hum dos ilustres membros do nosso governo, depoem a favor de sua pericia (...); todos inteligentes, todos probos, todos honrados’*). Isto justifica o emprego do provérbio, como estratégia persuasiva do articulista, para fazer convencer o leitor do jornal a compartilhar não só do que diz a sabedoria moral imersa no provérbio, mas também na ampla aceitação da ideia que os membros da Junta estão habilitados para desempenhar bem a função, levando o leitor a aderir aos seus argumentos. Daí, por que Maingueneau (2010) afirma que o provérbio é o discurso do outro por excelência, pois aquele que o emprega tem seu dizer irrefutável na medida em que está apoiado em uma ideia tradicional estabelecida pelo senso comum, não refutada pela coletividade. Logo o provérbio funciona como reforço ao argumento do articulista na arte de convencer o outro.

Para concluir, acrescentamos o que diz o dicionarista Tosi (2000) que lembra que o provérbio tem uma reminiscência latina na forma clássica *barba non facit philosophum* - *a barba não faz o filósofo* – registrada em seu dicionário de sentenças grega e latinas cujo significado é: reconhecer os filósofos e os sábios pela barba é marca de quem se deixava enganar pelas aparências e que tinha como pressuposto tal característica como indicativo de sabedoria.

No tópico seguinte continuaremos a análise dos provérbios na imprensa, mas os textos dos jornais situam-se na fase de transição do Império brasileiro para a República. Deste modo, observaremos como os provérbios estão situados, delimitando-se o seu uso na segunda metade do século XIX e início do século XX. Isto nos permitirá analisar o gênero proverbial em relação às formas textuais empregadas e à mentalidade de seus autores, dentre outras questões.

4. 2 – Provérbios Valem Argumentos: A Linguagem Proverbial do Período de Transição Império-República (1876-1920)

O primeiro número do jornal *A Província do Pará* circulou em 25 de março de 1876. No plano nacional havia acabado a guerra da Paraguai e o país estava sob o comando de D Pedro II e seu ministério conservador sob a égide do poder de Duque de Caxias, a campanha abolicionista começava a ganhar força e alguns nomes já defendiam abertamente o republicanismo. (Coelho, 1993: 11). Nesse período, o jornal *A Província* desempenhou uma função importante na abolição da escravatura, publicando artigos de nomes de intelectuais ilustres e apoiando atividades de grupos abolicionistas. A República encontrou o jornal desvinculado de qualquer compromisso monárquico, cedendo as suas colunas para propagandas republicanas. Entre os que defendiam através de *A Província*, o novo regime, estavam Lauro Sodré (que usava o pseudônimo de *Diderot*), Paes de Carvalho e Justo Chermont, que inclusive lançou, pelas páginas daquele jornal, a sua candidatura à deputação geral, na eleição de agosto de 1889, pelo Partido Republicano (Rocque, 1996: 58).

Na época do surgimento do jornal, os periódicos proliferavam funcionando como órgãos ligados a partidos políticos, congregações religiosas e associações literárias. Neste momento, o compromisso do jornal não é noticiar os fatos, mas divulgar os comentários sobre esses fatos, desde que defendam os interesses desses órgãos e congregações. O jornal, que teve circulação diária, inicialmente foi órgão do partido Liberal, depois se tornou independente, passando a ser uma empresa comercial. O estilo tabloide era a marca da maioria dos periódicos daquele período.

O primeiro exemplar de *A Província do Pará*, a exemplo dos jornais da época, apresentava modesta apresentação gráfica. No que diz respeito à *constituição genérica*, o jornal abrigava, na primeira página, anúncios contendo venda de livros, quadros, retratos, leilões de móveis, miudezas, de peixe, mulas e cervejas, rendimentos públicos, edital de banco, decretos, documentos oficiais do governo, informações sobre o movimento do porto (o jornal colocava a lista de navios ancorados no Porto), comércio, etc. Na segunda e na terceira página encontram-se: o editorial, notícias, comentários, folhetim literário. A última página era dedicada a anúncios variados. A segunda página do jornal continha a coluna *Boletim do Dia*, nela encontram-se informações sobre expedientes do governo como exoneração e nomeação de funcionários, é uma espécie de noticiário oficial. O editorial trazia a análise política, contendo a posição do jornal em relação aos fatos políticos da sociedade.

O conteúdo do jornal era dirigido a uma comunidade restrita de leitores, sendo constituída principalmente de comerciantes, industriais e os homens letrados da época. Os comerciantes integravam a classe de assinantes do jornal, o que esclarece por que a cotação comercial era assunto de primeira página, sendo destacados os preços de itens da lavoura, a borracha, a castanha do Pará, o arroz, o tabaco, etc. No jornal *A Província*, através de seu editorial, passa a ser o porta-voz das ideias redentoras de progresso e liberdade no norte do país. Assim o nome de Antônio Lemos, proprietário do jornal durante doze anos, deixou sua marca na imprensa do norte do país ao permitir que o seu jornal publicasse artigos em favor da abolição, já que desde os primeiros momentos o jornal cumpriu sua missão de vanguarda daquele movimento de libertação da mão de obra escrava.

As mudanças, que ocorrem na sociedade no decorrer do século XIX, acabam por determinar mudanças gradativas no jornal. A necessidade de ampliar o contingente de leitores é um fator da engrenagem que colocava em funcionamento a imprensa dessa nova fase. É assim que surge um novo grupo de consumidores de notícias: *a leitura direcionada ao público feminino*. Os jornais necessitam ampliar o contingente de leitores, por isso são inseridos os folhetins de modo a estimular a leitura de entretenimento. Durante os anos oitocentos, os folhetins ocupavam um lugar estabelecido nos jornais – o pé da página – espaço destinado a publicações diversas que abordassem temas literários e de entretenimento. Sales (2007: 45), que pesquisou os folhetins como prática de leitura do século XIX, informa-nos que naquele espaço pouco nobre da página do jornal, publicavam-se folhetins, crônicas, críticas, peças de teatro e livros recentemente lançados, incluindo piadas, charadas e receitas de cozinha.

Este tipo de leitura representou uma característica importante no Jornal *Folha do Norte*, considerado como um periódico de ampla feição literária. Os romances-folhetins publicados neste jornal, segundo Sales (2007: 53), aproximam-se das matrizes do modelo francês, a estrutura da continuação em capítulos, importada da França, proporcionava a curiosidade para a leitura diária do jornal. Deste modo, a leitura do folhetim favorece a divulgação da literatura e contribui para a formação de um público leitor, além de contribuir também para a difusão necessária dos jornais que necessitavam de leitores para a propagação dos anúncios. Assim o jornal *Folha do Norte* manteve até o final do século a publicação diária da coluna folhetim. Isto contribuiu para o fortalecimento de um público leitor que estava se intensificando no final do século XIX.

Barbosa (2010: 208) aponta a introdução de colunas específicas, voltadas ao interesse feminino, como estratégia que alguns jornais utilizaram para transformar a leitora eventual em leitora assídua dos jornais *Correio da Manhã*, *O Paiz*, *Gazeta de notícias*, *Jornal do Brasil*. A autora nos mostra o comentário de um jornalista, que descreve a preferência da leitora do *Jornal do Brasil* pelas notas sociais e pelo folhetim:

Começava ela a ler o popular órgão carioca pelas notas sociais. A seção de mundanismo, naquele tempo, abrangia do aniversário ao obituário, informando tudo sobre nascimentos, casamentos, festas, bailes, recepções, falecimentos e missas. Minha mãe explicava o seu interesse pela vida social como um dos meios pelos quais volta e meia tinha notícias de amigas da sua geração que se dispersaram depois que contraíram casamentos (Barbosa, 2010; 208).

Analisando-se os textos que circularam nestes periódicos, é possível reconstruir a imagem que a sociedade mantinha sobre o papel social da mulher naquele momento. De acordo com Barbosa (2010: 209) existem outras evidências da mulher que lia os jornais, além dos folhetins, criam-se colunas de moda, de entretenimento, poesias, alguns artigos, enquetes e a presença constante das cartas das leitoras que inundam as publicações do período.

A imagem da mulher como ‘adorno’ do homem é comum na sociedade do século XIX, e tal imagem ganha materialidade na forma de alguns provérbios e frases registradas nos jornais desse período. Mas é interessante verificar que o estereótipo da mulher, como a personificação da ‘ vaidade’, constrói-se historicamente através do papel desempenhado por ela na sociedade de todos os tempos.

A representação da mulher na Bíblia, por exemplo, registra aspectos que podem contribuir para entender as raízes históricas do papel social destinado a ela. O texto bíblico retrata a mulher em seus aspectos positivos e negativos. No livro que trata dos provérbios encontramos as seguintes adjetivações para o ser feminino: *a mulher virtuosa*, *a mulher adúltera* e *a mulher sábia*. *A mulher virtuosa de Provérbios* descreve o tipo de esposa que a mulher deve ser e o tipo de mulher que o homem deve procurar para se casar, conforme se vê nos versos: *Mulher virtuosa quem a achará?/ O seu valor muito excede o de finas jóias./ O coração do seu marido confia nela, / e não haverá falta de ganho. / Ela lhe faz bem e não mal, / Todos os dias de sua vida* (Prov. 31: 10-13). Essa é a mulher digna de confiança, jamais deve fazer algo que desagrade ou desonre o nome do marido.

A visão da mulher sábia é também mencionada no livro que trata dos provérbios nos seguintes versos: *A mulher sábia edifica a sua casa, / mas a insensata, / com as próprias mãos, a derriba.* (Prov. 14: 1). *A mulher sábia* é assim chamada por que teme e reverencia ao senhor. Ela edifica sua casa com diligência, e ali tudo prospera, porque ela aprendeu que a sabedoria traz a felicidade e a prosperidade que almeja para a família. A mulher sábia cuida do lar, fazendo-o florescer e tornando-o um paraíso para os que nele vivem. Ela edifica o lar tomando decisões sábias no relacionamento com o marido e com os filhos (A Bíblia da Mulher). Em contraste, a mulher insensata não edifica, mas destrói seus bens e relacionamentos. Ela mesma os aniquila com as mãos, com a língua, com a indolência e com a falta de interesse (A Bíblia da mulher, 2003: 802). Entretanto, o tema da mulher adúltera segue em direção contrária. Ela é a personificação do mal, tudo que é dito sobre a mulher adúltera comprova o seu insucesso como mulher e esposa. Ela ignorou a sabedoria e os ensinamentos do mestre divino, o que justifica as advertências contra ela nesta passagem: *Afasta o teu caminho da mulher adúltera, / e não te aproximes da porta da tua casa* (Prov. 5:8).

Este estereótipo da mulher que vigora no século XIX se revela na forma como a figura feminina é retratada, ou seja, cabe à mulher o papel de ser a ‘cuidadora’ do lar, do marido e dos filhos. Ela não participa das decisões políticas, não entende das leis e sempre obedece às decisões dos homens. No texto intitulado *O luxo e a moda* publicado no jornal A Província do Pará, em 29/03/1876, podemos observar como a imagem da mulher está associada ao protótipo da *vaidade*. O autor do texto em questão faz uma descrição minuciosa dos hábitos femininos do século XIX, apresentando nos costumes femininos, tão apegados ao luxo e à moda, o poder de destruição das famílias e a ameaça de dissolver os ‘mais sagrados vínculos’ da sociedade. Veremos a seguir os elementos que caracterizam esse estereótipo feminino vivenciado no passado. Segue abaixo a parte inicial do texto que reproduzimos aqui:

Exemplo 10 – JORNAL A PROVÍNCIA DO PARÁ

O Luxo e a Moda

Abrimos espaços em nossas columnas do artigo abaixo transcripto que encontramos nas columnas do Globo.

As judiciosas considerações que adduz o seu autor podem ser aproveitadas entre nós, onde a vaidade, ainda mesmo na classe proletaria, tem attingido subido gráu.

(Continua na página seguinte)

(Continuação)

... “Aonde vai parar nossa sociedade com esta moderna praga, que se tem desenvolvida em seu seio, e que, se não lhe dão remedio já e já, ameaça nada menos do que dissolver seus mais sagrados vínculos?

Talvez á primeira vista pareçam exageradas estas palavras. As observações, que temos feito nestes ultimos tempos, os exemplos palpitantes que temos á vista, os estudos de costumes, a que nos temos dedicado com religiosa imparcialidade, nos tem dado luz sobre a materia e autorizado á dizer aos escriptores em geral e em particular áqueles que escrevera para o theatro: - olha que a sociedade afunda-se em um abysmo de misérias, se não oppuserdes toda vossa intelligencia e todos os vossos esforços para dar ás idéas um giro tal que ataque de frente e destrúa, em seu já perigosissimo progresso, essa loucura de brilhar pelo luxo, origem necessaria (se não se lhe oppõe uma barreira) de inculcaveis estragos para o lar domestico e, por conseguinte para a sociedade.

Dóe-nos confessáo-o, porém a verdade é que as mulheres, salvo honrosas excepções, são as grandes sacerdotizas do abominavel culto rendido ao bezerro de ouro. São ellas que para saciar a sede de luxo, impellem seus maridos a ganhar muito dinheiro e fazem comprehender a seus noivos a necessidade de ganhar muito.

Fonte: Setor de Microfilmagem do CENTUR - Jornal *A Província do Pará*, 29/03/1876

Vejamos como os argumentos são arrumados para construir o perfil da mulher que “brilha pelo luxo”. O autor compara o comportamento das mulheres na sociedade com as sacerdotizas no culto rendido ao bezerro de ouro. E continua descrevendo o seu caráter: “para saciar a sede de luxo, impellem seus maridos a ganhar muito dinheiro e fazem comprehender a seus noivos a necessidade de ganhar muito”. Percebemos, neste trecho, um caso de intertextualidade ao episódio bíblico do *culto ao bezerro de ouro*, localizado em (Êxodo: 32), quando o povo de Israel construiu a imagem de um deus para adorá-lo, sob a forma de um bezerro feito com o ouro recolhido pelo povo. O provérbio indiretamente nos faz refletir sobre a importância dos costumes e o cuidado que a sociedade deve ter ao escolher as regras e a ética que deve guiar os homens em seu meio social. Isso tudo se torna aparente no fragmento seguinte do texto quando o articulista sintetiza o conteúdo e a moral desse longo discurso sobre os costumes femininos neste provérbio profundamente reflexivo: “*Se os homens fazem as leis, as mulheres fazem os costumes*”.

Exemplo 11 – JORNAL A PROVÍNCIA DO PARÁ (continuação)

Se os homens fazem as leis, as mulheres fazem os costumes; Sobre ellas cahe a maior responsabilidade de tudo o que tem de materialista, de interessado e de penoso, á uma alma nobre; os costumes do século.

Nem as mulheres podem allegar a natural inclinação de captivar os homens por meio de atavios pessoais, pois já o bem sabem, estes gostam tanto mais dellas, quanto menos luxuosamente ataviadas se apresentam. Logo, o luxo não é mais do que um sentimento de louca dissipação, uma vaidade que se arrasta, não aparecer mais formosas, se não aparecer mais ricas do que as outras. E isto é muito certo. Como se hão de julgar formosas com um vestido que custa cem pesos o corte! É feito esse vestido, coberto de adornos e posto com seu respectivo chapéo, sommará bons duzentos! E isto é um só vestido, que, e por certo, não muito rico!

Fonte: Setor de Microfilmagem do CENTUR - Jornal A Província do Pará, 29/03/1876)

O provérbio também é ideológico na medida em que coloca homens e mulheres a desempenhar um papel social que lhes foi designado historicamente no seio da própria sociedade, com os seus valores e crenças. Assim a mensagem do provérbio avisa “os homens fazem as leis, as mulheres fazem os costumes”. Verifica-se que o tom de verdade que se reveste o provérbio é condição necessária para o julgamento do autor do texto, que aponta para o perigo iminente da vaidade exacerbada das mulheres e ameaça a estabilidade dos lares e da família em todas as classes sociais, pois a tirania da moda reina entre as senhoras ricas e pobres, conforme ilustra a passagem a seguir do texto em análise:

Exemplo 12 – JORNAL A PROVÍNCIA DO PARÁ (Continua)

Verdade é que ha senhoras de alto tom, o que quer dizer, de fortuna, que adotam um modo de vestir adequado ás suas grandes rendas e ao seu genero de vida; Porém é preciso que, as que não possuem os mesmos recursos nem podem levar a mesma vida, adotem o mesmo modo de vestir? Pois sim, senhor; não há remedio; assim o exige a moda, essa bella tyranna, e por conseguinte, a familia de um empregado que, á muito custo, ganha com que viver, ha de pôr o mesmo chapéo e usar a mesma botina de tacão imperial, custe o que custar, que a opulenta senhora ou a filha do banqueiro.

Fonte: Setor de Microfilmagem do CENTUR - Jornal A Província do Pará, 29/03/1876)

Ao final, o autor conclui que o feitiço vira-se contra o feiticeiro, pois se o império do luxo e da moda empurrou os homens em busca de riquezas, por outro lado eles se retraíram para o casamento. Ocorre que, ciente das obrigações matrimoniais ditadas pelos novos costumes - leia-se o (Luxo e a Moda) -, pergunta-se o autor do texto, que mulher se contentaria somente com os carinhos do seu noivo e as posses que Deus lhe deu? Conclui-se assim que o provérbio *os homens fazem as leis, as mulheres fazem os costumes* funciona como a síntese do estereótipo da mulher que vigorou no século XIX.

Mas a caracterização da mulher como “insensata” e “vaidosa” na sociedade do final do século XIX pode ser vista também em outros textos encontrados no jornal deste período. Se considerarmos que o universo masculino é que ditava as regras, é fácil entender a razão da presença desses *pensamentos philosophicos* no jornal. Os exemplos apresentados a seguir foram retirados da coluna intitulada *Notas Desopilativas* – espaço do jornal *A Província do Pará*- onde eram publicadas as amenidades, as piadas, as máximas e os provérbios: “*As mulheres são, como os soberanos, aduladas por interesse*” (Jornal A Província, 16/03/1892) ; “*Uma mulher que não se enfeita é como um soldado que não se farda*” (Jornal A Província, 11/02/1892); “*As mulheres perdem-se a miúdo pela sensibilidade e salvam-se pela galanteria*” (Jornal A Província, 17/01/1892); “*A mulher que alguma vez riu do marido não o pode amar*” (Jornal A província, 13/01/1892). Observa-se, pelo teor destas notas desopilativas, como na sabedoria popular, expressa pelos provérbios e máximas, o comportamento feminino se constrói sobre o estereótipo da mulher interesseira, fútil, traiçoeira, inconstante, dentre outros adjetivos maliciosos, e se comparada ao homem, ela é sempre designada como um ser inferior. Portanto, pode-se concluir que os provérbios estereotipizam o comportamento feminino, tratando-o de forma pejorativa, o que contribui decididamente para a imposição de uma visão preconceituosa em relação à mulher na sociedade.

Continuando a nossa análise do jornal *A Província*, verificamos que os novos espaços criados no jornal deram origem às colunas denominadas “A Pedidos” e “Solicitados”. O espaço funcionava como a voz do leitor, cujas reclamações achavam ali o território livre para tratar de temas diversos. A liberdade para expressar a opinião sobre assuntos de interesse dos leitores fazia da coluna o lugar privilegiado para o debate. Os autores empenhavam-se na escrita de seus textos, utilizando-se de estratégias que alternavam entre *citações eruditas*, *frases latinas*, *citações literárias*, *provérbios* e *expressões da fala corriqueira*.

O surgimento da coluna de opinião (lugar onde a posição política do colunista é claramente marcada) ganha cada dia mais importância no cenário da imprensa. É comum a prática de um jornal rivalizar com o outro utilizando-se do espaço da coluna como cenário das disputas verbais. Uma escreve para a outra tecendo discursos que rivalizam permanentemente. Os leitores vivem a ansiedade das respostas e os articulistas alimentam-se desses vigorosos embates, onde o vale tudo verbal não tem limites. No jornal *A Província*, a coluna *Miscellanea* é o espaço privilegiado para os “debates políticos”.

De acordo com Barbosa (2010:49), os jornais passaram a encenar as disputas verbais numa espécie de palco, onde os personagens situavam-se em campos opostos e o jornalismo se transformou num campo performático, no qual os temas da atualidade eram discutidos e debatidos. Uma característica desses periódicos é a presença marcante de ofensas pessoais, xingamentos, chacotas, bravatas que os colocavam na ‘boca do povo’. Os assuntos discutidos no jornal são objeto das conversas e dos casos que se contam pela cidade.

No século XIX, as formas textuais aqui referidas, inundavam as publicações impressas e caracterizavam o modo de diálogo entre a imprensa e os leitores na construção de sua ação política. O mundo encenado nos textos da imprensa retrata não só os acontecimentos políticos, mas também as notícias do cotidiano; e o jornal segue conquistando o gosto popular. O jogo pela disputa do poder alcança o seu aprimoramento na estratégia de apropriação do discurso proverbial, quando o articulista do jornal utilizava-se do provérbio como ferramenta para dizer sem dizer, uma vez que *o provérbio sendo o discurso do outro por excelência, um discurso codificado e citado* (Rocha, 1995: 60), serve perfeitamente ao propósito de se dizer algo pela boca de outro, pois como enunciado de autoria desconhecida, o provérbio pertence a todos e a ninguém ao mesmo tempo.

Como discurso do outro, o provérbio é caracterizado pelo seu anonimato. Na forma como expressou Steinberg *et al* (2005:10) “o provérbio é um texto sem direitos autorais, ele é de domínio público”. Por isso todos se apoderam do discurso proverbial para inseri-lo em seu próprio discurso. Maingueneau (2011:45) afirma que todos os provérbios de uma comunidade linguística pertencem a um *thesaurus* de enunciados. Quando o locutor cita um provérbio, sem nenhuma marca que o identifique como tal, ele coloca o seu leitor na condição de membro da comunidade que partilha desse mesmo *Thesaurus*. Se o leitor é capaz de identificar o enunciado citado como um provérbio, é porque ambos se reconhecem num mesmo *hiperenunciador*. Esse hiperenunciador funciona como uma instância que garante

unidade e validade ao conjunto de provérbios de uma coletividade, e confirma o pertencimento dos parceiros da enunciação à comunidade correspondente.

Assim, segundo Maingueneau (2011: 45), *os provérbios de uma comunidade constituem um Thesaurus cujo hiperenunciador é habitualmente denominado “a sabedoria das nações” ou “a sabedoria popular”*. É como se o locutor deixasse a sua voz por um instante e tomasse outra de empréstimo para dizer uma fala que não lhe pertence de fato, como se fosse uma citação. Além disso, o provérbio como um tipo de enunciado generalizante, supostamente apresenta-se em plena aceitação pelo outro, na medida em que existe a coerção de um hiperenunciador que atua sobre os parceiros da enunciação.

No Exemplo 13, analisaremos como este caráter generalizante do provérbio se faz presente no texto do jornal e qual a sua função na articulação do argumento do articulista. Refletiremos sobre a motivação do autor ao citar o provérbio “*Hoje são outros galos a cantar*” como desfecho de seu discurso retirado do Jornal *A Província* reproduzido abaixo:

Exemplo 13 – JORNAL A PROVÍNCIA DO PARÁ

Foi muito falado o dia 25 de março à noite, no pulpito da igreja de São João. Nem n’aquelle bom tempo em que a guarda nacional formava de pennacho, roncava a artilharia e estava-se obrigado ao cortejo ante a eflígie do imperador, esse dia era tão estrondoso como o foi ante-hontem. De nada valeu a enorme concorrência de fieis devotos, que ali assistiam aos actos da santa religião catholica apostolica romana. Todos ouviram de corpo presente, *sem tugir nem mugir*, a tremenda desabatoria que passou o symphathico Macedinho n’este povo outr’ora tão affeito ao “dulce farniente” dos dias santos de guarda, e hoje todo entregue a um labutar desusado. Ah! conego, lá se vão esses bons tempos em que a consciencia de cada um era obrigada a viver atrelada aquellas duas cruzes da toalhinha de Laciamer, dos almanak de Bristol, de Aver, de Eagema Hollanda e aos cruzoes negros holandarios dos Tavares Cardoso. **Hoje são outros galos a cantar.**

Fonte: Setor de Microfilmagem do CENTUR - Jornal *A Província do Pará*, 27 de março de 1890.

O fragmento acima, como dito, é parte da coluna intitulada *Coisas dos homens*, uma espécie de mistura de notícias sobre temas variados sobre a política da época. O assunto

tratado se refere à crítica ao sermão feito pelo cônego Dom Macêdo Costa, em que o articulista denuncia o proselitismo político do cônego. O comportamento do religioso é duramente criticado no texto do articulista que afirma que o representante da igreja naquela comunidade ignora os objetivos preceituados pela religião católica, seus símbolos e as suas escrituras como mostra a seguinte passagem do texto: *a tremenda desabatoria que passou o symphathico Macedinho n'este povo outr'ora tão affeito ao "dulce farniente" dos dias santos de guarda.*

O provérbio *Hoje são outros galos a cantar* foi usado como epílogo do texto na tentativa de validar o que diz a sabedoria proverbial expressa pelo sentido ancorado no provérbio, o qual alerta para o poder absoluto do novo galo que canta no terreiro da igreja. Assim é utilizando-se do recado enviesado da forma proverbial que o discurso do articulista se fez chegar até o leitor do jornal. É, então, por meio da voz desse enunciador genérico mediado pela fala de um interlocutor (*hiperenunciador*) que o provérbio é validado. Esta se expressa na advertência da escrita proverbial que coloca metaforicamente o cônego como um novo galo a cantar no velho terreiro da igreja.

Como diz Fiorio (1995: 79), *o provérbio desempenha aquele papel a que foi chamado: corrigir desvios, advertir, ensinar, admoestar, lembrar, coagir, tudo canalizado para um ponto de fuga que coincide exatamente com o ponto de vista da ideologia dominante.* Ora, então, o discurso proverbial do articulista se enquadra no contexto dos conflitos político-religiosos, em que o cônego se apresenta como um perigo iminente para a manutenção da estrutura da sociedade. O provérbio *Hoje são outros galos a cantar* representa, assim, o reforço de um pensamento coletivo que coloca os mais fortes na posição de condutores na manipulação da sociedade que dirigem. Desse modo, o provérbio age como o discurso que regula as normas sociais e serve de alicerce na formação da moral e dos costumes.

A ideologia torna-se patrimônio não só da autoridade oficial, mas de todos que comungam com ela e ajudam a manter o estado de fato, afirma Fiorio (1995:80). Nesta perspectiva, o provérbio serve de instrumento que coloca os princípios ideológicos em vigor e serve a todos os que aceitam princípios similares de comportamento e obedecem a regras impostas pelos dirigentes da sociedade. Sendo assim verificamos, que o articulista expressa textualmente o seu referente social do período monárquico, como mostra a seguinte passagem: - *Nem n'aquelle bom tempo em que a guarda nacional formava de pennacho, roncava a artilharia e estava-se obrigado ao cortejo ante a efligie do imperador, esse dia era*

tão estrondoso como o foi ante-hontem - em que o antigo vigário (o galo anterior) cantava a liturgia da igreja e o cônego (o galo atual) que agora canta a liturgia republicana.

O emprego do provérbio reflete também as mudanças políticas e sociais que ocorriam na sociedade e as consequentes divergências que eram geradas a partir delas. Esse aspecto é sugerido na medida em que o discurso do articulista é o sinalizador desse conflito. Tosi (2000) reforça a nossa interpretação de que o provérbio está calcado neste enquadre de disputa política, quando afirma que a expressão *'gaullum in suo sterquilinum plurimum posse'* que significa (o galo tem grande poder em sua esterqueira). O significado pode ainda ser interpretado da seguinte forma: *cada um é senhor nos limites que podem ser estreitos de sua própria casa ou de seu terreiro*, neste caso, a igreja do padre.

Prosseguimos em nossa análise para verificar o uso do provérbio em texto publicado também no Jornal A Província do Pará, em 26/08/1876. O texto intitulado *Theatro de N. S. da Paz* trata do episódio da construção do teatro e das ilegalidades cometidas na realização desta obra. Analisaremos o discurso do articulista para identificar a motivação da escolha do provérbio no Exemplo 14 apresentado abaixo:

Exemplo 14 – JORNAL A PROVÍNCIA DO PARÁ

THEATRO DE N. S. DA PAZ

Já vimos melhor, e peor já vimos, mas cousa assim nós nunca vimos.

Foi de acachar a resposta do Sr. Campos, ***de uma cajadada espatifou dois coelhos***. Em quanto ao brigadeiro, promovido por antiguidade, já levou para seu rapé e a esta hora cheira a defunto.

Enreda-nos, entretanto, o que mais admire se a cajadada ou a thurificação da primeira vestoria representada pela maioria Soares e Nina Ribeiro.

Dizem os meninos do trem que o governador admirou tanto quanto apreciou os rasgos que recordão o saudoso tempo do Vila Barra.

A sua linguagem campanuda fez crêr aos adeptos que s. s. tinha lobrigado nas brumas do porvir a luz da sua coroa de martyr junto a posição não perdida porém reservada, por tanto, avante em direção a essa luz ainda que se fira nos abrolhos da entrada.

Tendo o publico, como bem lembra o sr. Campos, direito de ser informado, por que cargos d'agua esqueceo-se de dizer a esse benevolo auditor dos despeitados que s. s. asseverou à presidencia que o soalho do salão principal do theatro que feito de mosaico e arabesco, pelo que foi (...) o arrematante nessa conformidade?!

Asseverou mais a existencia de fingimento de cal branco como tambem que o telhado é moriscado.

Será tudo isso erro de calculo, de medição, ou de contagem?!

Não será esse painel de escandalo digno de figurar n'um tribunal?

Assim o quiz assim o tenha.

(Continua na página seguinte)

(Continua)...

Com a devida venha de s. s. esperamos igualmente que exm. dr. Bandeira de Melo compreenda que justiça é dar a cada um o que lhe pertence, não deixará de prestar sua esclarecida atenção aos nossos escriptos tanto mais quando não usamos de epithetos, arma favorita em falta de argumentos que só serve para distrahir o respeitavel

A ingenuidade do sr. Campos leva-o aignorar aq'proposito falleu um dos membros da comissão Christiano na comissão Soares, e pergunta o que tem de commum as duas comissões!

Cegueira proveniente d'obsessão é moléstia grave, damos-lhe de conselho que procure um pai-Zé antes de lêr a analogia das duas comissões.

A do Soares no seu relatorio aponta nove thesouras, algumas destas senão todas, em máo estado, declara que o seu salão de mosaico e arabesco não existe, que a mobilia de luxo de maracatiara para o salão tambem não, e que as cadeiras de luxo da mesma madeira para a tribuna e camarotes foram metamorphoseadas em mochos etc; acaba dizendo que o theatro não está no caso de ser recebido. Ora a comissão Christiano confirmando como confirmou o que disse a do Soares, nada haverá de comum entre as duas comissões dos seis delatores?

Desenganem-se o sr. Campos e tome nota: o numero de delatores será representado pelos membros das commissões, se forem mil, mil serão os delatores.

Disse um grande escriptor portuguez, o vicio está por tal forma naturalisado que não ha razão para espantos nem sequer para censuras.
Nonnato.

Fonte: Setor de Microfilmagem do CENTUR - Jornal A Província do Pará, 26 de agosto de 1876)

A estratégia escolhida pelo autor na construção da 'carta denúncia' demonstra de modo muito claro o julgamento que ele faz da situação, a começar pelo teor da epígrafe que inicia o texto: *Já vimos melhor, e peor já vimos, mas cousa assim nós nunca vimos*, ou seja, o conteúdo é previamente anunciado como algo bombástico e absurdo.

O uso retórico do provérbio se enquadra perfeitamente nos propósitos de denúncia do articulista que deseja descrever o grau de descaramento do comportamento da sociedade da época, seus vícios e escândalos. Assim a escolha do provérbio constitui uma forma de marcar a posição do autor em relação ao fato denunciado no artigo de modo que a eficiência deste uso retórico se expressa através da maneira indireta de fazer a denúncia da irregularidade e desvio de verbas públicas no episódio da construção do teatro. Pois como garante Mieder (2004: 8), *ao associar uma situação atual a um provérbio metafórico, o assunto em particular é generalizado a uma ocorrência comum da vida*. Isto nos leva a interpretar a situação particular (as irregularidades na construção do teatro) como algo generalizante nesta sociedade, que costuma agir ignorando os preceitos morais e éticos do comportamento social de seus membros.

Sendo assim o autor utilizou-se do provérbio para demonstrar que o sr. Campos ignorou os dois resultados das vistorias realizadas pelas comissões Soares e Cristiano (que condenaram a entrega da obra), na intenção de convencer o presidente da província a receber as obras do teatro fora do que foi contratado com os arrematantes, negligenciando a conclusão feita pelas duas comissões de vistoria da obra que apontava para as evidentes distorções dos arrematantes, por isso o sr. Campos *espatifou de uma cajadada dois coelhos*. Portanto são as duas vistorias que o provérbio, metaforicamente, referencia como mortas por uma só cajadada, ou seja, os dois coelhos espatifados.

O provérbio, aqui empregado, serve para estabelecer um parâmetro de julgamento da atitude da administração pública, pois através da fórmula que identifica o dito proverbial como um saber público, o articulista se furta a fazer um comentário sem, contudo, deixar de fazê-lo, pois ele fala através do provérbio, que desempenha uma função comunicativa que é reconhecida e compartilhada pelos leitores do jornal.

O uso do provérbio, neste caso, mostra que o argumento é trabalhado no texto para que o leitor concorde com o que está sendo dito, de modo quase inconsciente, porque a escolha das palavras, que sustentam esse dizer, está longe de ser aleatória. Nesse sentido, Melo (2002 p. 61) ressalta que o provérbio atua no discurso da imprensa como *muletas para reforçar o seu caráter argumentativo*, assim o provérbio foi usado para reforçar um discurso ou uma atitude que se quer denunciar, destacando a não concordância do locutor com o conteúdo do dito sentencioso.

Continuamos nossa análise para verificar o uso do provérbio *Quando a esmola é grande o pobre desconfia* no texto *De Palanque* veiculado pelo *Jornal Folha do Norte* na imprensa paraense, em 19 de março de 1910, a seguir:

EXEMPLO 15 – JORNAL FOLHA DO NORTE

De Palanque...

Terminou o pleito eleitoral para presidente e vice-presidente da Republica, sahindo com assombrosa maioria, o primeiro candidato, Marechal Hermes da Fonseca. O outro candidato, alta capacidade intellectual, jurista consumado, a aguia de Haya, não conseguiu abalar a symphatia nacional para com seu adversario, apesar dos insuditos esforços empregados em discursos, conferencias, folhetos e queijandos artefactos.

Até a religião foi posta em jogo de exploração politica, como se esta se prestasse a partido militante no Brasil.

Em Minas se propalou e se fez crer que o primeiro candidato é maçom de quatro calibres, e a quem os catholicos não deviam dar seus votos e que o sr. Ruy é catholico da gemma, crente e praticante da religião do Crucificado, o qual ha de proteger o catholicismo, etc. etc.

Ora...ora...figos, ninguem duvida disso, ***mas quando a esmola é grande o santo ou o pobre desconfia.***

A verdade é que ambos são maçons, com a differença de que Ruy já se confessou desse pecado no discurso do *Lyrico* do Rio de Janeiro, onde fez uma pathetica evocação à divindade, mas sem abjurar: *arcades ambo...*

Desde que esta separada a religião do Estado e é garantida na Constituição a liberdade de cultos, entendemos que numa eleição política não se deve especular com os principios religiosos, que devem pairar acima dos interesses políticos, como acontece nos Estados Unidos da America do Norte, onde unicamente o atheismo do candidato poderá incompatibilizal-o com o voto da nação.

A abstenção ás urnas foi enorme, devido decerto às ballélas adrede preparadas pelos adeptos do candidato da opposição.

Tivemos de assistir a scenas impagáveis, umas burlescas, outras grotescas e capadocias.

No numero dos primeiros, vimos o chefe supremo dos invenciveis das marombas, tomando ares de auctoridade *clerical*, consultar para o Rio de Janeiro se era licito aos catholicos votarem no candidato Hermes? E as resposta veio logo, dando a entender que o *chefão* é também auctoridade eclesiastica no Pará...

Assim, sim, frei Crispim... – Outra: o sr. Augusto Montenegro, no 5º grupo escolar votou na chapa *civilista*, in pallido, macambusio, escrevendo com a mão tremula, dizendo uns que até suava na ocasião...Porque talvez?

(Continuação)...

Dar-se-ia o rompimento da intima amizade entre Orestes e Pylades? Entre o mestre e o discípulo?

O sr. dr. Thomaz Ribeiro votou na chapa *hermista*, mas no andar, no assentar-se, no escrever, mostrava que era um homem contrafeito, absorvido num pensamento cruel; parecia um homem contrariado e puxado por uma corda para votar naquella chapa! Ainda mais. Não consta que o sr. Thomaz Ribeiro seja *canhoto*, e no entanto, com espanto de todos, elle pegou as chapas com a mão *esquerda* e as deitou na urna...máo agouro... Livre-nos Deus de votos canhotos ou dados contra a vontade.

Medo da espada não é marimba que preto toca.

No fim da eleição apresentou-se um moço com um papel em que dizia que protestava contra as irregularidades do processo eleitoral e tudo isto em face de taes e taes artigos da lei.

- Mas diga e indique quaes as irregularidades, a que allude, observou-lhe um membro da mesa. - Nada allegou.

Tanto melhor.

Pelo mundo alem corre com insistencia que tudo esta nullo e vae ser annullado, mesas, eleições, votos e até as pessoas que serviram e votaram, por serem phantasticas e aereas, e pelos votos *canhotos* que caíram nas urnas e outras razões!

Olhe que é muita farofa tia Vituca.

O Brasil atravessa a quadra mais critica de sua existencia como nação, e a Republica vacilla em seus fundamentos per causa dos maus governos que temos tido até hoje, vivendo o povo numa escravidão peor que a dos negros antigos, ainda mais apertados pelas olygarchias dominantes e ferozes dos Estados.

O remedio a tudo isto é e será a espada...

Preferimos o rigor da espada ao terror vermelho dos Tyrannos que nos opprimem.

Frei Caneca

(Fonte: Jornal Folha do Norte, 19/03/1910, p. 1)

O conteúdo do texto apresentado, no exemplo 15, trata da análise da conjuntura política nacional e regional, mas com enfoque no resultado da disputa eleitoral realizada naquele ano. O caráter de texto opinativo deixa vestígios sobre o papel social do material impresso que circulava na sociedade. As denúncias relatadas pelo articulista revelam as artimanhas dos políticos na disputa eleitoral, os limites e as regras do jogo para assumir o poder, e mostram como os dogmas religiosos dos candidatos aparecem no jogo da exploração política.

O provérbio “*quando a esmola é grande o pobre desconfia*” normalmente é usado para expressar o cuidado que se deve ter em determinadas situações da vida. Deste modo, quando o provérbio é citado por alguém indica que a situação requer que se assuma uma postura de ‘desconfiança’ sobre aquilo que está sendo ‘ofertado’. O contexto de uso do provérbio aponta para o sentido de advertência, pois o enunciado veste-se sob o manto da sabedoria proverbial na intenção de alertar o leitor do jornal para o perigo de não enxergar a realidade dos fatos. O objetivo do artigo surge da necessidade de denunciar a “fraude eleitoral” que, segundo o jornalista, é aludida na identidade mascarada dos candidatos, pois tanto o Marechal Hermes da Fonseca, quanto o seu opositor (Ruy Barbosa) se utilizam de manobra de usar o véu do catolicismo para angariar o voto dos eleitores.

O referido provérbio foi usado para vestir e tornar atrativo o discurso do senso comum, ele foi citado no discurso para sustentar um argumento que se faz necessário para o propósito do dizer do *participador*. Neste caso, o provérbio alerta para a falsidade dos candidatos. A ‘esmola’, citada no provérbio, refere-se ao caráter duvidoso dos candidatos envolvidos no pleito eleitoral. Consciente de seu valor como discurso de autoridade, o jornalista cita um dizer consagrado no seio da coletividade, por ser este especialmente carregado de credibilidade. Então, o valor de verdade do provérbio “*quando a esmola é grande o pobre desconfia*” passa a ser incontestável, daí porque a citação proverbial funciona como estratégia autopromotora, como diz (Maingueneau, 2008), pois reforça o *ethos* do ser individual que cita o provérbio (neste caso, o articulista do jornal) e legitima o seu argumento como verdade irrefutável.

Por conta de tal análise, a citação do provérbio, aqui revela a estratégia do articulista que expõe a situação de igualdade, em relação ao caráter dos políticos envolvidos nesta disputa eleitoral. O título do artigo “De palanque” já insinua, através de sua carga semântica, a disputa ideológica travada entre aqueles que disputavam o poder. As reticências que aparecem no título “De palanque...” corroboram nossa interpretação de que é um jogo abertamente marcado pelas disputas na tribuna política, onde se faz de tudo, onde tudo é permitido. A *desconfiança* aludida no provérbio se materializa no discurso através da caracterização irônica do perfil dos candidatos em questão, “são ambos maçons”, no entanto, juram defender os dogmas da religião católica, rezam aos domingos santos de guarda e defendem o catolicismo.

O teor de validade universal, incutido nesse provérbio, atesta a natureza fundamental do ensinamento do dizer proverbial, no que diz respeito à conduta social que todos da comunidade necessariamente devem seguir, isto é, “*desconfiar quando o outro te oferecer facilidades demais*”, a regra tácita se institui: “facilidade não rima com honestidade”. O provérbio hoje é muito produtivo, pois as regras da vida moderna giram em torno da competição desmedida, do vale-tudo na busca do espaço individual em detrimento do coletivo, então, a mensagem do provérbio acaba por servir de alerta, se alguém te oferece uma ‘esmola’ muito grande, é bom ter cuidado com o preço a pagar pelo “favor” oferecido. Além de que o provérbio funciona como resumo do tema do artigo assumindo função importante na construção do argumento do articulista, que se utiliza da capacidade de enunciado-síntese do provérbio, adotando a terminologia de (Melo, 2002), para indiretamente dar destaque ao tema discutido no texto, ou seja, o efeito moral das mazelas do pleito eleitoral para presidente da República.

Considerando a presença do provérbio *Como legítimas lebres esses autênticos gatos políticos* (Exemplo 16) abaixo, analisaremos o seu funcionamento neste texto do jornal. O Texto cujo título é *votemos* atesta o clima de rivalidade política que existia no estado do Pará, em 1912, e mostra a disputa verbal apimentada que se deu nas colunas A Gazetilha e Miscellanea, dos dois principais jornais deste período, respectivamente, *Folha do Norte* e *A Província do Pará*.

EXEMPLO 16 – JORNAL FOLHA DO NORTE

Votemos

Ha muitos annos não se tene em todo o Estado um comício eleitoral mas cheio de animação e de estímulo do que aquelle que hoje se realiza. E ha muitos annos tambem o eleitorado não se encaminha as urnas com maior e mais justo sentimento das suas responsabilidades democraticas do que nas eleições que se vão debater daqui a poucas horas. Pode-se e deve-se dizer que cada um de nós tem, no presente momento, a noção exacta do seu papel civico e experimenta, com conscientemente, orgulhoso do acaso politico que lhe propicia esta opportunidade, o jubilo patriotico de conferir o seu voto ao maior de todos os paraenses da geração contemporânea, tanto mas alviçareiramente quanto é certo que esta immensa felicidade não nos era concedida, há qua si tres lustros, senão a troco de

(Continua na página seguinte)

(Continua)...

de iniquidades e martyrios innominaveis. Para nós, que não commungavamos na panella politica do sr. Antonio Lemos e do seu execravel pupilo Augusto Montenegro, estava vedado, por todas as formas da oppressão, ter candidatos e votar nelles. Roubavam nos os votos como nos usurpavam tambem o direito de nos qualificarmos eleitores e quando apesar da atmosphaera de perigos e ameaças, que opprimia a cidade, encolhiamos os hombros com desprezo da vida e alimentavamos, a todo o custo, a pretensão de sufragar os nomes dos nossos amigos, lá estava, a presidencia de cada secção, o Moloch usurpador, em espirito quando não em pessoa, com o seu dom de ubiqüidade fatidica, dirigindo e inspirando a trapaça, para levar á conta dos candidatos lemistas aos sulffragios independentes que lhes não deramos.

Nestes termos, o exercicio de voto cahiu, entre nós, na mais desprezível desmoralisação. Havia gente que não chegava a aperceber-se dos dias de funcçanata eleitoral e isso não se observava somente no partido opposicionista, cuja abstenção se justificava pelos exemplos funestos de que nossa historia politica está repleta e porque cançara, afinal, de pôr na urna uma cedula que desaparecia na garganta da fraude. Entre os amigos do proprio governo não era menor fastio e a indifferença pelo que tocava a eleições. Sabiam, com segurança que quer fossem votar, quer se deixassem ficar em casa debulhando milho a criação ou cultivando a jardinagem domestica, a victoria do seu nucleo partidario era infalivel, como as chuvas no inverno e o sol no verão. A mesa votava gostosamente pelos retardatarios ou pelos ausentes, copiando nas actas os listões, sem indagar se o eleitor, cujo nome era reproduzido, estava vivo ou morto. Não se permittia nem ao menos effectuar uma passeata de homenagem a Lauro Sodré e fiscalizavam-se os actos e o pensamento da opposição com a policia negra dos capangas ao soldo dos triumphadores.

Imagine-se se aos opprimidos se facultaria o recurso dos mais importantes direitos, qual era, entre outros e de eleger aquelles de nossos concidadãos que mais confiança lhes infundissem, para o exercicio de funcções publicas que teriam o prazer de ver occupadas por elles.

Só por graça malvada ou desprezo pela integridade dos melhores vocabulos da lingua se podia chamar eleição a esses deboches, a esses fandangos eleitoraes, que periodicamente aqui se effectravam, regidos pela batuta do mestre Lemos. Mesmo quando não havia competidor nos pleitos, estes não corriam a salvo dos usos condemnaveis. A campanha de que sahio victoriosos o eminente sr. marechal Hermes, accusou, neste Estado, as fraudes mais descabelladas, sem necessidades desse expediente repulsivo, pois quasi toda a população sentia grande desvancimento em suffragar-lhe o nome para o alto posto que hoje se encontra exercendo. A noção corrente no partido republicano Paraense, ou seja a que se gerara no espirito do seu ex-chefe, era de que não se tornava facil eleição sem dolo, sem ludibrio da verdade, e , partindo da cuminancia desta perfida doutrina o sr. Lemos manchou os annaes do Congresso Nacional, durante quatorze annos de predomínio absoluto, dos mais vergonhosos artificios. Deante desta praxis enojou-se o povo de concorrer ás urnas. Gregos e Troyanos retrahiam-se. Uns destruíram os títulos, outros os guardaram tão mau guardados que não foi possivel econtral-os mais. A geração nova absteve-se de se alistar. Para que o sacrificio da perda de algumas horas, na conquista de um direito, que o partidarismo reduzira a menos de um trapo, ao sabor dos seus interesses subalternos? Pois não era crime, passível de estocada e tiro e, ás

(Continua na página seguinte)

(Continuação) ...

vezes de prisão violenta, cultuar alguém, no fundo da sua alma, o nome de Lauro Sodré? Não crescia todos os dias a lista das victimas desse enorme delicto e não se repetiam as ciladas abominaveis ao laurismo de boa fé?

Assim se raciocinava e por esta forma se desinteressou o publico de assumptos eleitoraes. O que hoje ocorre é um consolador renascimento. Acredita-se honestamente que há, com effeito, o desejo de fazer a politica republicana do respeito aos direitos de todos. A candidatura do sr. dr. Lauro Sodré, adoptada por todas as hostes partidarias, é a balisa das opiniões que fascinam actualmente os espiritos. Afere se por ella da probidade dos novos designios e é com verdadeira satisfação que o eleitorado se despenha hoje para as urnas a suffragar o nome do ilustre brasileiro.

A palavra de ordem, em todos os recantos da cidade, é – votar. Votar em Lauro Sodré e nos seus companheiros de credo, que os factos demonstram serem homens desejosos de praticar as boas normas democraticas, dando da sua conducta o documento irrecuperavel de uma vida de luctas em prol dos mais nobres ideaes.

Ha ahi candidatos que trazem a macula do peccado politico original e que só violentamente, ou mascarados, podem merecer o apoio do eleitorado. Representam um terrivel passado, que foi de lucto e de sangue, e, lendo as listas em que elles figuram, fica-se sem saber o que pretendem os seus apresentantes, impingindo, desfaçadamente, **como legitimas lebres esses althenticos gatos politicos**, que miaram sinistramente nos telhados do poder desde quasi a instituição da republica sem outro titulo que os recommendasse á eterna reeleição senão o conceito da passividade amorpha e do servilismo organico deante dos chefes em cuja dependencia tem vivido, inutilmente para o paiz. Não sera necessario declinar o nome de cada um delles. Acodem espontaneamente aos labios do publico, como os dos mais captivos expertalhoes, que para serem admittidos ao ambiente onde desejam morrer, fizeram cessão dos seus orgaos de independência nas mãos dos grandes eleitores que os escolhem, respirando, tacteando, vendo e sentido com estes, na mais estreita e homogenea communhao de sentimentos.

São estes candidatos materia sufficientemente experimentada e a epoca exige a contribuição da intelligencia patriotica e do bom senso político, como fanaes de caminhos a seguir. O resultado do pleito vira dizer o que desejamos e o que queremos se a volta aos tempos ominosos, em que se jogou contra a nossa honra um terrivel entrudo de lama, ou a proscripção completa dos processos deslustrantes, que converteram a sociedade brasileira numa agglomeração humana infeliz, sob o terror das nefandas perseguições.

E' evidente que precisamos emergir do estado de apathia, no qual nos mergulhou o asco dos homens, afim de que, ao lado do interesse condemnavel, sequioso de firmar o seu pé dispersivo, implantemos, convictamente, o nosso vigoroso desejo, que deve ser o da comndenação formal a todas as tentativas de dominação feroz, que ensangüentaram o nosso solo, conturbaram o nosso animo e nos forçaram a ser, ainda uma vez, no decurso da nossa existencia historica, caboclos reaccionarios, briosos até a loucura da morte.

(Continua na página seguinte)

(Continuação)...

Vote-se com dignidade, depois de se haver votado tão longamente por servilismo, ou melhor, depois de se ter deixado que votassem em nome do eleitorado os empreiteiros de eleições fraudulentas, a revelia da vontade popular, nunca respeitada e que havia garbo de contrariar nos impulsos do seu civismo e nas inspirações do seu amor ao regimen.

(Fonte, Jornal Folha do Norte, 30/01/1912)

O contexto, que motivou a circulação deste artigo, é a candidatura de Lauro Sodré, candidato apoiado pelo jornal Folha do Norte e principal rival político do sr. Antonio Lemos, dono do jornal A Província do Pará. Verificamos que teor do texto em alguns momentos se assemelha a um panfleto político de eleição, pois o pedido do articulista para votar em Lauro Sodré surge no meio do texto abertamente, e o autor faz questão de não esconder que se identifica politicamente com o grupo do referido candidato.

Neste texto verificamos que as ofensas verbais têm um alvo específico, Antônio Lemos e os seus correligionários. Observamos, em relação à linguagem, a presença de frases de efeito e expressões populares como ‘panela política’, ‘fandangos eleitorais’, ‘garganta da fraude’. Esses xingamentos e as ofensas diretas somam-se ao efeito enviesado e denunciador da forma proverbial empregada pelo articulista, que suaviza a ofensa ao outro, porém atinge o destinatário de modo peculiar. Nesse sentido, sabemos que o provérbio atua no discurso como reforço argumentativo, tornando esse dizer num argumento incontestável. Portanto, identificamos que a forma original do provérbio ‘comprar gato por lebre’ atua como parte do conhecimento retirado da filosofia do senso comum, que se atualizou por meio da fórmula recriada pelo jornalista: *como legítimas lebres esses althenticos gatos políticos*.

Desse modo interpretamos que a forma proverbial modificada ajusta-se ao sentimento de rivalidade política, uma vez que o sentido deste provérbio expressa o determinismo social ou cultural, que diz que o homem pode enganar-se com as aparências das coisas. Tal sentido se materializa, textualmente, por meio da simbologia que é resgatada nos termos, ‘*gatunagem política*’, ‘*legítimas lebres*’ ‘*miados sininistros*’ usados pelo jornalista, os quais fazem alusão ao político ladrão, ‘aquele que cometeu o pecado político original’, conforme as palavras colocadas no texto.

Vemos, então, que o autor não apenas cita o provérbio, mas faz dele o seu argumento retórico fundamental e se utiliza com absoluta propriedade da metáfora persuasiva presente na forma proverbial, *como legítimas lebres esses althenticos gatos políticos*, comprovando o que diz Mieder (2004) sobre o uso eficiente da retórica proverbial, ao afirmar que, se o provérbio se encaixar perfeitamente na situação, ele funcionará como uma imbatível estratégia retórica na argumentação. Ou seja, devemos saber escolher o momento oportuno para a inserção do provérbio para obter êxito. E neste caso, a comparação é clara, assim como o gato que rouba sem fazer alarde, é o destinatário das ofensas de seu artigo. Assim *as legítimas lebres* (os políticos) entram no enquadre das eleições fraudulentas denunciadas, que remete aos políticos lemistas que passaram vários anos perpetuando-se no poder, diz o autor do texto.

Observamos também, que o propósito de uso do provérbio neste texto é persuasivo, ou seja, o leitor é chamado a votar no candidato convencido pelos argumentos do articulista que faz uma apreciação negativa do candidato rival, utilizando-se da retórica proverbial que legitima e reforça o caráter de generalização absoluta instituído pelo provérbio, que previne o leitor ao adverti-lo a ter cuidado na eleição, para não *comprar gato por lebre*, ou seja, enganar-se. Portanto, de modo irônico e mordaz, o provérbio funciona como eficiente argumento retórico nesta disputa política, que começa nas trincheiras abertas pelos jornalistas em suas colunas e desemboca nas ruas da cidade.

Por fim, a mensagem do texto é clara, direta e autoritária e o uso do provérbio apenas reflete o poder persuasivo dela, que reforça tudo o que foi dito pelo autor, utilizando-se como argumento maior a sabedoria moral imersa naquela voz coletiva que alerta para a possibilidade de enganar-se com as aparências das coisas, ou seja, os gatos políticos estão disfarçados de lebres.

4.3 – A Desproverbialização na Imprensa Jornalística

A paródia tem sido considerada uma forma de arte ou ‘subarte’ utilizada para ridicularizar expressões únicas da criação de alguns artistas. Os estudiosos da literatura reconheceram e reconhecem o seu valor artístico, dando-lhe conceito e destaque nos estudos dos gêneros literários. São diversas as formas de realização das paródias que se materializam nas imitações de filmes, programas de televisão, canções, obras teatrais, novelas, poemas,

romances, etc. Examinaremos aqui um tipo especial de paródia, a *desproverbialização*, que é a paródia feita em cima do provérbio.

De acordo com Fiorio (1995: 53), a desproverbialização designa a atitude de brincar ou jogar com o provérbio, secularmente respeitado e venerado como depositário de uma verdade. Alguns autores se utilizaram da desproverbialização para destacar e dar visibilidade as suas ideias e pensamentos através de algumas pérolas retiradas do adagiário brasileiro. Dentre os nomes conhecidos Fiorio (1995: 55-56) destaca o gênio brincalhão e satírico de Aparício Fernando Torelly, o Barão de Itararé, considerado o primeiro no Brasil a adotar esse comportamento divertido e esrachado de virar pelo avesso os princípios canonizados nos adágios seculares.

Outros escritores adotaram a sátira proverbial como estilo como Guimaraes Rosa, Machado de Assis, Millôr Fernandes, Mauro Chaves, e outros. Modernamente falando, em termos de uso de provérbios, a tendência é dizer o contrário do que manda a tradição proverbial antiga. Mas, o que motiva a desproverbialização? Quais as razões que podem justificar a forma irreverente, crítica e brincalhona que surgem das novas reescritas desses provérbios?

Fiorio (1995: 56-57) identificou três motivos que justificam a desproverbialização entre os nossos escritores: *a) provocar o riso descontraído do leitor ou ouvinte* – a surpresa da chacota altera sensivelmente a direção do provérbio original, como nestes casos: *Quem com ferro fere com ferro será conferido* (Barão de Itararé); *Quem ri por último ri melhor, mas demorou a entender* (Mauro Chaves); *Cada macaco no seu galho, cada macaca no meu* (Mauro Chaves). Observa-se que nos três provérbios citados prevalece uma intenção humorística. *b) Sátira aos costumes e hábitos de determinada classe da população* – Utiliza-se do provérbio para aplicá-lo a esses destinatários, substituindo-se algumas de suas partes por outras adequadas ao novo objetivo. São exemplos desta categoria: *Cada terra com seu uso, cada preta com seu luso* (Barão de Itararé); *A ociosidade é mãe de todos os vices* (Millôr); *Roupa suja lava-se em casa, mas o difícil é impedir que os vizinhos vejam o varal* (Mauro Chaves); *Onde há fumaça há fogo, e às vezes câncer* (Mauro Chaves). *c) Questionamento a verdades tidas como infalíveis e imutáveis*: parece mesmo que a intenção aqui é derrubar preconceitos solidamente estabelecidos por uma sociedade conservadora, a reformulação de valores, a dessacralização de ritos e tabus. A paródia proverbial é usada para desmoralizar aquilo que era tido como inquestionável na sociedade,

são exemplos deste tipo: *Água mole em pedra dura tanto dá até que caba a água* (Millôr); *A corda arrebenta sempre pelo lado mais fraco* (Mauro chaves); *Falar é prata, calar é ouro, mas em determinadas circunstâncias históricas falar é ferro, calar é plástico*. (Mauro Chaves).

Pode-se afirmar, que é praticamente um modismo, a tendência moderna de uso dos provérbios utilizando-se de novos referentes como se vê nas frases de para-choque de caminhões, na internet, na propaganda comercial, em títulos de filmes, etc. Ao considerar tal aspecto, Fiorio (1995: 57) observa que devemos distinguir desproverbialização de degradação do provérbio. A desproverbialização, diz ele, *é inteligente, sutil, questionadora, construtiva*, tem o riso como meio. Em direção oposta, a degradação *é ridícula, interesseira, burlesca* embora tenha também o riso como fim. Na desproverbialização, o reconhecimento do sentido no provérbio original pelo interlocutor é condição primordial para a compreensão veiculada na reescrita do provérbio.

4.4 – Provérbio e Interdiscursividade: O Discurso do Outro

É aceitando o sentido atribuído ao provérbio, por Maingueneau, que se observa como o provérbio desempenha uma função especial no discurso. A citação de um determinado provérbio especificamente, e não outro qualquer, dá a ele uma significativa importância no discurso. Isto evidencia que o provérbio não aparece no discurso por acaso, pois a simples presença da citação proverbial já é uma forma marcada no texto, seja de reforço, negação ou discordância sobre determinado fato ou argumento do discurso.

Nesta perspectiva, assumimos que o provérbio é um discurso que retoma outros discursos, como declarou Maingueneau: (2010:172) “*o provérbio é o discurso relatado por excelência. Ele retoma não as **palavras** de outro especificado, mas aquelas de todos os outros, fundidas nessa “impessoalidade” característica da forma proverbial.*” (grifos do autor). O autor que trata o provérbio como discurso polifônico o interpreta como se fosse um coro de vozes que retoma outras enunciações. É neste sentido que se observa o apagamento do locutor e se expressa a impessoalidade do provérbio.

Quando um provérbio é proferido observa-se a impessoalidade marcada no discurso, fato que coloca o discurso proverbial como sendo constituído por várias vozes, a do locutor e

todas as outras vozes que o proferiram anteriormente. Desse modo, o indivíduo que cita um provérbio toma sua asserção como um eco de infinitas vozes que já proferiram o mesmo provérbio. Por isso Maingueneau afirma que o provérbio representa a coletividade.

Os provérbios são marcados pela formulação impessoal, embora alguns apresentem marcas pessoais. A esse respeito Rocha (1995: 172 *apud* Brunelli, 2006:115) afirma que:

[...] tudo se passa de um modo muito indireto quando se trata do uso de provérbios em discurso: o locutor não fala com suas palavras, já que usa o discurso do Outro, em cuja autoridade se apoia e dirige-se indiretamente ao alocutário, pois mesmo que o traga um tu, trata-se sempre de um tu de percurso, que designa todo mundo em geral e ninguém em particular.

Assim afirmamos que todo discurso provém de outro discurso, ou seja, o enunciador constrói seu discurso a partir de outro(s) existente(s). Isto nos lembra o caráter dialógico dos enunciados referido por Bakhtin (*apud* Fiorin, 2006: 19) que afirma,

Nenhum discurso está livre do já dito da fala de outrem, mas carregado por outros discursos, as palavras são sempre inevitavelmente as palavras do outro. (...) a língua, em sua totalidade concreta, viva, em seu uso real tem a propriedade de ser dialógica. E todos os enunciados no processo de comunicação, independente de sua dimensão, são dialógicos.

Essas relações não estão nas unidades da língua física, exterior ou na estrutura da língua comum a todos os momentos de comunicação, nos sons, nas palavras, nas orações, mas estão nas relações internas onde estão presentes os enunciados, que são proferidos unicamente em cada contexto de uso. Sobre o caráter único dos enunciados Fiorin (2006: 20) completa, *os enunciados são irrepetíveis, uma vez que são acontecimentos únicos, cada vez tendo um acento, uma apreciação, uma entonação própria*. Assim os enunciados não são neutros, estanques, são carregados de valor semântico carregados de emoção, de juízos de valor.

É dentro deste enquadre que entendemos que o discurso proverbial é carregado de ideologia, de juízos de valor, que são definidos pelos sujeitos na situação de interação social. Quando se fala em uso de provérbios, diz-se que não há regras para o seu emprego, mas sabemos bem o momento de usá-los, e seu uso pelo falante demonstra competência lexical e cultural, além do conhecimento de mundo que ajuda a interpretar o sentido veiculado pelo provérbio. Conhecer provérbios significa partilhar de uma identidade cultural, pois as pequenas porções de sabedoria imersas nos ditos proverbiais são caracterizadas como manifestações da cultura enraizadas em uma determinada comunidade.

Por serem discursos dialógicos, são “ditos”, “não- ditos” que se caracterizam como o discurso do outro; configuram-se como princípios de conduta, representando sátira, crítica,

conselhos ou humor. O discurso proverbial é caracterizado como não sendo do sujeito, ou seja, um discurso que não lhe pertence. Assim como afirma Possenti (2002:150), “*não só o provérbio é de outro para um locutor que o enuncie, mas um provérbio é definitivamente do Outro, pelo simples fato de que sua origem sequer pode ser imaginada*. Como a sua autoria não pode ser identificada, o discurso proverbial é de autoria desconhecida. Aliás, segundo o autor, a questão do anonimato é condição preliminar para defini-lo como provérbio. Por dialogar com outros discursos, o provérbio sempre será caracterizado como discurso citado, discurso de outrem.

Quando alguém cita um provérbio o locutor não é o sujeito criador do seu discurso – neste tipo de enunciado o dialogismo e a descentralização do sujeito estão presentes, uma vez que as expressões usadas: “como dizem”, “como diz fulano”, “como o povo diz”, e etc, marcam o discurso como não sendo do locutor. Outros recursos como as aspas, a entoação também são recursos aos quais o locutor recorre para marcar o discurso do outro. Mesmo que o locutor não utilize tais expressões para isolar o discurso proferido, o alocutário facilmente o reconhecerá graças a sua memória discursiva.

Na realidade o ato de fala, ou mais exatamente seu produto, a enunciação, não pode absolutamente ser considerado individual no sentido estreito desse termo; ele não pode ser explicado em referência às condições psicofisiológicas do sujeito falante. *A enunciação é de natureza social* (Bakhtin *apud* Rocha, 1995: 52).

A presença dos enunciados proverbiais na imprensa escrita tem evidenciado, historicamente, que esta não é uma escolha casual, pois normalmente a citação do provérbio nesses textos demanda uma função particular do discurso, seja para aconselhar, criticar, ensinar, orientar, julgar, condenar, etc. Melo (2002) mostra que a imprensa se utiliza de estratégias diversas para conseguir viabilizar os seus propósitos e o uso do gênero proverbial é apenas umas delas. O articulista do jornal que emite um juízo a respeito de algo costuma fazer isto da maneira mais eficiente possível, e frequentemente recorre à argumentação para sustentar o seu dizer. Por isso se o provérbio for escolhido adequadamente poderá ajudar na tarefa de persuadir o outro.

O texto argumentativo é o lugar ideal para o discurso proverbial que funciona como espaço do jogo do dizer usando as palavras do outro. Por isso o provérbio constitui-se na escolha perfeita para dizer algo sem ser responsabilizado pelo que foi dito, pois *o provérbio é a voz do outro por excelência*. Deste modo o que se pode dizer de uma regra ou conselho que se expressa através do provérbio “*Deus ajuda a quem cedo madruga*”. Se o enunciado é

proferido de um pai para o filho ainda jovem, pode-se interpretá-lo como uma regra tácita que se institui: seguir a voz dos mais experientes sempre se constituiu como orientação para aqueles que desejam ter sucesso ao fazer as escolhas certas na vida, assim dizer que a labuta diária pode garantir o futuro é sem dúvida fazer uma escolha de vida.

Por outro lado, se o provérbio representa o discurso de um empresário rico e de sucesso que defende o trabalho extenuante da mão de obra assalariada de sua empresa, o mesmo provérbio ganha outro sentido: *Deus ajuda a quem cedo madruga* serve como reforço para justificar a exploração dos empregados pelo patrão valendo-se da crença religiosa que Deus ajuda àqueles que levantam cedo para pegar no trabalho duro. Assim conclui-se que ao se estabelecer a relação dos provérbios com o seu uso e os seus usuários é que percebemos o sentido das experiências específicas das relações sociais vividas: o primeiro revela a relação entre pais e filhos e o segundo entre patrões e empregados.

É muito comum identificarmos certos ditos populares que remetem a outros discursos já conhecidos, pois temos situações em que um provérbio dialoga com outro. O provérbio pode também refutar o significado de outro já conhecido, pode também ironizá-lo, tem-se ainda os casos em que eles se contradizem, enfim, ocorrem até mesmo casos de formação de famílias inteiras de ditos que estabelecem relações de sinonímia, antonímia ou campos semânticos aproximados.

Possenti (2002: 190) chama atenção para o fato de que uma mesma comunidade pode apresentar provérbios que se contradizem, e isto pode ser entendido como sinal das vozes em confronto, atestando, assim, as contradições presentes nas próprias coletividades. O autor cita alguns exemplos que servem para ilustrar a situação de polifonia entre os provérbios: '*Deus ajuda a quem cedo madruga*' e '*Quem nasceu pra tostão não chega a cruzado*' em que o primeiro defende o trabalho duro e o outro o nega, argumentando que nem mesmo o trabalho duro pode alterar a difícil conjuntura. Possenti cita enunciados que podem constituir 'famílias' inteiras de provérbios, como nestes casos: *Comer bacalhau e arrotar cavala / Comer sardinha e arrotar tainha (...)* *Tal pai, tal filho / Tal amo, tal criado (..)* *Qual é o cão, tal é o dono/ Filho de peixe peixinho é/ Filhote de tigre sai malhado*. Cada provérbio aparece em uma situação específica e os indivíduos trazem de suas experiências os valores que são os ingredientes que servirão de base aos discursos. Mas existe entre o conjunto de provérbios uma teia de significados que dialogam entre si. Isso porque os enunciados trazem um eco de

outras vozes e as relações entre elas parecem ser inevitáveis, como o jogo de relações que se estabelece nos seguintes provérbios: *as aparências enganam; Nem tudo que reluz é ouro e quem vê cara não vê coração*. Neste último conjunto, observamos que a forma não se repete como nos outros, mas existe uma correspondência que se dá num nível mais profundo, já que todos convergem para a ideia de que é preciso ter cautela para não se enganar, ou seja, nem sempre as coisas são o que aparentam ser.

Aspecto interessante tem sido a tentativa de esvaziar o provérbio de seu sentido original, uma prática muito difundida em nossos dias, o que parece se constituir em uma nova tendência, já que eles aparecem em grafites, publicidades, slogans de campanhas políticas, ou até mesmo como mote para a crítica política. Este é o caso do texto intitulado ‘*provérbios do planalto*’ de Jô Soares (Veja, 2 out. 1991), em que é possível perceber uma subversão total do sentido original dos provérbios para criar um sentimento de contestação da nossa realidade política. Segue o texto de Jô Soares:

EXEMPLO 17 – OS PROVÉRBIOS DO PLANALTO

Os Provérbios do Planalto

A comissão faz o ladrão.
 Mais vale um Passarinho na mão do que dois tucanos.
 Pior o Emendão que o soneto.
 A cargo dado não se olha o dente.
 Quem vê cara não vê coalizão.
 Devagar se vai ao lago.
 Deus ajuda lobista que madruga.
 Quem tem boca vai e arruma.
 De grão em grão o café enche o bolso.
 Quem tem PC não morre pagão.
 Os cães ladram e a Malta passa.
 Quem canta seus Mellos espanta.
 Quando a esmola é muita o lobby desconfia.
 Quem rouba um tostão é ladrão, quem rouba 1 milhão está defasado.
 Depois da impunidade vem a bonança.
 Quem semeia ventos faz a maior importação de grãos da história.
 Licitação é água benta, cada um usa a que quer.
 Aqui se faz aqui se pega.
 Há malas que vêm para o bem.
 A corrupção tem razões que a própria razão desconhece.
 Quem emenda sempre alcança.
 Uma aliança só não faz verão.
 Quando não Malta, esfola.

(Fonte: Kock, 2004: 156-157)

Os provérbios citados acima constituem o fenômeno que Maingueneau (2010: 175) denominou *participação por subversão*, que ocorre quando se opera uma mudança de curso na palavra ou expressão em proveito de determinado projeto de quem dela se apropria. A subversão se dá quando se desvia a expressão de seu curso regular para dela se fazer outro uso na direção de atender aos propósitos de quem projeta o desvio¹³. Foi isto que aconteceu no texto *Provérbios do Planalto* quando intencionalmente o autor modificou a forma tradicionalmente reconhecida dos provérbios em proveito da sua intenção crítica. Observa-se, todavia, que o sentido expresso na forma do provérbio de origem pode facilmente ser identificado. O desvio do provérbio *A ocasião faz o ladrão* resultou no *détournement* “a comissão faz o ladrão”. *Depois da tempestade vem a bonança* aparece sob a recriação “Depois da impunidade vem a bonança”; *Mais vale um passarinho na mão do que dois voando* originou “Mais vale um passarinho na mão do que dois tucanos”. Assim verificamos que os provérbios constituem uma unidade que se constrói pelos seguintes elementos: a comissão, o cargo, a emenda, o PC, os Mellos, a coalizão, os tucanos, o lobista, a licitação, o lobby, o lago, a corrupção, as alianças, as malas, etc. Esta unidade se constrói pela recriação dos provérbios que simbolicamente representa os hábitos e costumes adotados pelos ‘moradores’ de ocasião (os deputados, senadores, e políticos) que habitam o palácio do planalto.

Conforme mencionado por Fiorio (1995: 56), a desproverbialização tem como justificativa a sátira ao costumes da sociedade, e neste caso, o título do texto, *Provérbios do planalto*, é o elemento que ancora e valida o efeito da desproverbialização. Reforça este argumento o fato de que todo o texto trabalha com a subversão dos provérbios, configurando a sátira política e de costumes tão atual ainda. O texto funciona como uma sátira aos costumes de uma parcela da sociedade brasileira que faz da política o exercício da demagogia e da impunidade.

Détournement é o nome original dado para o desvio¹³.

Verificaremos agora como as artimanhas sofisticadas da publicidade trabalham com o discurso do senso comum, através da inovação presente no *slogan* proverbial abaixo:

EXEMPLO 18: SLOGAN PROVERBIAL



O slogan proverbial “*Mais vale um iPad na mão do que ficar só imaginando*” foi enviado por e-mail aos clientes cadastrados no serviço de entrega da empresa China in Box, no mês de setembro de 2011¹⁴. A peça publicitária apostou na criatividade e originalidade na criação do provérbio como moeda da referida campanha publicitária. Um dos elementos usados nesta campanha foi a sedução do consumidor através do modo não convencional de

¹⁴ Disponível no endereço <http://mail.mailsuperig.com.br/mail>, recebido em 17/09/2011

apresentar a premiação do concurso, utilizando-se de um *détournement* proverbial: (*Mais vale um ipad na mão*) foi o elemento que substituiu (*Mais vale um pássaro na mão*). A identificação do provérbio original dá-se através do interdiscurso presente na primeira parte do texto da peça “*Mais vale um ipad na mão...*” que remete facilmente ao dito: *mais vale um pássaro na mão do que dois voando*, cujo sentido remete à ambição das pessoas que ao desejarem sempre mais acabam colocando tudo a perder.

Assim o recado caiu como uma luva no alvo da publicidade, que conta com o desejo dos consumidores. Através do *détournement* expresso pelo slogan, a recriação proverbial refina os referentes intertextuais (ipad / pássaro) que a publicidade usa na construção dos referentes sociais que estão na memória coletiva dos indivíduos. O provérbio, que é invocado como índice da sabedoria, tradição e autoridade, reflete as vozes que não estão na explicitude do texto, mas pode ser buscada na fama que os chineses têm de utilizar os provérbios para expressar a sapiência milenar do seu povo.

Apresentamos a seguir uma análise dos provérbios em textos da imprensa jornalística da atualidade, na intenção de mostrar as funções argumentativas que o provérbio assume a partir do contexto de uso da citação proverbial, considerando aspectos como os usuários e a época em que são usados.

4.5 – Os Usos dos Provérbios nos Jornais da Atualidade

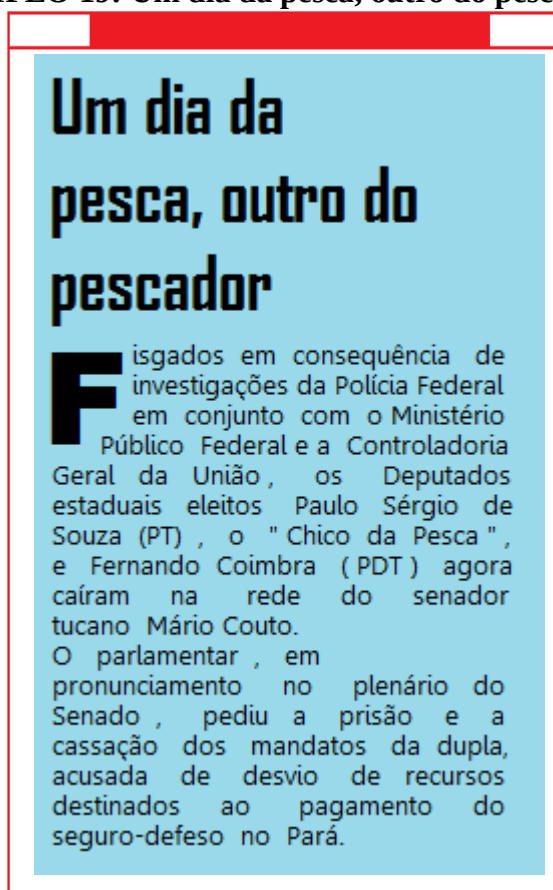
Os textos analisados evidenciam como os provérbios podem ser usados em diferentes contextos sociais, tanto em sua forma canônica tradicional como também nas recriações feitas por seus autores/articulistas. Neste último caso, os provérbios aparecem, às vezes, levemente alterados em relação ao modelo original, mas continuam a marcar uma fala destacada como “citação” de um outro enunciador. Isso significa que o autor do texto não coincide com a instância enunciativa do saber proverbial, que pertence a um Outro que fala por meio dele. Desse modo, veremos como o discurso do jornalista utiliza-se da criação proverbial para reelaborar, reconstruir, atualizar e garantir a eterna circulação desta voz coletiva, que se manifesta nos ditos e citações proverbiais para dar origem a novos saberes e criar novos significados.

Abaixo citamos alguns provérbios encontrados nos jornais contemporâneos de nosso corpus (2008-2011). O primeiro texto é uma notícia coletada na coluna intitulada *Espaço do leitor*, assinada pelo colunista Guilherme Augusto, do jornal Diário do Pará. Ressaltamos que sempre que possível, apresentaremos a forma proverbial original seguida da recriação do articulista:

Provérbio original: *Um dia é da caça, outro é do caçador*

Recriação proverbial: *Um dia da pesca, outro do pescador*

EXEMPLO 19: Um dia da pesca, outro do pescador



Fonte: Jornal *Diário do Pará* (edição de 11/11/2010,)

A notícia apresenta o contexto de investigação policial a respeito do suposto desvio de recursos destinados ao pagamento do benefício do Seguro-defeso aos pescadores do Estado do Pará. Este é um benefício financeiro que os pescadores recebem para não realizarem a pesca no período do defeso, época da reprodução dos peixes. O benefício estaria sendo desviado, conforme a notícia, e depois de muitas investigações da Polícia Federal, do Ministério Público Federal e da Controladoria geral da União, o Senador Mário Couto (do

PSDB) em pronunciamento no Plenário do Senado solicitou a prisão e a cassação dos mandatos dos deputados acusados.

Primeiramente nos chama atenção o fato curioso da presença do provérbio logo no título da notícia. Depois, outro aspecto relevante é que o título que dá nome à matéria, *um dia da pesca, outro do pescador*, constitui num trocadilho feito com o dito proverbial *um dia é a da caça, outro é do caçador*. Assim observamos que a escolha do provérbio funciona como mote para o articulista dar visibilidade ao seu conteúdo, o qual trata do pedido de prisão dos deputados petistas.

O sentido deste provérbio foi mencionado por Fiorio (1995: 94) que o interpretou como a necessidade de inculcar no homem a esperança, virtude que faz deste um ser paciente que acredita que dias melhores virão. Partindo-se da ideia de que a vida é cheia de percalços, coloca-se no homem a necessidade de ser virtuoso para suportar as agruras que a vida disporá em seu caminho, assim, conforme o autor, diz-se que *um dia é da caça, outro é do caçador* para afirmar que existe na vida uma lei da compensação natural. Sabemos, no entanto, que o provérbio pode ser empregado em outro contexto e assumir novos significados. Pois, o contexto de uso do provérbio aqui revela outro sentimento, o qual denota a atitude revanchista do ser humano, que espera pelo momento oportuno para recobrar a posição perdida, uma vez que o dito proverbial traz à tona a rivalidade político-partidária que coloca petistas e tucanos em posição antagônica. Acrescentamos que o sentido embutido neste saber popular alerta para o perigo de que “nem sempre é possível ganhar todas, pois quem ganha hoje, amanhã poderá perder”.

Por outro lado, Melo (2002: 63) admite que, *os provérbios por encarnarem uma atitude valorativa, condenando ou perpetuando determinadas condutas, refletem a consciência coletiva dominante*. Desse modo percebemos no título da notícia, o prelúdio do argumento do articulista que não deixa de registrar a sua interpretação dos fatos utilizando-se de um dizer coletivo que instaura a suposta reciprocidade dos interlocutores, neste caso, o articulista e os leitores do jornal. Isto se materializa no julgamento moral dos atos dos deputados, que depois de ganharem ilicitamente com o desvio dos recursos deverão sofrer as punições pela má conduta dos mesmos neste episódio. Portanto, o dia da caça dá lugar ao dia do caçador, como avisa o provérbio.

Mobilizado pela necessidade da imprensa de criar a novidade, o imprevisto, o autor se utiliza do fenômeno da *captação proverbial* (Maingueneau, 2010) para expor em tom irônico a possível punição dos acusados, se condenados pelos desvios dos recursos do seguro-defeso. Observamos, assim, a relação dialógica que se impõe por meio da reescrita do provérbio “um dia da pesca, outro do pescador” e o claro objetivo do articulista, ou seja, o efeito de denúncia dos fatos apresentados na matéria. O fenômeno da captação proverbial, segundo Maingueneau (2010:174), *dá-se quando ocorre o desvio da estrutura proverbial sem que haja contradição na direção semântica adotada pelo provérbio*. Este fenômeno está presente no título desta notícia: “*um dia da pesca, outro do pescador*” porque esta forma de recriação proverbial relaciona-se semanticamente ao provérbio original “*um dia da caça outro do caçador*”, onde o desvio não alterou o significado do provérbio enunciado. Assim sendo, o provérbio cumpre o seu papel na notícia, que precisa do destacamento da invencionice da forma proverbial para dar visibilidade ao título, destacando-o no meio de inúmeros outros da página do jornal.

O recurso da ironia cumpre também um papel fundamental neste contexto, pois o efeito irônico aparece na escolha lexical dos termos usados no texto como: (“*fisgados*”, “*caiu na rede*”... “*pesca*”... “*pescador*”....) Essa terminologia reforça o sentido atribuído em nossa análise do provérbio em questão. Isto tudo contribui para o desfecho da matéria que encerra com o pedido de prisão para a dupla formada pelos deputados investigados.

Trataremos agora da presença do provérbio *As aparências enganam* no Exemplo (20) abaixo. Analisaremos o texto da notícia publicada no Jornal Diário do Pará, no intuito de perceber o funcionamento do provérbio neste texto do jornal.

Provérbio original: “As aparências enganam”

Provérbio recriado: “As aparências cada vez enganam mais”

Exemplo 20 – “AS APARÊNCIAS ENGANAM”

Lombroso

Quando entrei na Faculdade de Direito, tomei conhecimento de que um tal Lombroso há séculos pesquisou e descobriu que a simples experiência de uma pessoa indicava logo que se tratava de criminoso. Bastava olhar para a “careta” do cidadão e se sabia logo que era um criminoso.

Claro que os meus professores repudiavam a tese. Mas para avaliar se Lombroso tinha feito uma observação procedente, passei a estudar a fisionomia de todo criminoso flagrado praticando delito, com a foto publicada nos jornais que naqueles tempos davam muito destaque ao noticiário policial, aliás como continuam a dar até hoje, com todos os diários trazendo um caderno especial de seis, oito ou dez páginas só cobrindo atos criminosos. Quase sempre, eu concordava com a tese de Lombroso. Todo criminoso tá na cara. Não engana.

Hoje já estou achando que Lombroso não tinha razão. Olho para as fotografias dos criminosos flagrados no ato ou indiciados depois, e nenhum me dá a impressão, pela cara, de que é um marginal. Todos



têm semblante tranqüilo, sereno, inocente. Podem parecer mais um seminarista do que criminoso. É aí que mora o perigo. Você vai sentado no banco de ônibus tendo ao seu lado um vizinho com toda pinta de um “Filho de Maria”, lendo até um missal. Mas, na verdade, é um facínora avaliando se vale a pena assaltá-lo, pilhar e até matar. Que pena a tese de Lombroso não corresponde à verdade! E o pior é que, ao contrário, **as aparências cada vez enganam mais.**

Fonte: Jornal Diário do Pará (edição de 23/11/2008)

O texto nos remete a reflexão sobre a natureza do bem e do mal. Enquanto nos tempos antigos acreditava-se que o mal se revestia de uma aparência feia e pouco agradável (dizia a teoria de Lombroso que todo marginal traz no rosto a marca de seus crimes), nos tempos atuais, diz o articulista, o mal se confunde com a simpatia e a elegância de sujeitos de fino trato, sugerindo que a boa aparência do indivíduo não serve como garantia de bons

anteriores, pelo contrário, ela, cada vez mais, tem sido usada para camuflar os atos ilícitos das pessoas de caráter duvidoso.

A presença do provérbio *As aparências enganam* alerta para o perigo de se crer apenas naquilo que é concretamente perceptível, e agindo deste modo o indivíduo pode emitir um juízo de valor que não corresponda à realidade. Por isso a atitude do autor, com respeito ao uso do provérbio, demonstra que a sabedoria antiga ainda é muito válida, pois a exterioridade pode levar o indivíduo a enganar-se. De certo modo, o provérbio também funciona como uma advertência alertando as pessoas para não se deixarem levar pelo que mostra a exterioridade.

Ao prosseguir em seu texto, o autor atualiza o texto proverbial através de uma clara alusão à feição da maldade em tempos atuais ao usar a tradição proverbial presente na citação original “*as aparências enganam*” e depois a recompõe através da manutenção e reforço no que diz respeito à sabedoria popular.

Por fim, o fragmento expresso no parágrafo final do texto *Que pena a tese de Lombroso não corresponde à verdade. E o pior! É que ao contrário, as aparências cada vez enganam mais* é um modo de reafirmar a validade do provérbio em nossos tempos atuais. Por último ressaltamos o que diz Melo (2002: 60): o caráter conclusivo que o enunciador confere ao provérbio, imitando a moralidade das fábulas, confirma implicitamente a sua validade universal. Passemos a examinar outro caso de citação proverbial. Trata-se do texto intitulado *Ministério* (Exemplo 21), publicado na edição do Jornal Diário do Pará, em 16/11/2008.

Provérbio original: “Longe dos olhos, longe do coração”

Recriação proverbial: “longe da vista, longe do coração”

EXEMPLO 21 – “Longe dos olhos, longe do coração”

MINISTÉRIO

Está ganhando corpo no Baixo Amazonas a idéia de se criar o Ministério da Amazônia. Para isso, primeiro se extinguiria o Ministério do Meio Ambiente e, em seu lugar, se implantaria o Ministério da Amazônia e Meio Ambiente, com sede em Belém. – Quem sabe – especulam os idealizadores – se o Ministro, saindo do Rio e Brasília para se fixar em Belém, daria mais eficiência à ação dos seus órgãos na região? Ou se o ministro sulista não quisesse vir morar

no “Portal da Amazônia” que o presidente da República escolhesse um amazônida que se sentiria em casa trabalhando em Belém. Para os idealizadores do novo ministério, o atual ministro do Meio Ambiente tem pouca afinidade com a realidade amazônica. É, parece boa a idéia. Pretender cuidar da Amazônia morando no Rio ou em São Paulo até agora não deu resultado. Afinal, a sabedoria popular já adverte que longe da vista, longe do coração.

O tema versa sobre a nomeação do novo ministro do meio ambiente (Carlos Minc) que veio substituir a senadora do Acre (Marina Silva). O contexto social e político nos esclarece que a escolha do novo ocupante do cargo gerou muita discussão e comentários, principalmente entre os membros da base de oposição ao governo. Na visão do articulista, a escolha do nome do atual ministro demonstra a falta de sensibilidade do governo para com os recentes acontecimentos na Amazônia: os desmatamentos, os crimes ambientais, as explorações madeireiras, o trabalho escravo, enfim, problemas muito sérios e que os ministros anteriores fingiram não conhecer. Deste modo, o articulista argumenta: *“quem sabe - especulam os idealizadores - se o ministro saindo do Rio e Brasília para se fixar em Belém daria mais eficiência à ação de seus órgãos na região? Ou se o ministro sulista não quisesse vir morar no ‘Portal da Amazônia’ que o presidente da República escolhesse um amazônida que se sentiria em casa trabalhando em Belém”*.

Xatara e Succi (2008: 39) afirmam que o provérbio é uma citação de autoridade. Para as autoras, quando alguém cita um provérbio revela-se em situação de igualdade ou superioridade para com o seu interlocutor, porque tem em seu poder a sabedoria universal. Assim percebemos que a citação do provérbio, *longe dos olhos, longe do coração*, é um modo de expressar com autoridade o que a experiência já determinou no passado, ou seja, ‘cuidar da Amazônia morando no Rio de Janeiro ou em São Paulo até agora não deu resultado’, pois não é isto o que a sabedoria popular afirma no velho e tradicional provérbio *Longe dos olhos, longe do coração*? Mais uma vez o insistente caráter moralizador e didático do provérbio se coloca em apreciação, como ressalta Fiorio (1995:78) nesta citação: *“o provérbio, quando considerado, como conclusão de uma experiência, e portanto, voltado para o passado, mantém a perspectiva do futuro também. É a conclusão que anuncia a nova visão*. Pois, é afinal, retirando da experiência colhida nas sucessivas gerações que se escrevem e formulam as verdades eternas recolhidas nos provérbios e máximas. O autor afirma também que cada sociedade organiza o seu quadro de prescrição e normas a partir de um quadro de referência social e cultural muito particular, pois

Se a prescrição está voltada para o futuro e tende a dirigir os passos da comunidade com ordens, o provérbio o faz por obra de máximas e refrões que lembram experiências bem ou mal sucedidas no passado. Se as normas estão viradas para o futuro, as estórias geradoras de provérbios encerram diretrizes como imitar ou repudiar comportamentos tidos por louváveis ou reprováveis (Fiorio, 1995:78).

Os provérbios delimitam algumas diretrizes no comportamento social, atuando por meio de normas contidas no senso comum, eles transmitem fatos da experiência e interferem na capacidade do agir dos indivíduos, direcionando as formas de comportamento de uma coletividade. Observamos assim que o funcionamento do provérbio como instrumento didático se manifesta no modo como eles são revestidos de ensinamentos e regras de conduta moral que circulam na sociedade.

O caráter de autoridade do provérbio, em análise, é validado por meio da estratégia do autor que se utiliza dele como um típico recurso persuasivo para não assumir a responsabilidade daquilo que é dito. É claro que o posicionamento do autor não é explícito, mas o seu discurso deixa prenunciar uma posição de repúdio à substituição do nome da ministra do Acre, e o provérbio ao sustentar-se na mobilização de um saber retirado do senso comum, serve de argumento incontestável para reforçar essa autoridade. Isto se revela na implicitude do texto respaldado pelo provérbio, pois a mensagem proverbial, *Longe da vista, longe do coração*, encerra duas questões fundamentais: a primeira é que somente os amazônidas podem cuidar bem dos problemas que afligem a Amazônia, e a segunda referenda o conteúdo do ensinamento proverbial, pois a substituição da ministra do Acre não se constitui em uma troca justa, considerando que um ministro sulista por estar muito distante da Amazônia (longe da vista) e desconhecer os seus problemas, (longe do coração) não poderia saber como tratá-los. É interessante notar aí a marca da concisão de que fala Norrick (1985: 36) que caracteriza o provérbio como *conciso* e rico em significado, conforme constatamos neste exemplo. Aspecto que corrobora a leitura deste provérbio como um suposto consenso social é o seu caráter eminentemente conclusivo, pois sua citação, ao final do texto, não deixa espaço para a contra-argumentação. É a última palavra. Depois do provérbio, reina um silêncio absoluto.

Examinaremos o provérbio *Isso são lágrimas de crocodilo*, situado no texto intitulado Lágrimas (Exemplo 22), publicado na edição do Jornal Diário do Pará, em 24/08/2008.

Provérbio original: “ chorou lágrimas de crocodilo”

Provérbio recriado: “Isso são lágrimas de crocodilo”

EXEMPLO 22 – “LÁGRIMAS DE CROCODILO”

LÁGRIMAS

» Não foi assim tão sem graça o reatamento telefônico entre os ex-governadores Almir Gabriel e Simão Jatene, como registrou um jornal de Belém.

- Foi emocionante - relata uma testemunha ocular do episódio, embora tenha que se admitir que essa testemunha só assistiu e ouviu o que estava pessoalmente presenciando. E dava detalhes: A candidata Valéria Pires Franco, tendo ao seu lado o deputado Vic Pires Franco, fazia reunião no comitê eleitoral do presente Jatene. Conversa vai, conversa vem, Vic, de telefone já na mão, se dirige a Jatene e pergunta: - Falas com Almir pelo telefone? Ele fala contigo. E passou o telefone ao Jatene, que de fato começou a falar, falar e falar. A certa altura, Jatene parou de falar e ficou ouvindo. De repente, não mais que de repente - como disse o poeta -, Jatene cai em choro, e bota choro nisso. Debulhou todo o seu estoque de lágrimas, largou o telefone para poder chorar mais à vontade e levou minutos e mais minutos para controlar o choro convulsivo.

A testemunha ocular da comovente cena telefônica não pode saber o que Almir deve ter dito para Jatene. A impressão era de que do outro lado da linha, lá em São Paulo, Almir também só fazia chorar. O senador Mario Couto, que estava também na reunião com Valéria, se vira para os seus acompanhantes e faz a observação: - Isso são lágrimas de crocodilo.

Não deixou claro se as lágrimas de jacaré (que é o nome popular do crocodilo) eram as de Jatene ou as de Almir. Ou dos dois.

Fonte: Jornal *Diário do Pará*, (24/08/2008)

O fragmento acima, retirado da edição de 24/08/2008, relata o episódio da retirada do nome de Simão Jatene da disputa pela candidatura ao governo do estado pelo PSDB. O modo extraordinariamente irônico e jocoso como o fato é relatado empurra o leitor a querer descobrir do que se trata o assunto, quem são os personagens envolvidos, e principalmente, como ficou o desfecho dessa história. Trata-se da escolha do nome que seria lançado pelo partido. Simão Jatene era o governador do Estado (e tinha interesse no segundo mandato), Almir Gabriel representava a figura que mandava no Partido na região, mas o que aconteceu é que o cacique do partido falou mais alto e a candidatura de Simão Jatene foi pelo ralo.

O uso do provérbio, neste caso, serviu para emoldurar o conjunto, pois todos sabem que, na política, as relações entre as pessoas não são pautadas pela emoção, nas relações fraternais, como sugerem os fragmentos do texto sob análise: “...debulhou todo seu estoque

de lágrimas...” e *“choro convulsivo”*, mas sim nos interesses partidários e na troca de favores. Assim, o desfecho da história traz o leitor para a realidade através do discurso de um dos personagens, ele finalmente, conclui: *“O senador Mário Couto que estava também na reunião com Valéria, se vira para seus acompanhantes e faz a observação: - isso são lágrimas de crocodilo”*. A voz coletiva que se faz presente no provérbio assinala a ilegitimidade das lágrimas, já que o bicho em questão é pouco afeito a manifestações dessa natureza. E o tom de ironia e a combinação metafórica dão ao enunciado um significado particular, lembrando que as relações políticas e as relações afetivas não estão em planos diretamente simétricos.

Prossigamos no intento de observar o uso dos provérbios na imprensa atual, analisando outros três textos.

Provérbio original: “Vivendo e aprendendo”

Provérbio recriado: “É morrendo e ainda aprendendo”

EXEMPLO 23 – “VIVENDO E APRENDENDO

ENSAIO

– É morrendo e sempre aprendendo, meu amigo... – Por que você está dizendo isso? – Olha, acabo de ler na mídia que os bancários paralisaram por 24 horas suas atividades em todo o Brasil. – Com certeza porque estão reivindicando aumento nos seus salários, o que é justo, tanto mais quando os bancos no Brasil estão publicando balanços com lucros espetaculares.	– Mas o de segunda ou terça-feira não foi ainda por causa de aumento salarial. Sabe por que aconteceu? Simplesmente porque o comando da futura greve resolveu fazer um “ensaio geral” antes da decretação da greve... Eu sabia de ensaio geral para as escolas de samba, para os desfiles cívicos, mas ensaio geral para greve nunca tinha visto ou ouvido falar... É por isto que eu repito: É morrendo e ainda aprendendo...
---	--

Fonte: Jornal Diário do Pará (05/10/2008)

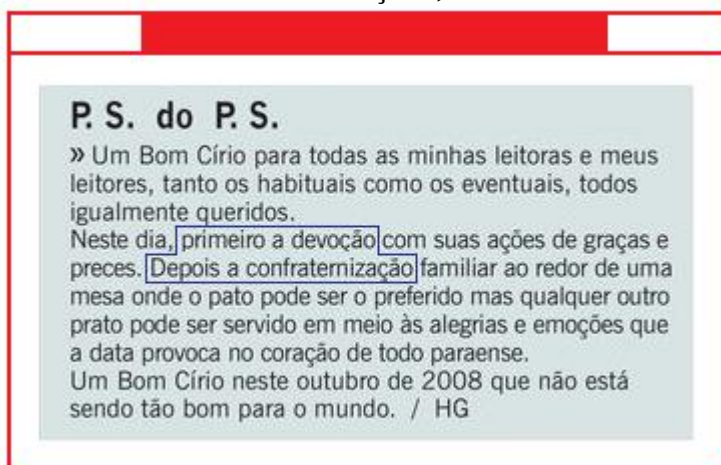
O texto acima (Jornal Diário do Pará, em 05/10/2008) representa um caso de subversão da forma canônica proverbial, já que o texto original apresenta-se sob a inscrição “vivendo e aprendendo”, e o articulista alterou a sua combinação léxica ao substituir o termo ‘vivendo’ por ‘morrendo’. Ocorre, porém, uma renovação em seu sentido, já que o contexto do uso do provérbio aponta para o perfil do locutor que provavelmente carrega consigo uma

larga experiência. O trecho a seguir pode servir como exemplo: “...*Eu sabia de ensaio geral para as escolas de samba, para os desfiles cívicos, mas ensaio geral para greve nunca tinha visto ou ouvido falar...É por isto que eu repito: **é morrendo e ainda aprendendo...***” Aspecto relevante é o jogo feito com o provérbio que aparece no início do texto e depois também como desfecho, como se o articulista quisesse reforçar os argumentos usados ao longo do texto para convencer o seu leitor de que as coisas estão sempre mudando e que a evolução faz parte da própria natureza humana, logo, a expressão é modificada em razão de seu contexto.

Provérbio original: “primeiro a devoção, depois a obrigação”

Provérbio recriado: “primeiro a devoção... depois a confraternização”

Exemplo 24 – PRIMEIRO A DEVOÇÃO, DEPOIS A OBRIGAÇÃO



Fonte: Jornal Diário do Pará de 12/10/2008.

Neste exemplo, (Jornal Diário do Pará, 12/10/2008) o articulista inicia o seu texto expressando seus sinceros votos de um feliz Círio¹⁵ aos seus leitores (como todo bom paraense), e neste clima de espírito cristão, ele escreve “*Neste dia, primeiro a devoção com suas ações de graças e preces. Depois a confraternização familiar ao redor de uma mesa onde o pato pode ser o preferido, mas qualquer outro prato pode ser servido em meio às alegrias e emoções que a data provoca no coração de todo paraense*”. Embora o provérbio tenha sido recriado pelo autor, a combinação entre os termos ‘**primeiro a devoção... depois a**

¹⁵ Círio é o termo popular usado para denominar a procissão em homenagem à Nossa Senhora de Nazaré, padroeira dos paraenses; a comemoração é realizada no mês de outubro.

confraternização’ remete imediatamente para a forma conhecida “*primeiro a obrigação, depois a devoção*”. Nesse caso, parece que o seu emprego vem para lembrar que no Círio de Nossa Senhora de Nazaré, o primeiro momento da festa católica é destinado às rezas, às procissões, à fé e, no segundo momento, à confraternização e ao almoço regado a exageros na culinária regional sugerindo que também existe o lado profano da festa.

Por último, apresento a análise do provérbio *A pressa é amiga do espertalhão*, que não faz parte do corpus da pesquisa com o jornal impresso, mas irei analisá-lo aqui pelo aspecto da criatividade na reconstrução proverbial. O referido provérbio foi citado por William Waack, na apresentação do telejornal da emissora Rede Globo, no dia (16/06/11), e serve bem para ilustrar o fenômeno da desproverbialização.

Exemplo 25 – A PRESSA É INIMIGA DA PERFEIÇÃO:

Provérbio original: *A pressa é inimiga da perfeição*

Provérbio recriado: “*A pressa é amiga do espertalhão*”

Para situar o contexto em que o provérbio foi citado, alguns esclarecimentos são necessários. 1. O provérbio “*A pressa é amiga do espertalhão*” foi usado como uma espécie de síntese do comentário do apresentador William Waack, no telejornal da emissora Globo, referindo-se ao episódio da construção dos estádios da copa do mundo de 2014. 2. O provérbio estabelece, por meio do jogo de palavras, o tema da notícia, ou seja, o atraso na construção dos estádios para a copa.

Utilizando-se do fenômeno denominado por Maingueneau de *détournement* (2008), o apresentador do jornal subverte a forma originalmente expressa pelo provérbio “a pressa é inimiga da perfeição” e “brinca” com o sentido recriado por ele em seu novo discurso: “a pressa é amiga do espertalhão”. Observamos que o sentido indiretamente declarado na reescrita proverbial se refere ao fato de que o governo deixou para realizar a obra com bastante atraso de forma proposital. Este acontecimento acaba sendo interpretado como o elemento facilitador da *corrupção* quando se alega falta de tempo para a realização das necessárias licitações da obra. O jogo realizado na troca dos referentes textuais no provérbio recriado através do *détournement*: *A pressa é amiga do espertalhão* se manifesta por que o *espertalhão* é o referente que substitui a *perfeição*. Isto é carregado ideologicamente nos

valores que ela representa. A mensagem que o provérbio carrega é direta e menciona a falta de responsabilidade das autoridades do governo e o consequente descaso com o compromisso firmado antes com a organização do evento, já que todos sabiam da necessidade de construção de novos estádios de futebol para a realização da copa do mundo.

A troca do elemento constituinte do provérbio (inimiga) ao invés de (amiga) como na versão canônica “a pressa é inimiga da perfeição” caracteriza o efeito de construção do *antiprovérbio*. Esse fato sinaliza a postura do apresentador do jornal que sintetiza o conteúdo da notícia utilizando-se da reenunciação do dito proverbial “*a pressa é inimiga da perfeição*”, o qual lembra que o sentido ancorado no provérbio não é exatamente o mesmo proposto pelo enunciador, mas serve como mote para explicar uma situação que já se tornou prototípica entre os brasileiros.

Portanto a citação do provérbio reformula o que diz a voz do *hiperenunciador* utilizando-se da fórmula recriada pelo *détournement* (desvio) operado pelo novo provérbio. O sentido proposto pelo jornalista em seu discurso proverbial “*a pressa é amiga do espertalhão*” evidencia que a corrupção já virou regra na construção de obras públicas no Brasil. Os deputados aprovam as emendas no congresso, as obras sem licitação tornam-se produto das barganhas políticas e o empresário (o elemento designado no provérbio como espertalhão) tem a vida facilitada pelo tempo reduzido para o negócio. Então, o interdiscurso que se faz presente na citação proverbial é: “*toda vez que há pressa na construção dessas obras, as regras da licitação ficam mais frouxas*” denotando ironicamente que o comentário do apresentador do jornal acentua a já reconhecida desonestidade e falta de caráter dos políticos e empresários brasileiros.

Assim o discurso que se realiza na voz do apresentador do telejornal ganha força na crença compartilhada de que os políticos conduzem as regras de licitação, e a “pressa” na viabilização do negócio (neste caso a aprovação da licitação) torna-se a principal aliada da corrupção, daí o sentido da fórmula proverbial recriada pelo jornalista, “a pressa é amiga do espertalhão” que se encaixa perfeitamente nesta situação discursiva. Então, o apelo ao provérbio foi um modo de dizer de forma irreverente e inusitada o que está praticamente institucionalizado entre nós, ou seja, o desvio de dinheiro público é o interdiscurso que caracteriza a identidade dos políticos e empresários no Brasil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para estabelecer uma representação dos usos e funções dos provérbios na imprensa jornalística, identificamos as marcas textuais do gênero proverbial, as relações sociais mantidas entre escritores e leitores, considerando evidentemente que cada um apresenta uma postura ideológica, política e social, e que isto afeta decididamente na escolha do provérbio usado no texto do jornal. Desse modo, identificamos também diferentes contextos de uso dos provérbios, situando-os em relação à época em que foram usados e ao sujeito social que fazia uso deles e sua finalidade. Constatamos por meio da amostra de provérbios coletados em textos do jornal *Diário do Pará* que o uso de provérbios nos jornais impressos da atualidade é ainda uma prática bastante comum, ao contrário do que se costumava acreditar.

Ao analisarmos a inserção da retórica proverbial nos jornais do período de nascimento da imprensa, verificamos que o fazer jornalístico carecia de regras na execução desta atividade. Por isso a escrita que caracteriza o jornal deste período é espontânea, cheia de expressões populares, provérbios, rifões e palavras de efeito moral. Nesta fase inicial da imprensa jornalística, o que importa não é a notícia, mas o comentário feito pelo jornalista sobre o fato ou acontecimento.

Assim observamos que a preferência dos autores pela inserção de provérbios e máximas dá o tom aos textos dos jornalistas que não estavam muito preocupados com a erudição do texto, mas com o efeito da narração dos acontecimentos da sociedade. Tal observação é corroborada nas palavras de Lustosa (2000: 434) que afirma: “*a campanha da Independência foi o campo de provas da imprensa brasileira, e muitas das características adquiridas por ela naquele período se cristalizariam como estilos.(...) Seu compromisso com o acontecimento, com o aqui e agora, exigia mais agilidade e menos cuidados estilísticos por parte de seus escritores*”. A autora menciona inúmeros periódicos fluminenses que se utilizavam da estratégia do uso de provérbios nos títulos das matérias para estimular os debates políticos entre os jornalistas que rivalizavam-se entre si na disputa pela opinião pública. Dentre os quais se destacam: A malagueta, O Revérbero, O Espelho e Correio do Rio de Janeiro que costumavam ilustrar os títulos das matérias com perspicazes rifões e

provérbios do tipo: *Quando vires as barbas do teu vizinho arder, bota as tuas de molho* – (Malagueta, 01/05/1822)⁹; *O teu inimigo é o oficial do teu ofício* (O Espelho, 04/03/1822) *para palavras loucas, orelhas moucas*- (O Revérbero, 29/01/1822); *Quem não tem padrinho morre mouro* (Correio do Rio de Janeiro, 12/07/1823).

De fato percebemos que a relação do jornalista com o seu público permite um grau de liberdade de expressão inimaginável para nossa época atual. Mas as condições sociais e históricas do contexto de circulação desses periódicos criam o ambiente favorável para o surgimento do provérbio como ornamento de estilo nos textos de nossa embrionária imprensa paraense como foi constatado pelo material consultado no jornal *O Paraense e Diário do Grão-Pará*. Adotando-se certa cautela, podemos considerar que a escrita jornalística desta fase preliminar se caracteriza pelo gosto popular e nele se fortalece, daí porque afirmamos que o jornalista fez da retórica proverbial uma arma para ridicularizar, criticar e também moldar os costumes da sociedade.

Em relação a esse modo de comunicar que se tornou regra nos primeiros jornais do século XIX, verificamos ainda que a *escrita do provérbio* apresenta-se em destaque, o hábito de destacar o provérbio no texto com marcas em *itálico* e *negrito* é uma constante nos jornais *O Paraense* e outros desta fase preliminar. Ao analisarmos as condições da leitura e dos leitores desta época, é fácil entender porque o jornalista sentia a necessidade de destacar o provérbio em seu texto. O jornal *O Paraense*, por exemplo, é formado de um bloco de texto ininterrupto e as notícias não estão separadas por títulos, por isso a leitura era guiada pelas marcas impressas feitas com o intuito de tornar o texto mais inteligível.

Constatamos que estas marcas indicam que o jornalista/articulista imagina compartilhar com o seu leitor o saber coletivo designado pelo provérbio. Sendo assim, a intenção parece ser a de colocar o leitor em situação de concordância com o que está sendo dito. Por isso algumas vezes o artigo do jornal inicia com um provérbio que encerra a mensagem central do texto, em outras serve como argumento de conclusão ou simplesmente arremata um pensamento do jornalista. Deste modo o provérbio funciona como o ponto alto do texto. Posteriormente essa característica da marcação em *itálico* gradativamente desaparece, e o provérbio segue no texto sem marcas impressas em destaque, conforme constatamos nos dados coletados nos Jornais *A Província*, *Folha do Norte* e *Diário do Pará*.

Verificamos, ainda, em relação aos gêneros do jornal, que o provérbio se faz presente nos textos de notícias, notas, cartas e colunas. Estas se dividem em dois subtipos: a coluna de variedades e a coluna de opinião, sendo a última a que apresenta o provérbio com maior frequência. É preciso considerar, contudo, que o jornal do século XIX não apresenta a mesma diversidade de gêneros que figuram nos impressos da atualidade. Desse modo constatamos em nosso *corpus*, a predominância dos provérbios nos gêneros coluna de opinião e nas cartas, por ser o espaço do jornal onde os articulistas mais exercitam a argumentação e é, também, o lugar onde a crítica à sociedade é feita de forma mais direta.

Para cumprirmos com um dos objetivos desta pesquisa, que é identificar a fonte dos provérbios, observamos a presença das máximas e o destaque que elas receberam no texto das notas dos primeiros periódicos da imprensa paraense, confirmando as observações de Obelkevich (1997: 64-65), que afirma que na Europa do século XVIII, as máximas e os aforismos substituíram gradativamente os provérbios. Deste modo verificamos que os jornais paraenses analisados seguiram a mesma tendência, assim, as máximas dividiam o seu espaço privilegiado com os aforismos literários que viraram moda no início do século XIX.

A respeito das diferentes fontes dos provérbios, chegamos a identificar que várias são as fontes possíveis da cultura proverbial, no entanto em nossa pesquisa predominaram as fontes bíblica, folclórica e literária (ver anexo I e II). Como consequência de uma forte mentalidade cristã que impregnava a sociedade brasileira do século XIX, verificamos que a fonte da maioria dos provérbios coletados nos jornais da primeira fase da pesquisa são resquícios dos preceitos e regras morais instituídos na Bíblia, o que pode ser confirmado na expressiva presença de provérbios bíblicos nos textos coletados do Jornal O Paraense, por exemplo (ver anexo-I).

Observando os usos dos provérbios na atualidade, constatamos que a moda é dizer o contrário do que manda a tradição proverbial antiga. Tal afirmação se confirma nos dados coletados nos jornais contemporâneos, que existe neles uma tendência para a *desproverbialização*, ou como alguns autores preferem denominar a *cultura antiproverbial*.

A desproverbialização, segundo Fiorio (1995 : 53-56), é a forma de brincar com o provérbio, secularmente respeitado e venerado como depositário de uma verdade. Assim concordamos com o autor que aponta as seguintes razões que justificam a desproverbialização por parte dos nossos escritores modernos: provocar o riso descontraído do leitor ou ouvinte;

satirizar os costumes e hábitos de determinada classe da população; questionar as verdades tidas como infalíveis e imutáveis. Sobre este aspecto especificamente, verificamos que a tendência de desenquadrar o provérbio de seu enquadre original, modificando-o, se fez sentir de forma mais intensa nos provérbios encontrados nos jornais situados neste corpus entre os anos de 2008 a 2011, o que sugere uma mudança em relação ao uso que se faz do provérbio na sociedade atual.

Neste estudo percebemos que o discurso da imprensa atual ainda se reveste da tradição proverbial, logo ela que sempre buscou trabalhar com a inovação, com a novidade. Maingueneau (2010) usa o termo *détournement* para expressar a mudança de curso da palavra em proveito de quem dela se apropria. Este fenômeno ocorre quando se desvia uma expressão de seu curso regular para dela se fazer outro uso, como comprovam os exemplos 17, 18 e 25 analisados no capítulo 4.

Como qualquer pesquisa científica, muitas questões importantes ficaram de fora da nossa investigação. Assim sendo apontamos alguns caminhos que podem trazer importantes descobertas. O primeiro seria a realização de um estudo das potencialidades didáticas dos provérbios no ensino fundamental, já que o primeiro degrau da educação das crianças acontece no ambiente familiar, onde a convivência com provérbios é assegurada pelo contato com indivíduos como os pais e outros parentes mais velhos, reforçando as recentes tendências que abordam a valorização dos aspectos da oralidade no ensino. Outro caminho que pode constituir-se em um estudo bem produtivo é investigar as questões relacionadas à identidade cultural, uma vez que os provérbios têm a propriedade de ser o elemento que absorve as reminiscências culturais de cada povo.

Por fim, constatamos que é bastante amplo o universo em que se esconde o saber proverbial, no entanto, mesmo considerando a limitação do *corpus* desta pesquisa, uma vez que se restringe aos usos dos provérbios na imprensa escrita, é lícito considerar a importância desse estudo para a preservação e revitalização de nossa cultura, a confirmação de que o provérbio serve como elemento de identificação cultural, uma vez que cada comunidade possui um repertório próprio e singular, e principalmente, a negação de que a circulação dos provérbios é um fenômeno associado exclusivamente às camadas populares.

Sobre o papel ou função do gênero proverbial, reforçamos o que já foi dito antes no corpo do trabalho, que a situação retórica determina a escolha do provérbio, mas essa escolha

está relacionada ao contexto social, e é essa situação social que vai dar significado ao provérbio. Isso aparece nos dados analisados quando o provérbio foi usado assumindo as funções de advertir, criticar, denunciar, assim como também estabelecer julgamentos éticos e morais sobre fatos importantes na sociedade. Podendo ainda ser utilizado como arma retórica no jogo político do argumentar em favor de um grupo ou distanciar-se dos seus adversários.

Encerramos o nosso estudo com a certeza que o gênero proverbial foi corrigido, esquecido, modificado, parodiado, etc. Porém resistiu a prosa filosófica moderna, acadêmica e midiática. O gênero proverbial vive ainda na fala e na escrita contemporânea como se “a voz do povo fosse a voz imortal de Deus”.

REFERÊNCIAS:

ALTER, Robert & FRANK, Kermode. (1997). **Guia literário da bíblia**. São Paulo, Unesp.

ARANTES, Marilza Borges. (2008). **Apólogos, fábulas e parábolas: confluências e divergências**. In: TRAVAGLIA, Luiz carlos; FINOTTI, Luisa Helena Borges; MESQUITA, Elisete Maria Carvalho de; ROJO, Roxane et al.(orgs.). *Gêneros de texto: caracterização e ensino*. Edufu, Uberlândia.

BAKHTIN, M. (2003). **Estética da criação verbal**. S. Paulo: Martins Fontes.

BARBOSA, Marialva. (2010). **História cultural da imprensa. Brasil 1800-1900**. Rio de Janeiro, Mauad X.

BAZERMAN, Charles. (2006) **Gêneros textuais, tipificação e interação**. (orgs.) Ângela Paiva Dionísio e Judith Chambliss Hoffnagel Trad. Judith Chambliss Hoffnagel, Sao Paulo, Cortez.

BAZERMAN, Charles. (2006a). Cartas e a base social de gêneros diferenciados. In: DIONÍSIO, A. P.; HOFFNAGEL, J. C. (orgs.) **Gêneros textuais, tipificação e interação**. (orgs.) (tradução Judith Chambliss Hoffnagel), Sao Paulo, Cortez.

_____. (2007) **Escrita, gênero e interação social**. Trad. Judith Chambliss Hoffnagel. Sao Paulo, Cortez.

Biblioteca Pública do Pará. (1985). **Jornais Paraoaras: Catálogo**. SECDT, Belém.

BORGES, Ricardo. **Vultos notáveis do Pará**. Belém, Cejup, 1986

BURKE, Peter. (1997). **Os usos da alfabetização no início da Itália moderna** In: Burke, P. e Porter, R. (orgs.). *História social da linguagem*. São Paulo: UNESP, p.15-41.

BURKE, Peter (2010). **Cultura Popular na Idade Moderna**. São Paulo, Companhia das Letras.

BRIGGS, Asa & BURKE, Peter. (2006). **Uma história social da mídia: De Guttenberg à internet**. Rio de Janeiro. Jorge Zahar.

BRUNELLI, Anna Flora (2006). **Aconselhamentos de auto-ajuda: um caso de captação do gênero proverbial** In: Revista Alfa, São Paulo, 50 (1): 113-128

CASANOVAS, Carlos Francisco de Freitas. (1973). **Provérbios e frases proverbiais do século XVI**. Brasília, Instituto Nacional do Livro.

CÉSAR, M. Cecília de Salles Freire. (2007) **As representações do imaginário popular nos romances de Carlos de Oliveira**. São Paulo: Universidade de São Paulo (Tese de Doutorado).

CHARAUDEAU, Patrick & Dominique, MAINGUENEAU. (2008). **Dicionário de Análise do Discurso**. São Paulo, Contexto.

CHARAUDEAU, Patrick. (2008a). **Linguagem e Discurso**. São Paulo, Contexto.

CHARAUDEAU, Patrick. (2009). **Discurso das mídias**. São Paulo, Contexto.

CHARTIER, Roger. (2004). **Leituras e leitores na França do antigo regime**. São Paulo, Unesp.

COELHO, Geraldo Mártires. (1993). **Anarquistas, demagogos e dissidentes: a imprensa liberal no Pará de 1822**. CEJUP

DAVIS, Natalie Zemon. (1990). **Culturas do povo: Sociedade e cultura no início da França moderna**. Rio de Janeiro, Paz e Terra.

DEVITT, Amy. (2006). **A Theory of Genre**. In: Writing Genre. Southern Illinois University Press. Carbondale, p. 1-32.

FIORIO, Mario Nilton. (1995). **Quem conta um conto...: A metáfora rural de provérbios em língua portuguesa**. Goiânia, UCG.

FIORIN, José Luiz. (2006). **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo. Ática.

GATTI, Antônio Márcio. (2008). **“Gato escaldado morre – Provérbios alterados, ethos e humor”**. In: MOTTA, Ana Raquel & SALGADO, Luciana. (orgs.) *Ethos Discursivo*. São Paulo, Contexto, p. 254-264

GOMES, V. S. (2007). **Traços de mudanças e de permanência em editoriais de jornais pernambucanos: da forma ao sentido**. Tese (doutorado) – Universidade Federal de Pernambuco. CAC. Letras.

HELLMAN, Hall. (1999). **Grandes debates da ciência: Dez das maiores contendas de todos os tempos**. São Paulo, Unesp.

HIGOUNET, Charles. (2003). **História concisa da escrita**. São Paulo, Parábola.

JOLLES, André. (1976). **Formas Simples**. Cultrix. São Paulo.

Jornal O paraense. Acervo digital da Biblioteca Nacional. Disponível em: http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_periodicos/paraense/paraense.htm (acesso em: 10 out. 2010).

KRIEG-PLANQUE, Alice. (2010). **A noção de fórmula em Análise do discurso: quadro teórico e metodológico**. (Tradução: Luciana Salazar Salgado e Sírío Possenti). São Paulo, Parábola.

KOCH, I.G.V. (2004) **Argumentação e linguagem**. São Paulo, Cortez.

KOCH, Ingedore G. Villaça. (2004). **Introdução à Linguística Textual**. São Paulo: Martins Fontes.

KIDNER, Derek. (2008) **Provérbios: Introdução e comentário**. Série Cultura Bíblica, Vida Nova.

LYSARDO-DIAS, Dylia. (2008). **Análise discursiva da parodização dos provérbios na mídia impressa**. In: LARA, G. M. P. ; MACHADO, I. L. ; EMEDIATO, Wander (orgs.). *Análises do discurso hoje*. Rio de Janeiro, Lucerna, p. 156-176

LONGMAN III, Tremper. (2002). **How to read proverbs**. IVP Academic, Downers Grove, Illinois.

LUSTOSA, Isabel. (2004). **O nascimento da imprensa brasileira**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

LUSTOSA, Isabel. (2000). **Insultos impressos: a guerra dos jornalistas na Independência (1821-1823)**. São Paulo, Companhia das Letras.

MARTINS, Ana Luiza & LUCA, Tânia Regina. (2008). **História da imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto.

MAINGUENEAU, D. (2002). **Análise de textos de comunicação**. 2. ed. São Paulo: Cortez.

MAINGUENEAU, D. (2008). **Cenas da enunciação**. Possenti, Sírío & Souza-e-Silva, Maria Cecília Pérez. (orgs). São Paulo, Parábola Editorial.

MAINGUENEAU, D. (2010). **Doze conceitos em Análise do Discurso**. Possenti, Sírío & Souza-e-Silva, Maria Cecília Pérez. (orgs). São Paulo, Parábola Editorial.

MAINGUENEAU, D. (2011). **A aforização proverbial e o feminino**. in: MOTTA, Ana Raquel & SALGADO, Luciana. (orgs) (2011). *Fórmulas discursivas*. São Paulo, Contexto.

MARCUSCHI, L.A, (2008) **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola.

MARTINS, Ana Luiza & LUCA, Tânia Regina. (2008). **História da imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto.

MELO, Leonor Jesus Marcos de. (2002). **Os textos tradicionais na aula de Português: Os Provérbios**. Almedina, Coimbra.

MELLO, Nélon Cunha. (2009). **Conversando é que a gente se entende: dicionário de expressões coloquiais brasileiras**. São Paulo, Leya.

MIEDER, Wolfgang. (2004). **Proverbs: a handbook**. Greenwood Press: Westport, Connecticut, London.

MIEDER, Wolfgang & SOBIESKI, Janet (1999). **Proverb Iconography**. Peter Lang: New York.

MILLER, Carolyn. (2009). **Estudos sobre gênero textual, agência e tecnologia**. (orgs.) Angela Paiva Dionísio & Judith Chambliss Hoffnagel. Editora da UFPE.

MOTTA, Ana Raquel & SALGADO, Luciana. (orgs) (2011). **Fórmulas discursivas**. São Paulo, Contexto.

NORRICK, Neal R. (1985). **How Proverbs mean: semantic studies in English Proverbs**. Berlin; New York. Amsterdam: Mouton,

OBELKEVICH, James. (1997). **Provérbios e história social**. In: Burke, P. e Porter, R. (orgs.). *História social da linguagem*. São Paulo: UNESP, p.43-81.

POSSENTI, Sírio. (2002). **Sobre provérbios e análise do discurso** In: Os limites do discurso: ensaios sobre discurso e sujeito. Curitiba, Criar, p. 187-193

POSSENTI, Sírío. (2008). **Os humores da língua: análises lingüísticas de piadas**. Campinas, SP: Mercado de Letras.

RAMOS, Arthur. (1951). **Estudos de Folk-lore**. Casa do Estudante do Brasil. Rio de Janeiro.

RAYOL, Antônio Domingos. (1970). **Motins Políticos ou História dos principais acontecimentos políticos da Província do Pará desde o ano de 1821 até 1835**. Universidade Federal do Pará.

RIBEIRO, Patrícia Ferreira Neves. (2007). **O ethos no colonismo político: entre razão e emoção**. Rio de Janeiro. 193 fl. Tese de Doutorado em Língua Portuguesa – UFRJ, Faculdade de Letras.

ROCHA, Regina (1995). **A Enunciação dos Provérbios: Descrições em Francês e Português**. São Paulo, Ana Blumme:

ROCQUE, Carlos. (s/d). **História de A Província do Pará**. Mithograph.

ROCQUE, Carlos. (1968). **Grande Enciclopédia da Amazônia**. Amel-Amazônia,.

ROCQUE, Carlos. (1996). **Antônio Lemos e sua época: história política do Pará**. Belém, Cejup,.

RODRIGUES, M. Roberto. (1982) **A Amazônia paraense**. Belém, Karton,.

SARGES, Maria de Nazaré. (2002). **Memórias do velho intendente**. Belém, Paka-tatu,

SALES, Germana Maria Araújo. (2007). **Folhetins: uma prática de leitura no século XIX**. Disponível em <http://www.entrelaces.ufc.br/germana.pdf>, Revista Entrelaces, Agosto/2007, pag. 44-56 (acesso em: 12 jan. 2012).

URBANO, Hudinilson. (2002). **Uso e abuso de provérbios**. In: PRETTI, D. (org.). *Interação na fala e na escrita*. São Paulo, Humanitas. Projetos paralelos, NURC/SP, v. 5, p. 253-321.

URBANO, Hudinilson. (2009). **Da fala para a escrita: o caso de provérbios e expressões populares**. In: Revista Investigações. Programa de Pós-graduação em Letras e Lingüística/UFPE. V. 21, n. 2, Jul/2008: Recife: Ed. Universitária da UFPE, p. 31-55

Van Dijk, Teun A. (2008). **Discurso e poder**. Hoffnagel, Judith & Falcone, Karina (orgs.). São Paulo, Contexto.

XATARA, C. M. & SUCCI, M. T. (2008). **Revisitando o conceito de provérbio**. In: Revista Veredas online – atemática PPG- Lingüística/UFJF, p. 33-58

- DICIONÁRIOS E ANTOLOGIAS DE PROVÉRBIOS

CASCUDO, Luís da Câmara. (2004). **Locuções tradicionais no Brasil**. São Paulo, Global.

LACERDA, R.; LACERDA, H. R. C. & ABREU, E. S. (2004) **Dicionário de Provérbios: Francês, Português, Inglês**. São Paulo, Unesp.

MELO, Tiago de. (1992). **O povo sabe o que diz: pequena antologia da sabedoria popular brasileira**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.

MIORANZA, Ciro. (2010). **Dicionário de máximas e expressões em latim**. São Paulo, Escala.

PINTO, Cica Alves. (2003) **Livro dos Provérbios, ditados, ditos populares e anexins**. São Paulo, Senac.

SOUZA, Josué Rodrigues de. (1999) **Provérbios & máximas: coletânea de provérbios, máximas, sentenças e aforismos em 7 idiomas**. Rio de Janeiro, Lucerna.

SOUTO MAIOR, Mário. (1994). **A mulher e o homem na sabedoria popular**. Recife, Comunicação e Editora.

STEINBERG, Martha *et all.* (2005). **Mulher, morte, dinheiro na sabedoria popular**. São Paulo: Disal.

TOSI, Renzo. (2000). **Dicionário de Sentenças Latinas e Gregas**. Martins Fontes.

VALENTE, J. F. (1964). **Seleção de provérbios e advinhas em Umbundu**. Junta de Investigações do Ultramar, Lisboa.

- BÍBLIAS:

A Bíblia da mulher: Leitura, devocional, estudo. (2003). Barueri, São Paulo: Sociedade bíblica do Brasil; Mundo Cristão.

Bíblia Sagrada. **Nova tradução na linguagem de hoje**. (2005). São Paulo: Paulinas.

CHAVE BÍBLICA. Sociedade Bíblica do Brasil (2007).

ANEXO I

ANEXO I

ANO/JORNAL	LOCAL / Gênero / Título	TRECHO	PROVÉRPIO	FONTE	OBSERVAÇÕES (posição do provérbio em relação ao texto e ao Gênero).
1822/ JORNAL O PARAENSE - Nº 02	Pagina: 01 e 02 Gênero: Editorial	(...) “Salve oh! Dia onze de março dia memorando, que, enchendo as paginas de Historia Paraense, assignalas a epoca da felicidade, <i>que a Providencia nos prepara no porvir!</i> ₁ Neste dia glorioso, reunidos os Eleitores de Paroquia nos Paços do Concelho, se procedeo a nomeação dos Membros da Junta do Governo. (...) Ainda vos recordamos o axioma social tantas vezes inculcado: <i>a idade não faz o merito, o cargo não da virtudes nem os vestidos podem jamais influir na honra e probidade do individuo</i> ₂ - As boas qualidades, que caracterizão cada hum dos ilustres membros do nosso governo, depõem á favor da sua pericia, á proporção das suas faculdades: todos inteligentes, todos probos, todos honrados por natureza e aquisição se tem feito credores da estima, que o Publico lhes deve consagrar, na esperança de que hão de fazer todos os esforços para dignamente desempenharem as altas funçõens do seu espinhoso encargo”. (...)	<i>1.a Providencia nos prepara no porvir!</i> ₁ Obs ₁ : “O futuro a Deus pertence”- provérbio <i>2. a idade não faz o merito, o cargo não da virtudes nem os vestidos podem jamais influir na honra e probidade do individuo</i> ₂ Obs ₂ : “O hábito não faz o monge	1. bíblica 2. latina/medieval	a) Meio b) Editorial a) Meio b) Editorial

ANO/JORNAL	LOCAL / Gênero / Título	TRECHO	PROVÉRBIO	FONTE	OBSERVAÇÕES (posição do provérbio em relação ao texto e ao Gênero).
1822/ JORNAL O PARAENSE - - Nº 17	Coluna: Suplemento ao Nº XVII	“ Ora, Senr. Redator, para que o senr Governador das Armas se quer intrometer com cousas, que não são da sua conta? O que he que adquire estimação, ou execração publica? E o praser publico he caso de devaça,.. on he arregação do Povo ao nosso systema Constitucional? Parece que o sur. Governador he muito amigo de arbitrariedades. Eu havia tocar aqui no despotismo que se esta praticando com o capitão Macedo, fica porem reservado para o honrado Publico, que aborrece aos despotas, V. m. snr. Redactor, quando me queira obsequiar, bem pode inserir em um de seus periódicos, este novo caso, apesar da certeza do „ <i>Veritas odium parit</i> „, mas que importa?	<i>Veritas odium parit</i> Citação latina		a) Final b) coluna
1822/ JORNAL O PARAENSE, Nº 18	Coluna: 4 ; página: Gênero:	“Tendo que pagar um conto de reis, não duvida dar ao procurador um dinheiro e presentes quinhentos mil reis, porque utiliza <i>outros quinhentos</i> .	<i>outros quinhentos</i> Locução proverbial documentada em escritos do sec. XIII, na península Ibérica; Aparece também em Cervantes D. Quixote (I, XXII) e Luis de Camões- Filodemo,1555	Folclore/Literária	a) final b) coluna

ANO/JORNAL	LOCAL / Gênero / Título	TRECHO	PROVÉRPIO	FONTE	OBSERVAÇÕES (posição do provérbio em relação ao texto e ao Gênero).
1840/ JORNAL TREZE DE MAIO	Página: 85 e 86 Coluna: Suplemento a Folha 13 de Maio	“N.B. se o actual Presidente do Pará não teve a gloria de ser o precursor do Messias, pelo menos tem a fortuna de possuir huma alma com alguns ressaibos de Joao Batista, pois he inquestionavel que S. Exa o sur Doutor Joao Antonio de Miranda nem he soberbo nem despota nem avarento. E por consequente cabe-lhe bem a fraseologia eclesiastica no epitheto de João, que no idioma hebraico significa <i>religioso ou pio</i> , isto he, homem que, por não ser contaminado de soberba e avareza ou despotismo, primeiros e principaes crimes contra alei da Natureza, cumpre á risca a mesma lei, <i>amando á Deos sobretudo e ao proximo como a si mesmo</i> - Patroni”.	<i>amando á Deos sobretudo e ao proximo como a si mesmo</i>	bíblica	a) final b) coluna
1860/ JORNAL DIARIO DO GRAM-PARÁ - Nº 12	Página: 1 ; coluna 1 Coluna:A semana	“Parecia-nos que ainda hontem tinhamos escrito o nosso primeiro artigo semanal e já hoje somos obrigado a escrever o segundo! E’ que o tempo passa veloz e quasi desapercebido. Quantos não chegão insensivelmente ao fim da existencia julgando-se ainda mui distantes delle, e talvez sem se lembrarem de que ella ha de terminar?!	<i>não podemos dar cavaco a quem quer que, por ventura não ficasse satisfeito</i>		

ANO/JORNAL	LOCAL / Gênero / Título	TRECHO	PROVÉRBIO	FONTE	OBSERVAÇÕES (posição do provérbio em relação ao texto e ao Gênero).
		destinado para nos dirigirmos aos nossos amiudes leitores. Para conservar o incognito, não indagamos o efeito que produziu o nosso primeiro artigo; e não sabendo, por isso, se elle agradou ou descontentou alguém <i>não podemos dar cavaco a quem quer que, por ventura não ficasse satisfeito</i> ". Iremos, pois, nosso caminho, sem importar-nos com algum tropeço, porque esse é o resultado de trilhar caminhos escabrosos".			
1860 /JORNAL DIARIO DO GRAM-PARÁ Nº 60	Página: 2 ; coluna 4 e página 3; coluna 2 Coluna: Comunicado	(...) Se portanto os actos do capitular, que tem o communicante de analysar são mãos sómente pela <i>innoculação do vicio da origem</i> , é prudente que o colega desista do impensado intento, não se confiando muito no anonymo, porque póde ser descoberto, visto como na frase do evangelho <i>nada ha occulto e escondido, que não se venha á saber e revelar</i> . (...) O cabido revelará tudo, porque, conscio de seos deveres, conhece que o communicante não entendeu aquillo que leo no que imitara o Divino Mestre, quando orando por seos inimigos, disse <i>a dimitte illis quia nesciunt quid faciunt</i> ".	<i>nada ha occulto e escondido, que não se venha á saber e revelar.</i> <i>a dimitte illis quia nesciunt quid faciunt</i> ". Obs: Na versão popular: "mais dia, menos dia, a verdade sempre vem à tona";	Bíblica	a) meio b) coluna a) final b) coluna

ANO/JORNAL	LOCAL / Gênero / Título	TRECHO	PROVÉRBIO	FONTE	OBSERVAÇÕES (posição do provérbio em relação ao texto e ao Gênero).
1861/ JORNAL DIARIO DO GRAM-PARÁ Nº 20	Página: 2 ; coluna 2 Notícia: A pedido	“O senhor Francisco Ferreira da Silva Vianna poderá informar-nos que fim levou a sua queixa contra Antonio Domingues Pessegueiro pelas injurias que esse lhe arrogou por escripto? <i>Ficaria em agua de bacalhau ou permanecerá ad perpetuam rei memoriam?</i> ” <i>Ficaria em agua de bacalhau ou permanecerá ad perpetuam rei memoriam?</i> Aguardamos a resposta.”	<i>Ficaria em agua de bacalhau ou permanecerá ad perpetuam rei memoriam?</i> Obs: A locução latina aparece nas epígrafes do período clássico significando “ <i>para a lembrança perpétua do fato</i> ”, mas sua fama está associada ao uso como protocolo inicial nas bulas papais solenes a partir do sec. XII.	Folclore/ clássica	a) final b) notícia
1876/ A PROVÍNCIA DO PARÁ - Nº 03	Página-2; coluna-5 Pagina-3; coluna1 Coluna: Imprensa Nacional	(...) “ <i>Se os homens fazem as leis, as mulheres fazem os costumes</i> ; sobre ellas cabe a maior responsabilidade de tudo que tem de materialista, de interessado e de penoso á uma alma nobre, os costumes do seculo.”	“ <i>Se os homens fazem as leis, as mulheres fazem os costumes</i> ”	jurídica	a) meio b) coluna

ANO/JORNAL	LOCAL / Gênero / Título	TRECHO	PROVÉRBIO	FONTE	OBSERVAÇÕES (posição do provérbio em relação ao texto e ao Gênero).
1876/ A PROVÍNCIA DO PARÁ - Nº 04	Página-3; coluna 1; 2 Coluna: Miscellanea	“ Os homens não desanimão no sentido de aperfeiçoar as machinas destinadas ao exterminio da humanidade; parecem conjurados no sentido de <i>botarem por terra o multiplicamini do Genesis</i> , extinguindo por uma vez a raça de Adam. E assim que um simples curioso de Villa Real (Portugal) acaba de inventar o aperfeiçoamento da espingarda”. (...)	<i>“botarem por terra o multiplicamini do Gênesis”</i> Obs: 1 “Crescei e multiplicai-vos” – [Gênesis 1:28]	bíblica	a) meio b) coluna
1876/ A PROVINCIA DO PARÁ - Nº 05	Página: 2 ; coluna 4; 5 Coluna: Miscellanea	“ No tribunal de Faru e Garone foi julgada e condenada á morte, em dezembro ultimo, Margarida Griemard, sexagenaria, por haver envenenado com phosphoro seu marido, sua filha, um neto e mais o pae de seu genro, e por ter tentado envenenar também á este. Margarida sustentou sempre um cynismo admiravel durante o seu julgamento, de modo que excitou o odio dos expectadores; e, lida a sentença que a condenava á morte, disse ainda com assombro de todos: - <i>Não se morre mais de uma vez. Desta maneira ou de outra tudo vem a dar no mesmo!</i> ”	- <i>Não se morre mais de uma vez. Desta maneira ou de outra tudo vem a dar no mesmo!</i> ”	Bíblica/Eclesiastes	a) final b) coluna

ANO/JORNAL	LOCAL / Gênero / Título	TRECHO	PROVÉRBIO	FONTE	OBSERVAÇÕES (posição do provérbio em relação ao texto e ao Gênero).
1876/ A PROVINCIA DO PARÁ - Nº 06	Página: 2 ; coluna 2; 3 Coluna: A provincia do Pará	Os arrematantes fazem o que já se sabe; <i>a camara quebra um páo nos ouvidos</i> , como costuma dizer-se, e jura e decide segundo a vontade e os caprichos dos arrematantes, os quaes para maior commodidade tem arranjado uma só informação que applicão em todos os casos, como inferimos da que temos á vista.” (...)	<i>quebra um páo nos ouvidos</i>	Folclórica	a) meio b) coluna
1876/ A PROVINCIA DO PARÁ - Nº 62	Página: 3 ; coluna 2 Coluna: Solicitados	(...) “A quem vem toda essa súcia de disparates? Para que se (...?) o dr. Quintino a explicar o que não pode, e não sabe? S. s. sabe o que é boa fé? O latinorio do dr. Quintino também tem sua graça, e foi encaixado muito á proposito. Se a decisão do ministro agradar ao dr. Quintino, será cumprida, mas no caso contrario, <i>ad impossibilia nemo tenetur</i> ”. (...)	<i>ad impossibilia nemo tenetur-</i> <i>“Ninguém é obrigado afazer o impossível”</i>	Jurídica	a) meio b) coluna

ANO/JORNAL	LOCAL / Gênero / Título	TRECHO	PROVÉRBIO	FONTE	OBSERVAÇÕES (posição do provérbio em relação ao texto e ao Gênero).
1876 A PROVINCIA DO PARÁ - Nº 114	Página: 2 ; coluna 1 e 2 Editorial	(...) O facto que se acaba de dar entre nós e as ameaças da Constituição, despertão acaso solidas esperanças de avantajado exito a uma das mais nobres e elevadas aspirações dos povos cultos? “O governo imperial escrevia particularmente para os Estados- Unidos. <i>Era cousa para inglez ver</i> ”.	<i>Era cousa para inglez ver</i> ”.	Folclórica/Hist.	a) Final b) editorial
1876/A PROVINCIA DO PARÁ - Nº 115	Página: 2 ; coluna 1; 2; 3 Editorial	“Na questão dos bispos, em vez de defender como era seu dever, insultou e ultimamente com a publicação extemporanea da encyclica do papa, deixando de ser o órgão de uma classe para ser o de um bispo, demonstra alguma má fé por servir de instrumento <i>a quem com a esquerda- recebe e com a direita esbofeteia.</i> <i>Intelligentibus pune</i> (...) ...nem deixará passar a ocasião de demonstrar ao paiz que <i>tudo pode quem com boa consciencia obra.</i> ”	<i>com a esquerda- recebe e com a direita esbofeteia. Intelligentibus punea</i> Obs: Na idade média registra-se uma sentença proverbial semelhante: “ <i>numa das mãos carrega a pedra e com a outra mostra o pão.</i> ”	Religiosa/ Bíblica	a) meio b) editorial

ANO/JORNAL	LOCAL / Gênero / Título	TRECHO	PROVÉRPIO	FONTE	OBSERVAÇÕES (posição do provérbio em relação ao texto e ao Gênero).
1876 A PROVINCIA DO PARÁ – Nº 124	Página: 2 ; coluna 5 Coluna: Solicitados	“Foi de acachar a resposta do Sr. Campos, <i>de uma cajadada espatifou dois coelhos.</i> (...) Não será esse painel de escândalo digno de figurar num tribunal? <i>Assim o quis assim o tenha.</i> (...) Cegueira proveniente d’obsessão é molestia grave₁, damos-lhe de conselho que procure um pai-zé antes de ler a analogia das duas comissões”.	<i>de uma cajadada espatifou dois coelhos</i> obs: A frase latina “<i>uno in saltu....apros capiam duos</i>” corresponde a: “num só bosque apanharei dois javalis”. Cegueira proveniente d’obsessão é molestia grave₁ Obs₁: ‘o pior cego é aquele que não quer ver’ – dito popular	Clássica/latina	a) início b) coluna

ANEXO II

ANEXO II

ANO/JORNAL	LOCAL/Gênero Título	TRECHO	PROVÉRBIO	FONTE	OBSERVAÇÕES (posição do provérbio em relação ao texto e ao Gênero)
JORNAL FOLHA DO NORTE Nº 4380- ANO XV 1º janeiro de 1910	Página: 01 coluna: 7 Notícia: Quase no buraco...	<u>Caspite: - que estive com o pé na sepultura</u> , depois de andar com os braços dados com (Mille ???). Parece que queria levar-me a passeio pelo seu reino sombrio. (...)	estive com o pé na sepultura	Folclórica	a) Início do texto b) gênero: notícia
JORNAL FOLHA DO NORTE Nº 4387 - ANO XV Data: 08 de janeiro de 1910	Página: 01; coluna 2 Coluna: Gazetilha Título: Tardou, mas sempre veio	(...) A demissão <i>in continenti</i> , a bem do serviço publico, impunha-se como elementar medida de moralidade publica, e apurados, como queremos crer que ficaram, os factos criminosos, a sanção penal impõe-se. Mas esta não virá por circunstancias que não queremos agora esmiuçar. Em todo caso, já não é mais subprefeito do Umarizal o sr. Plinio Bandeira. E' o caso de dar-se parabens ás suas victimas, e, <u>embora tardia, a providencia moralisadora sempre veio.</u>	<i>embora tardia, a providencia moralisadora sempre veio.</i> (escrita atual: “a justiça divina tarda, mas não falha”.	Bíblica	a) final do texto b) gênero: Coluna

ANO/JORNAL	LOCAL / Gênero / Título	TRECHO	PROVÉRPIO	FONTE	OBSERVAÇÕES (posição do provérbio em relação ao texto e ao Gênero).
JORNAL FOLHA DO NORTE Nº 4396 - ANO XV Data: 17 de janeiro de 1910	Página: 01; coluna 6 Notícia: Os dons Juans e a polícia	(...) <i>“Mas a paciência tem limites e o jogo tem revoltas,</i> maxime quando se vae ferir o que ha de mais sagrado - a honra....”	<i>a paciência tem limites e o jogo tem revoltas.</i>		a) final b) Gênero: notícia
JORNAL FOLHA DO NORTE Nº 4457 - ANO XV Data: 17 de janeiro de 1910	Página: 01; coluna 4 Notícia: De palanque...	(...) Até a religião foi posta em jogo de exploração política, como se esta se prestasse a partido militante no Brasil. Em Minas se propalou e se fez crer que o primeiro candidato é maçon de quatro calibre, e a quem os catholicos não deviam dar seus votos e que o sr. Ruy é catholico da gemma, crente e praticante da religião do Crucificado, o qual há de proteger o catholicismo, etc., etc. Ora...ora...figos, ninguem duvida disso, <i>mas quando a esmola é grande o santo ou o pobre desconfia.</i> (Frei Caneca)	<i>quando a esmola é grande o santo ou o pobre desconfia</i>	Folclórica	a) Meio b) Gênero: notícia

ANO/JORNAL	LOCAL / Gênero / Título	TRECHO	PROVÉRPIO	FONTE	OBSERVAÇÕES (posição do provérbio em relação ao texto e ao Gênero).
JORNAL FOLHA DO NORTE Nº 4551 - ANO XV Data: 1º de julho de 1910	Página: 01; coluna 1 Notícia: Cartas de Portugal	(...) Para prestar declarações sobre este novo caso de sensação, estão intimados muitos sargentos a quem Emygdio de Almeida tentara por igual alliciar, sob incumbencia, ao que consta, de Cordeiro Junior. As averiguações prognem a toda a força sendo de esperar que deem no mesmo que todas as outras...ou seja <u>em águas de bacalhau!</u>	<i>Ficar tudo de molho em águas de bacalhau</i>	Folclórica	a) final b) Gênero: carta
JORNAL FOLHA DO NORTE Nº 4556 - ANO XV Data: 06 de julho de 1910	Página: 01; coluna 5 Notícia: Reparos á toa	(...) Justamente ao inverso da maneira por que os marçanos patricios de Confucio recebem seus fregueses: - <u>Como um genro pobre em casa de sogra rabiosa e rica.</u> (...)	<i>Como um genro pobre em casa de sogra rabiosa e rica.</i>	Folclórica	a) Meio b) gênero: notícia

ANO/JORNAL	LOCAL / Gênero / Título	TRECHO	PROVÉRPIO	FONTE	OBSERVAÇÕES (posição do provérbio em relação ao texto e ao Gênero).
JORNAL FOLHA DO NORTE Nº 4553 - ANO XV Data: 03 de julho de 1910	Notícia: Dinheiro falso O passador no xadrez	(...) Acontece que, ante-ontem, indo a um banco pagar um saque. Bernardo Nines quase teve uma syncope ao verificar o caixa que <i>a cédula recebida na colchoaria era falsa como o beijo de Judas.</i> Dirigindo-se a José Couto, o lesado portuguez apresentou-lhe o dinheiro ilegal, exigindo a restituição de seu rico dinheiro em moeda real.	<i>falsa como o beijo de Judas.</i>	Bíblica	a) meio b) gênero: notícia
JORNAL FOLHA DO NORTE Nº 4553 - ANO XVI Data: 10 de janeiro de 1911	Página 1; Título: A última pá de cal Coluna: Gazetilha	Outra edição especial, hontem, publicou A Província em homenagem á Folha. Na <i>Brecha, Insultos á nossa Pátria, Ataque bestial</i> são outros tantos especimens de verrina jornalística contra nós, mungidos a apertoes do sr. Lemos, das tetas intellectuaes de seus Aretinos. (...) Valeu-lhes na emergência o sr. Ivo Josué, com quem o magnata tinha contas a ajustar, e viram que, <i>de uma só cajadada afoita, podiam matar não dois, mas tres coelhos,</i> pois que o bote da serpe alcançaria tambem a laboriosa colonia portuguesa. (...)	<i>De uma só cajadada espatifou dois coelhos</i>	Clássica	a) meio b) coluna política

ANO/JORNAL	LOCAL / Gênero / Título	TRECHO	PROVÉRPIO	FONTE	OBSERVAÇÕES (posição do provérbio em relação ao texto e ao Gênero).
JORNAL FOLHA DO NORTE Nº 4553 - ANO XV Data: 19 de janeiro de 1911	Página 1 Coluna 3 e 4 Título: plano hediondo Coluna: Gazetilha	Alludimos hontem ao aviso depredador contido em uma notícia commemorativa da Província contra a estabilidade do governo do dr. João Coelho, ameaçado de deposição, nas entrelinhas da local, pelo sr. Antônio Lemos. (...) A attitude da Polícia, assumida pelo sr. Pires dos Reis, revela que o governo está no perfeito conhecimento do plano, esperando talvez que um raio de sensatez allumie as trevas dominantes no espírito do sr. Lemos. Enquanto manobra e ajusta secretamente as peças da conjuração, para o fim de afastar do poder o homem que serve de obstaculo ás devastações do seu gênio partidario, volta aquelle a freqüentar-lhe a intimidade, de mascara afivelada, <u>debulha-se em lagrimas de crocodilo a</u> <u>seus pés</u> , desarticula o espinhaço em curvaturas famigeradas, formulando votos de fidelidade e humildade eternas ao sr. Dr. João Coelho. (...)	<i>debulha-se em</i> <i>lagrimas de</i> <i>crocodilo</i>	clássica	a) meio b) gênero: coluna política

ANO/JORNAL	LOCAL / Gênero / Título	TRECHO	PROVÉRBIO	FONTE	OBSERVAÇÕES (posição do provérbio em relação ao texto e ao Gênero).
JORNAL FOLHA DO NORTE Data: 25 de fevereiro de 1911	Página 1 Coluna 7 Coluna: Conversa Fiada	A P. recortou da Folha do Norte a notícia de haver falecido <i>no hospital de caridade</i> o indigente José Gomes da Silva, sem assistência medica, e, tendo sublinhado as palavras que aqui vão em itálico, mostra-se muito admirado de que tal houvesse sucedido num dos primeiros hospitais do Brasil... Pois eu não. Que haja hospitais sem medicos, ou sem enfermeiros, ou sem medicamentos, é da regra: <u>em casa de ferreiro, espeto de pau.</u>	<i>Em casa de ferreiro, espeto de pau.</i>	Folclórica	a) final b) gênero: coluna de variedades
JORNAL FOLHA DO NORTE Data: 07 de julho de 1911	Página 02 Coluna 1 Notícia: <u>Tirem o cavallo da chuva</u>	Recebemos a seguinte carta: “Sr. Redactor- A A <i>Provincia do Pará</i> , no inglório afan de engrossar o seu redactor-chefe, sempre que é preciso mentir, mente deslavadamente. Na sua edição de hontem, na secção- Echos- vem este carapetão: “Ao passar o paquete <i>Rio negro</i> , ante-hontem chegado da Europa, pelo <i>Rugia</i> , em que viajava para Portugal o	Tirar o cavallo da chuva Obs: o provérbio está no título da notícia!!	Folclorica/medieval	a) Título b) gênero: notícia

ANO/JORNAL	LOCAL / Gênero / Título	TRECHO	PROVÉRPIO	FONTE	OBSERVAÇÕES (posição do provérbio em relação ao texto e ao Gênero).
		sr. Senador Antonio Lemos, nosso Redactor-chefe, os passageiros d'aquelle paquete dirigiram a s. exc. cumprimentos de boa-viagem, por meio de signaes luminosos respondendo o sr. Antonio Lemos, que se mostrou penhorado aquella distincção.” O que ahi fica transcripto é uma desbragada mentira. (...)			
JORNAL FOLHA DO NORTE Data: 08 de julho de 1911	Página: Coluna: Conversa Fiada	Com bastante antecedencia, um <i>constante leitor</i> protesta desde já contra os costumes de se mandar da Europa os fogos de artifício para a festa de Nazareth. (...) Diz o correspondente que os fogos do anno passado eram pura fumaça. Que mais quer, amigo? E' a prova mais evidente da existencia delles. <u>Sempre ouvi dizer que não ha fumaça sem fogo.</u> Ergo, deve haver fogos com fumaça. (...)	<i>Onde há fumaça, há fogo.</i>		a) Final b) gênero: coluna de variedades

ANO/JORNAL	LOCAL / Gênero / Título	TRECHO	PROVÉRPIO	FONTE	OBSERVAÇÕES (posição do provérbio em relação ao texto e ao Gênero).
JORNAL FOLHA DO NORTE Data: 10 de julho de 1911	Página 1 Coluna 2 e 3 Coluna: Gazetilha Título: Homens, de facto?	Se se quizer ver uma prova da miseria moral de alguns dos homens que eram instrumentos de cega obediencia nas mãos do sr. Antônio Lemos não será preciso accender uma lanterna e procura-los nos desvãos da cidade. O viveiro palpitante delles é o conselho Municipal de Belém, na maioria de seus membros. (...) Ai de nós do nosso crédito de terra civilisada, da nossa honra publica, do nosso decoro administrativo, da nossa compostura politica, se alguém for dizer lá fora que a regeneração municipal tem por agentes os mesmos factores dos crimes de que a população se queixava. Que essa vergonha seja dita a meia voz, <u>verificando antes se as paredes não têm ouvidos...</u>	<i>Verificando antes se as paredes não tem ouvidos.</i> <i>Prov. original: Mato tem olho, paredes tem ouvidos</i>	Folclorica	a) final b) coluna política
JORNAL FOLHA DO NORTE Data: 30 de janeiro de 1912	Página 1 Coluna 1e 2 Coluna: Gazetilha	(...) Ha ahi candidatos que trazem a macula do peccado politico original e que só violentamente ou mascarados, podem	<i>como legitimas lebres, esses authenticos gatos politicos</i>	Clássica	a) meio b) gênero: coluna política

ANO/JORNAL	LOCAL / Gênero / Título	TRECHO	PROVÉRPIO	FONTE	OBSERVAÇÕES (posição do provérbio em relação ao texto e ao Gênero).
	Título: Votemos	merecer o apoio do eleitorado. Representam um terrível passado que foi de luto e de sangue, e, lendo as listas em que elles figuram, fica-se sem saber o que pretendem os seus apresentantes, impingindo, desfaçadamente, <u>como legítimas lebres, esses authenticos gatos políticos</u>, que miaram sinistramente nos telhados do poder desde quasi a instituição da Republica, sem outro titulo que os recommendasse a eterna reeleição senão o conceito da passividade amorpha e do servilismo organico deante dos chefes em cuja dependencia tem vivido, inutilmente para o paiz. (...)	<i>Semelhança com o provérbio:</i> <i>“A raposa muda de pêlo, mas não de costume”.</i>		

ANO/JORNAL	LOCAL / Gênero / Título	TRECHO	PROVÉRPIO	FONTE	OBSERVAÇÕES (posição do provérbio em relação ao texto e ao Gênero).
FOLHA DO NORTE 03 de fevereiro de 1912	coluna: 2 e 3 Coluna: Gazetilha Título: Duello de Protervias	[Texto ilegível]	<i>O uso prolongado do cachimbo deixa a boca torta.</i>	Folclórica	
FOLHA DO NORTE 05 de fevereiro de 1912	Coluna: 1e 2 Título: Cartas	Bem quisera eu agora encontrar-me ao teu lado, longe do borborinho da cidade, enfurnado nesse delicioso <i>Inferno Verdi</i> , a contemplar, com assombro n'alma, essa triunphante natureza selvagem, onde tudo é um ar de liberdade e luz e onde não existem os meandros da dissimulação e da hipocrisia. (...) Está eleito por absoluta maioria em todo o Estado, o senador federal pelo Pará o nosso grande amigo e benemerito chefe, o sr. Dr. Lauro Sodré. (...)	<i>Tempora mutantur et nos in illi. (os tempos mudam e nós mudamos com eles)</i> <i>A justiça tarda, mas não falha.</i> <i>Dos arrependidos é o reino dos céos.</i>	Citação? /provérbio? latina bíblica bíblica	a) meio b) carta

ANO/JORNAL	LOCAL / Gênero / Título	TRECHO	PROVÉRPIO	FONTE	OBSERVAÇÕES (posição do provérbio em relação ao texto e ao Gênero).
		O Pará saldou uma dívida de honra com esse ilustre brasileiro, cuja candidatura foi adotada por todos os partidos políticos aqui em atividade. <u>Tempora mutantur et nos in illis.</u> Durante esses longos anos a injustiça cobriu de baldões, de injurias, de ridiculos o nome desse inimitavel republico. Hoje...o elogio chega a causar asco. <u>E' que a justiça da história, embora tardia, chega sempre.</u> (...) Para finalizar, dou-te uma novidade carnavalesca, própria da epocha que atravessamos: estamos sem chefe. O sr. dr. Lauro Sodré, por quem há dezesseis annos nos batemos desassombradamente, tendo-nos até custado sacrificios de vida de companheiros nossos, acaba de ser <i>raptado</i> pelo grupo conservador e apresentado candidato a governador do Estado. Como podes calcular, já hoje aquelle pessoal é mais laurista do que nós, cumprindo-se assim o preceito bíblico: - <u>Dos arrependidos é o reino dos céos.</u>			